

NO TERCEIRO LIVRO DA SAGA DE OZ, VOCÊ IRÁ MERGULHAR NOVAMENTE NESSE MÁGICO UNIVERSO!

EM UMA VIAGEM DE NAVIO, DOROTHY E SEU TIO HENRY SAEM DE FÉRIAS RUMO À AUSTRÁLIA. NO ENTANTO, UMA FORTE TEMPESTADE OS SEPARA.

LOGO, DOROTHY PERCEBE QUE CHEGOU A UMA TERRA MÁGICA, POIS SUA GALINHA BILLINA COMEÇA A FALAR! NESSE LUGAR, A MENINA AINDA SE DEPARA COM OS TERRÍVEIS RODANTES E COM MARMITAS FLORESCENDO EM ÁRVORES. NOVAS AVENTURAS VÃO SURGIR PELO CAMINHO E DOROTHY CONTARÁ COM A AJUDA DO ESPANTALHO, DO HOMEM DE LATA, DO LEÃO COVARDE E, É CLARO, DE GLINDA, A BRUXA BONDOSA.



ISBN 978-65-5651-046-0

L. FRANK BAUM

OZMA DE OZ

BIRUTA



OZMA DE OZ

L. FRANK BAUM

TRADUÇÃO
ELISA ZANETTI

BIRUTA



OZMA DE OZ

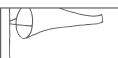
L. FRANK BAUM

TRADUÇÃO

ELISA ZANETTI

São Paulo – 2022

BIRUTA



Título original
OZMA OF OZ

FONTE: BAUM, L. Frank “Ozma of Oz”.
In: The Complete Book of Oz. 1ª Ed. Radford: Wilder Publications, 2007

Copyright texto © L. Frank Baum

Título da edição brasileira
OZMA DE OZ

Coordenação editorial CAROLINA MALUF

Assistência editorial MARCELA MUNIZ

Tradução ELISA ZANETTI

Projeto gráfico CAMILE LEÃO

Diagramação RENATA BRUNI

Revisão EDITORA BIRUTA

Ilustração original de capa JOHN REA NEILL

1ª edição – 2022

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B341o

Baum, L. Frank, 1856-1919

Ozma de oz / L. Frank Baum ; tradução Elisa Zanetti. – 1. ed. –

São Paulo : Biruta, 2022.

240 p. ; 23 cm.

Tradução de: Ozma of oz

ISBN 978-65-5651-046-0

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil americana. I. Zanetti,
Elisa. II. Título. I. Título.

22-78012 CDD: 808.899282
CDU: 82-93(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

26/05/2022 31/05/2022

Edição em conformidade com o acordo ortográfico da língua portuguesa. Todos os
direitos desta edição reservados à Editora Biruta Ltda.

Rua Conselheiro Brotero, 200 — 1º andar A

Barra Funda — Cep 01154-000

São Paulo — SP — Brasil

Tel: (011) 3081-5739 (011) 3081-5741

E-mail: contato@editorabiruta.com.br

Site: www.editorabiruta.com.br

A reprodução de qualquer parte desta obra é ilegal e configura uma
apropriação indevida dos direitos intelectuais e patrimoniais do autor.

Minhas amigas, as crianças, são as responsáveis por este novo “livro de Oz”, assim como foram pelo anterior, intitulado *A maravilhosa Terra de Oz*. Suas amáveis cartinhas ansiavam por saber “mais sobre Dorothy”; e questionavam: “o que aconteceu com o Leão Covarde?” e “o que a Ozma fez depois?” — referindo-se, é claro, ao período em que ela foi governante de Oz.

E alguns deles sugeriram enredos, dizendo: “por favor, faça com que Dorothy volte para a Terra de Oz”; ou, “por que você não faz a Dorothy e a Ozma se conhecerem e se divertirem muito juntas?”.

De fato, para realizar todos os pedidos de meus amiguinhos, seria necessário escrever dúzias de livros. E bem que eu gostaria; gosto de escrever essas histórias, da

mesma forma que as crianças dizem que gostam de lê-las.

Bem, eis “um pouco mais sobre a Dorothy” e nossos velhos amigos, o Espantalho, o Lenhador de Lata, o Leão Covarde, Ozma e todos os outros; temos também muita coisa sobre um pessoal novo que é meio estranho e esquisito. Um amiguinho, que leu a história antes de ser publicada, disse para mim: “Bilina é mesmo uma típica habitante de Oz, senhor Baum, assim como Tic-Tac e o Tigre Faminto”. Se essa crítica for imparcial e correta, e se os pequenos acharam a história “bem ao estilo de OZ”, ficarei, de fato, muito feliz de tê-la escrito. E talvez receba mais dessas cartas acolhedoras de meus leitores, dizendo o quanto gostaram de *Ozma de Oz*.

Enfim, assim espero.

L. Frank Baum.
MACATAWA, 1907.

SUMÁRIO

A MENINA NO ENGRADADO DAS GALINHAS	9	AS ONZE TENTATIVAS	145
A GALINHA AMARELA	19	AS RISADAS DO REI ANÃO	153
LETRAS NA AREIA	31	DOROTHY TENTA SER CORAJOSA	161
TIC-TAC, O HOMEM-MÁQUINA	41	BILINA ASSUSTA O REI ANÃO	173
DOROTHY ABRE A MARMITA DE JANTAR	53	ROXO, VERDE E DOURADO	183
AS CABEÇAS DE LANGWIDERE	63	O ESPANTALHO VENCE A LUTA	193
OZMA DE OZ PARTE PARA O RESGATE	83	O DESTINO DO LENHADOR DE LATA	203
O TIGRE FAMINTO	95	O REI DE EV	213
A FAMÍLIA REAL DE EV	105	A CIDADE DAS ESMERALDAS	221
O GIGANTE COM A MARRETA	117	O CINTURÃO MÁGICO DE DOROTHY	229
O REI ANÃO	129		

A
MENINA
NO
ENGRADADO
DAS
GALINHAS

O vento soprou com força e agitou a água do mar, criando ondulações na superfície. Foi então empurrando as extremidades das ondulações, formando ondas, depois as agitou até se tornarem vagas. Elas cresciam, chegando a alturas assustadoras: ficaram mais altas até que os topos das casas. Algumas delas poderiam alcançar ainda o topo de grandes árvores, pareciam montanhas, e o fosso entre elas assemelhava-se a um vale profundo.

E toda essa agitação desenfreada das águas do grande oceano, causada pelo vento perverso, sem nenhum motivo aparente, resultou em uma terrível tempestade. E uma tempestade no oceano pode pregar muitas peças e causar muito estrago.

No momento em que o vento começou a soprar, uma

embarcação navegava bem ao longe. Quando as ondas começaram a se quebrar, agitar-se e crescer mais e mais, o navio se pôs a balançar para cima e para baixo e a se inclinar — primeiro para um lado, depois para o outro —, sacudindo-se tão bruscamente que até os marinheiros tinham de se segurar com força nas cordas e nos corrimãos para não serem arremessados pelo vento ou jogados subitamente no mar.

As nuvens estavam tão densas no céu que a luz do sol não conseguia atravessá-las, tornando o dia tão negro quanto a noite, acrescentando mais uma pitada de horror à tempestade.

O capitão do navio não estava com medo, ele já havia passado por outras tempestades, e navegara por elas em segurança. Mas como sabia que os passageiros estariam em perigo no convés, mandou todos à cabine, dizendo que ficassem ali até a tempestade acabar, que se mostrassem corajosos e não tivessem medo, pois tudo ficaria bem.

Pois bem, entre os passageiros estava uma garotinha do Kansas chamada Dorothy Gale; ela viajava com seu tio Henry à Austrália, para visitar parentes que nunca tinham visto antes. Tio Henry não estava muito bem, é importante que você saiba, ele trabalhara tanto em sua fazenda no Kansas, que perdeu a saúde e ficou muito fraco e nervoso.

Por isso, deixou em casa a tia Em cuidando da fazenda e dos empregados e viajou para a Austrália, uma terra bem distante, para visitar os primos e poder descansar.

Dorothy queria muito acompanhá-lo nessa viagem; ele, achando que a menina seria uma boa companhia e ajudaria a animá-lo, decidiu levá-la. A menina já tinha uma experiência considerável em viagens. Afinal, fora carregada por um ciclone para um lugar bem longe de casa, até a maravilhosa Terra de Oz, além de já ter passado por inúmeras aventuras nesse estranho país antes de conseguir voltar para o Kansas. Por isso, não importava o que acontecesse, ela não se assustava facilmente, e quando o vento começou a uivar e assobiar, e as ondas começaram a se quebrar e agitar-se, nossa garotinha não se abalou nem um pouquinho.

— Mas é claro que precisamos ficar nas cabines — Dorothy falou para o tio e para outros passageiros. — Precisamos ficar o mais tranquilos possível, até a tempestade acabar, porque, como o capitão disse, se formos para o convés, podemos ser arremessados para fora do navio. É claro que ninguém queria arriscar-se a sofrer esse tipo de acidente. Assim, todos ficaram aglomerados na cabine escura, ouvindo a tempestade diminuir, o ranger dos mastros e dos cordames, tentando não esbarrar uns

nos outros enquanto o navio sacolejava sem parar.

Dorothy já estava quase dormindo quando despertou com um susto ao descobrir que tio Henry tinha sumido. Ela não podia imaginar para onde ele teria ido e, como estava fraco, a menina começou a se preocupar, temendo que o tio tivesse tido a imprudência de ir para o convés. Nesse caso, ele estaria em perigo, a menos que voltasse imediatamente.

Na verdade, tio Henry fora deitar-se no beliche, porém Dorothy não sabia disso. Lembrava-se apenas de que a tia Em havia pedido que tomasse conta dele, então, na mesma hora, a garota decidiu ir procurá-lo no convés, apesar de a tempestade estar pior do que nunca, fazendo o navio agitar-se de uma maneira assustadora. A verdade é que a garotinha achou que subir as escadas para o convés era o mínimo que poderia fazer. Assim que ela chegou lá, o vento soprou tão forte que quase lhe arrancou a barra do vestido. Mesmo assim, Dorothy sentiu uma certa exaltação ao enfrentar a tempestade. Agarrada ao corrimão, procurava enxergar em meio à escuridão e pensou ter avistado a silhueta indistinta de um homem segurando-se a um mastro não muito longe de onde ela estava. Como poderia ser o tio, ela gritou o mais alto que pôde:

— Tio Henry! Tio Henry!

Mas o vento guinchava e uivava tanto, que ela mal conseguia ouvir a própria voz, e o homem certamente também não a ouviu, pois não se mexeu.

A menina decidiu aproximar-se dele; num momento em que a tempestade amainou um pouco, ela correu até um enorme engradado cheio de galinhas que fora amarrado com cordas no convés. Chegou lá em segurança. Porém, pouco antes de ela agarrar as ripas do engradado, o vento, como se enfurecido pela ousadia da menina em resistir à sua força, de repente redobrou sua fúria. Com um berro semelhante ao de um gigante raivoso, ele arrebentou as cordas que prendiam o engradado e levantou-o no ar, com Dorothy agarrada às ripas. Ficou rodopiando ali em volta, subindo e descendo, deslocando-se de um lado para outro e, alguns segundos depois, o engradado caiu bem longe, no mar, onde as imensas ondas o pegaram, empurraram-no para o alto, para a crista espumante, depois para baixo, no vale profundo, como se, para elas, aquilo não passasse de uma brincadeira.

É verdade que Dorothy deu um bom mergulho, mas nem por um segundo perdeu a cabeça. Manteve-se bem agarrada às fortes ripas, e assim que pôde limpar a água dos olhos, viu que o vento havia arrancado a parte de cima do engradado: as galinhas indefesas estavam boiando para

todos os lados, sendo empurradas pelo vento até ficarem parecendo espanadores sem o cabo. A base do engradado era feita de tábuas grossas, por isso a menina sentiu com se estivesse segurando uma espécie de jangada com bordas de ripas que aguentavam perfeitamente seu peso. Depois de expelir água pela garganta, ela recuperou o fôlego e conseguiu subir nas ripas e se pôr de pé naquela sólida base.

“Ora, pelo menos agora eu tenho um barco!”, pensou, mais bem-humorada do que assustada ante sua repentina condição; daí então, quando o engradado subiu para a crista de uma grande onda, ela procurou ansiosamente pelo navio, de onde tinha sido arremessada pelo vento.

Estava longe, bem longe, àquela altura. Talvez ninguém a bordo tivesse notado sua ausência nem soubesse de sua estranha aventura. O engradado a arrastou para um fundo vale entre as ondas, e quando subiu em uma nova crista, o barco parecia de brinquedo e estava muito longe. Logo ele sumiu por completo na escuridão. Então Dorothy suspirou com tristeza por ter se separado do tio Henry e começou a se perguntar o que iria acontecer com ela em seguida.

Naquele exato momento, ela era lançada de um lado para o outro no enorme oceano, nada a mantinha à tona além de um releu engradado com uma tábua no assoalho e ripas nas laterais, nas quais a água espirrava constantemente e a

molhava até os ossos! E não teria nada para comer, quando ficasse com fome — tinha certeza que em breve ficaria — nem água para beber, nem roupas secas para vestir.

— Bem, vou dizer uma coisa! — ela exclamou com uma gargalhada. — Você está em uma bela enrascada, Dorothy Gale, pode acreditar! E não tenho a mínima ideia de como você vai sair dessa!

Para piorar ainda mais as coisas, a noite ia caindo devagar, e as nuvens cinzentas lá em cima ficaram pretas feito breu. Contudo, o vento, parecendo agora finalmente satisfeito com todas as suas maldosas travessuras, parou de agitar o oceano e correu para longe, indo a outra parte do mundo, para soprar alguma outra coisa; dessa forma, como as ondas não sofriam mais o sopro do vento, começaram a se acalmar e a se aquietar.

Creio que Dorothy teve sorte de a tempestade diminuir; senão, por mais corajosa que fosse, temo que ela não fosse sobreviver. No seu lugar, muitas crianças teriam chorado, entregando-se ao desespero; mas, como a garota já havia passado por muitas aventuras e saído ilesa de todas elas, nem lhe ocorreu ficar por demais assustada.

Ela estava molhada e incomodada, é verdade, mas, depois de dar um suspiro, aquele suspiro de que já falei, Dorothy conseguiu recuperar um pouco da alegria

costumeira e decidiu esperar pacientemente o seu destino, qualquer que fosse ele.

Pouco a pouco as negras nuvens foram se afastando, deixando ver o céu azul com uma lua prateada brilhando mansamente ao centro. As estrelinhas piscavam alegremente para a menina quando ela as olhava. O engradado das galinhas tinha parado de girar, cavalgava as ondas mansamente — como o balançar de um berço — por isso não entrava mais água por entre as ripas. Observando isso, e cansada pela grande excitação das últimas horas, a garota tinha decidido que dormir seria o melhor jeito de se recuperar e de fazer o tempo passar. O chão estava ensopado, e ela mexia o corpo também ensopado, mas felizmente o clima era quente, e ela não sentia frio.

Assim, Dorothy sentou-se em um canto do engradado, apoiou as costas nas ripas, acenou para as estrelas amistosas, fechou os olhos e adormeceu em meio minuto.



A
GALINHA
AMARELA

Um barulho esquisito acordou Dorothy, que abriu os olhos e descobriu que havia amanhecido e o sol brilhava num céu azul. Ela tinha sonhado que estava de volta ao Kansas, brincando no velho celeiro, com os bezerros, porcos e galinhas a sua volta; e a princípio, quando esfregava os olhos para espantar o sono, a garota realmente pensou que estivesse lá.

— Cocó, cóóó! Cóóó! Cocó, cóóó!

Ah, aí estava mais uma vez o barulho esquisito que a acordara. Certamente era uma galinha cacarejando! Mas seus olhos bem abertos viram primeiro, por entre as ripas, as ondas azuis do mar, agora calmo e plácido, e os pensamentos de Dorothy voltaram para a noite anterior, cheia de perigos e desconforto. Também começou a se lembrar

de que era uma órfã da tempestade, à deriva em um mar traiçoeiro e desconhecido.

— Cocó, cóóó! Cóóó! Cocó, cóóó!!

— O que é isso? — gritou Dorothy, levantando-se de um pulo.

— Ora, eu só pus um ovo, só isso — respondeu uma voz baixa, porém afiada e distinta. Olhando em volta, a menina encontrou uma galinha amarela agachada no canto oposto do engradado.

— Nossa! — exclamou espantada. — VOCÊ estava aqui a noite toda também?

— É claro — a galinha respondeu, agitando as asas e bocejando. — Quando voamos para fora do navio, me agarrei na mesma hora neste canto, com o bico e as garras, pois sabia que se caísse na água com certeza me afogaria. De fato, do jeito que as coisas estavam, quase me afoguei com aquele tanto de água em cima de mim. Nunca fiquei tão encharcada em toda minha vida!

— Sim, eu sei — concordou Dorothy. — Tudo ficou bem molhado por um tempo. Mas agora você está se sentindo bem?

— Não muito. O sol ajudou a secar minhas penas, assim como secou o seu vestido, e me sinto melhor depois de ter posto meu ovo matinal. Mas o que será de nós, flutuando nesta lagoa imensa?!

— Bem que eu queria saber — disse a menina. — Mas me diga uma coisa: como você consegue falar? Eu pensava que galinhas só cacarejavam.

— Ora, quanto a isso... — disse a galinha amarela, pensativa. — Eu cacarejei minha vida toda e, pelo que me lembro, nunca falei uma única palavra até hoje de manhã. Mas, há um minuto, quando você fez uma pergunta, achei a coisa mais natural do mundo respondê-la. Então eu falei, e parece que continuo falando, assim como você e os outros seres humanos. Estranho, não é?

— Muito — Dorothy respondeu. — Se essa fosse a Terra de Oz, eu não acharia tão esquisito, lá muitos animais conseguem falar, é um país encantado. Mas este oceano deve ficar muito longe de Oz.

— Como está minha gramática? — perguntou a galinha amarela, ansiosa. — Você acha que eu falo bem?

— Sim — a menina respondeu —, você se sai muito bem para uma principiante.

— Que bom — disse a galinha, e continuou, em tom confidencial —, pois se alguém vai falar, que seja de forma correta. O galo vermelho sempre dizia que o meu cacarejo era perfeito. E agora é ótimo saber que estou falando corretamente.

— Estou começando a ficar com fome — observou

Dorothy. — Está na hora do café da manhã, mas não tem nada de café.

— Você pode pegar meu ovo — falou a galinha amarela. — Eu não me importo, sabe?

— Você não quer chocá-lo? — a menininha perguntou, surpresa.

— Na verdade, não; nunca quis saber de chocar ovos, a não ser que eu estivesse em um belo e confortável ninho, em um lugar tranquilo, com treze ovos embaixo de mim. Treze é o número da sorte para galinhas, sabia? Então você pode muito bem comer o ovo.

— Oh, não vou comê-lo de JEITO NENHUM, só se estivesse cozido — exclamou a garota. — Mas, de qualquer forma, fico muito grata por sua gentileza.

— Não há de quê, querida — respondeu tranquilamente a galinha, e começou a alisar as penas.

Por um momento Dorothy ficou olhando o vasto oceano, embora ainda pensasse no ovo, mas logo perguntou:

— Por que você bota ovos se não vai chocá-los?

— É um hábito meu — respondeu a galinha amarela —, sempre foi motivo de orgulho botar um ovo a cada manhã, exceto quando estou trocando as penas. Só consigo dar o cacarejo matinal quando o ovo está devidamente posto e, se não puder cacarejar, não ficarei feliz.

— É estranho — a menina falou, pensativa. — Mas como não sou uma galinha, deve ser normal eu não entender.

— É verdade, minha querida.

Então Dorothy ficou em silêncio novamente. A galinha amarela lhe servia de companhia, o que lhe dava um pouco de conforto, mas era terrivelmente solitário ficar ali em meio àquela vasta extensão de água.

Passado um tempo, a galinha voou e empoleirou-se na mais alta ripa do engradado, um pouco acima da cabeça de Dorothy, que estava sentada no chão havia algum tempo.

— Olha, não estamos longe da terra firme! — a galinha exclamou.

— Onde? Onde ela está? — Dorothy gritou, pulando alvoroçadamente.

— Ali, um pouco adiante — a galinha disse acenando com a cabeça numa determinada direção. — Parece que estamos sendo carregadas para lá e, antes do meio-dia, poderemos estar em terra firme novamente.

— Adoraria isso! — a menina falou, com um leve suspiro, pois, de tempos em tempos, a água que entrava pelas ripas abertas molhava seus pés e pernas.

— Eu também! — sua companheira respondeu. — Não há nada mais triste no mundo do que uma galinha molhada.

A terra, da qual pareciam estar se aproximando rapidamente — pois ficava mais visível a cada minuto — era bonita, avistada pela garotinha do engradado flutuante. Lá adiante se via uma vasta praia com areia branca e cascalhos; mais além, havia diversas colinas rochosas e, para além delas, avistava-se uma faixa de árvores verdes marcando o limite de uma floresta. Mas não havia sinal de casas nem de pessoas que pudessem habitar aquela terra desconhecida.

— Espero encontrar alguma coisa para comer — Dorothy falou, olhando ansiosamente para a bela praia da qual se aproximavam. — Agora já passou muito da hora do café da manhã.

— Estou com um tiquinho de fome também — declarou a galinha.

— Por que você não come o ovo? — perguntou a menina. — Você não precisa comer comida cozida como eu.

— Você acha que sou canibal? — a galinha gritou, indignada. — Não sei o que eu disse ou fiz para você me insultar!

— Mil perdões, senhora... senhora... a propósito, posso perguntar seu nome, senhora? — indagou a menininha.

— Meu nome é Bill — respondeu a galinha, de má vontade.

— Bill! Ora, isso é nome de menino.

— Que diferença faz?

— Você é uma senhora galinha, não é?

— É claro. Mas, quando estava sendo chocada, ninguém sabia se eu iria ser uma galinha ou um galo, então o garotinho da fazenda em que nasci me chamou de Bill e me escolheu para ser seu animal de estimação, pois eu era a única galinha amarela de toda a ninhada. Quando cresci e ele notou que eu não cantava nem brigava, como os galos fazem, não pensou em mudar meu nome. E todos os animais do terreiro, assim como as pessoas da casa, me chamavam de Bill. Então sempre fui chamada de Bill, e Bill é meu nome.

— Mas isso não está certo, sabe? — Dorothy declarou, séria. — E se você não se importar, chamarei você de “Bilina”. Colocando o “ina” no final, vira nome de menina.

— Oh, não me importa nem um pouco — a galinha amarela respondeu. — Não me importa de modo algum o jeito como você me chama, só preciso saber que o nome significa: EU.

— Certo, Bilina. MEU nome é Dorothy Gale, só Dorothy, para os amigos, e senhorita Gale, para os estranhos. Você pode me chamar de Dorothy, se quiser. Nós estamos nos aproximando da costa. Você acha que é muito fundo para eu caminhar até lá?

— Espere mais alguns minutos. O sol está quente e agradável, e não estamos com pressa.

— Mas meus pés estão ensopados — disse a garota. — O vestido está seco, mas só me sentirei realmente bem quando secar meus pés.

De qualquer modo, ela esperou, como a galinha aconselhou. E logo o grande engradado deslizou suavemente na areia da praia, e a viagem perigosa terminou. E pode acreditar que não demorou muito para as náufragas alcançarem a costa. A galinha amarela voou até a areia no mesmo instante, mas Dorothy teve de escalar as altas ripas. Entretanto, para uma garota do campo, isso não era problema. Assim que se achou segura em terra, tirou os sapatos e as meias e estendeu-os para secar na praia banhada pelo sol quente.

Então sentou-se e ficou observando Bilina, que estava revolvendo areia e gravetos com o bico pontudo e as garras afiadas.

— O que você está fazendo? — Dorothy perguntou.

— Tomando meu café, ora — a galinha murmurou, continuando a ciscar.

— E o que você encontrou? — a menina perguntou, curiosa.

— Ah, algumas formigas vermelhas gorduchas, uns

insetos de areia e um ou outro caranguejinho minúsculo. Eles são bem doces e gostosos, pode acreditar.

— Que horrível! — exclamou Dorothy, espantada.

— O que é horrível? — a galinha perguntou, erguendo a cabeça com os olhos brilhando, para fitar sua companheira.

— Ora, comer criaturas vivas, insetos nojentos e formigas. Você deveria sentir VERGONHA de si mesma!

— Minha nossa Senhora! — retrucou a galinha, surpresa. — Como você é estranha, Dorothy! Criaturas vivas são muito mais frescas e saudáveis do que as mortas. E vocês homens comem todo tipo de criaturas mortas.

— Não comemos! — Dorothy falou.

— Comem sim! — Bilina respondeu. — Vocês comem carneiros, ovelhas, vacas, porcos e até galinhas.

— Mas nós os cozinhamos — Dorothy respondeu, triunfante.

— E que diferença faz?

— Toda — a menina respondeu num tom mais severo —, não sei exatamente explicar a diferença, mas ela existe. E, além disso, nunca comemos criaturas tão nojentas como INSETOS.

— Mas vocês comem galinhas que comem insetos — replicou a galinha amarela, com um estranho cacarejo.

— Então vocês são tão ruins quanto as galinhas.

Isso deixou Dorothy pensativa. O que Bilina dissera era verdade e quase tirou seu apetite para o café da manhã. Quanto à galinha, continuou ocupada ciscando na areia, parecendo satisfeita com o cardápio. Por fim, já perto da beira d'água, Bilina enfiou bem fundo o bico na areia, depois o retirou e sacudiu-se.

— Ai! Acabei de bater em um metal e quase quebrei meu bico.

— Provavelmente era uma pedra — a menina falou, sem se preocupar.

— Que absurdo. Acho que sei a diferença entre uma pedra e um metal — disse a galinha. — São bem diferentes.

— Mas é impossível haver algum metal nesta costa selvagem e deserta — a garota insistiu. — Onde foi? Vou cavar e provar que tenho razão.

Bilina mostrou o lugar onde deu uma topada com o bico, como ela mesma disse, e Dorothy foi cavando a areia até encontrar algo mais duro. Então, agarrou a coisa com a mão, puxou-a para fora e descobriu que era uma grande chave dourada, um tanto velha, mas ainda reluzente e em perfeito estado.

— Não falei? — exclamou a galinha com um cacarejo triunfante. — Sei reconhecer um metal quando dou de cara,

ou melhor, de bico, com um, ou vai me dizer que essa coisa é uma pedra?

— Com certeza é um metal — a menina respondeu, olhando pensativa e curiosa para o que tinha encontrado.

— Acho que é de ouro maciço e deve ter ficado escondida na areia por um bom tempo. Como você acha que veio parar aqui, Bilina? E o que será que esta chave misteriosa abre?

— Não sei, você deveria saber mais de fechaduras e de chaves do que eu — a galinha respondeu.

Dorothy olhou em volta. Não via sinal de nenhuma casa naquela região, mas pensou que cada chave deve ter uma fechadura e cada fechadura deve ter uma finalidade. Talvez alguém que more bem longe, mas que já tenha passado por esta costa, tenha perdido a chave. Analisando as possibilidades, a menina a colocou no bolso do vestido e foi calçando devagar as meias e os sapatos, que o sol secara por completo.

— Bilina, acho que vou dar uma volta e ver se encontro alguma coisa para comer — falou.



LETRAS NA AREIA

Afastando-se da beira da água, indo em direção à floresta, Dorothy chegou a uma faixa plana de areia branca com estranhas marcas na superfície. Ao que parecia, alguém tinha escrito algo com um graveto.

— O que está escrito? — Dorothy perguntou para a galinha amarela, que trotava ao seu lado toda empertigada.

— Como vou saber? — respondeu a galinha. — Eu não sei ler.

— Nossa, você não sabe?

— Claro que não, nunca fui à escola, sabe?

— Bem, eu já — Dorothy disse —, mas como as letras são grandes e estão muito separadas, é difícil decifrar as palavras.

Mas ela examinou cada letra com cuidado e finalmente

descobriu o que estava escrito na areia:

CUIDADO COM OS RODANTES!

— Que estranho — falou a galinha quando Dorothy leu as palavras em voz alta. — O que você acha que são os Rodantes?

— Pessoas que usam veículos com rodas, eu acho. Podem ser carrinhos de mão, carrinhos de bebês ou carrinhos — falou a menina.

— Talvez sejam carros — opinou a galinha amarela. — Ninguém precisa ter cuidado com carrinhos de bebê ou carrinhos de mão, mas automóveis são perigosos. Muitos amigos meus foram atropelados por eles.

— Não é possível que sejam carros — a garota retrucou. — Este é um país selvagem, não tem nem bonde nem telefones. Tenho certeza de que ainda não descobriram os povos que vivem aqui, se é que EXISTEM. Então não podem ser carros, Bilina.

— Talvez não — admitiu a galinha. — Para onde você está indo agora?

— Até aquelas árvores, para ver se encontro alguma fruta ou noz — a menina respondeu.

Ela foi arrastando os pés pela areia, desviou-se de um montinho de pedras que havia no caminho, e logo chegou ao limite da floresta.

De início, Dorothy ficou muito decepcionada, pois as árvores mais próximas eram punas, algodoeiros e eucaliptos, que não davam nem frutas nem castanhas.

Mas a certa altura, quando já perdia as esperanças, a garota deparou-se com duas árvores que, pelo visto, poderiam dar muita comida. Uma estava cheia de caixas de papel quadradas, que se distribuíam em cachos em todos os galhos e, na parte de cima da caixa mais alta e madura, estava escrita, com letras em relevo e bem nítidas, a palavra “Almoço”. Essa árvore parecia ficar carregada o ano todo, pois havia marmitas florescendo em alguns galhos, e outras marmitas bem pequenas, ainda bem verdes, que com certeza só poderiam ser consumidas quando ficassem maiores.

Todas as folhas da árvore eram guardanapos de papel, o que muito agradou à garotinha faminta.

Mas a árvore ao lado da árvore de marmitas de almoço era ainda mais incrível, pois carregava marmitas de lata de jantar, tão cheias e tão pesadas que os fortes galhos vergavam sob seu peso. Algumas eram pequenas e de cor marrom escura; as maiores, de tom metálico e sem brilho; as mais maduras, porém, eram de um metal reluzente que, sob os raios de sol, brilhavam e cintilavam que era uma beleza.

Dorothy estava encantada, e até a galinha amarela admitiu estar admirada.

A garotinha ficou nas pontas dos pés, pegou uma das melhores e maiores marmitas, então sentou-se no chão e apressou-se em abri-la. Lá dentro encontrou, muito bem embrulhados em papel branco, um sanduíche de presunto, um pedaço de pão-de-ló, pickles, uma fatia de queijo fresco e uma maçã. Cada um desses petiscos tinha seu caule, por isso precisava ser colhido da caixa. Dorothy achou tudo delicioso e só parou de comer quando a comida acabou.

— Um almoço não é a mesma coisa que um café da manhã — falou para Bilina, que estava sentada ao lado dela observando-a, curiosa. — Mas, quando a fome aperta, dá até para jantar de manhã e não reclamar.

— Sua marmita estava bem madura? — perguntou a galinha amarela, um tanto preocupada. — Muitos podem ficar doentes se comerem alimentos ainda verdes.

— Ah, tenho certeza de que estava madura — Dorothy falou. — Tudo, exceto os pickles, porque os pickles têm de ser verdes, Bilina. E estava mais gostoso do que comida de quermesse! Acho que vou pegar uma marmita de jantar para comer quando eu ficar com fome de novo, e então poderemos começar a explorar este lugar e descobrir onde estamos.

— Você tem ideia de que país é este? — Bilina perguntou.

— Nenhuma ideia. Mas tenho certeza de que estamos em uma terra encantada, senão coisas como marmitas de almoço e de jantar não cresceriam em árvores. Além disso, Bilina, uma galinha não conseguiria falar em uma terra civilizada, como o Kansas, onde não existe fada nenhuma.

— Talvez seja a Terra de Oz — falou a galinha, pensativa.

— Não, não pode ser — a garotinha respondeu. — Eu já estive na Terra de Oz e ela é rodeada por um deserto horrível, impossível de ser atravessado.

— Mas então como você conseguiu sair de lá? — Bilina perguntou.

— Eu tinha um par de sapatos prateados, que me levou pelos ares, mas eu o perdi — disse Dorothy.

— Ah, é mesmo? — a galinha amarela falou, um tanto incrédula.

— De qualquer forma, como não há nenhuma costa perto da Terra de Oz, com certeza esta deve ser outra terra encantada — a menina concluiu.

Enquanto falava, ela escolheu uma marmita reluzente e bonita que parecia ter uma alça firme e a puxou do galho.

Então a garota, acompanhada da galinha amarela, saiu de baixo das sombras das árvores e rumou para a costa. Elas já estavam na areia quando de repente Bilina gritou, aterrorizada:

— O que é aquilo?

Dorothy virou-se na mesma hora e viu, saindo de uma trilha que ficava entre as árvores, o ser mais estranho que vira na vida. Tinha a forma de um homem, mas andava, ou melhor, rolava de quatro; suas pernas tinham o mesmo comprimento dos braços, o que as fazia parecidas com as quatro patas de um animal. No entanto, não foi um animal que Dorothy encontrou, pois o ser estava muitíssimo bem vestido, usava roupas bordadas de diferentes cores e um chapéu de palha pendendo garbosamente para um lado da cabeça. Porém, ao contrário dos seres humanos, em lugar de mãos e pés, cresciam rodas na ponta dos braços e pernas. Graças a essas rodas, ele rolava velozmente acima do nível do chão. Mais tarde Dorothy descobriu que essas estranhas rodas eram compostas da mesma substância dura de nossas unhas das mãos e dos pés, e também que todas as criaturas dessa estranha raça já nasciam com aquela característica esquisita. Contudo, na primeira vez que nossa heroína viu um indivíduo dessa espécie — que estava destinada a criar muitos problemas para ela — achou que aquela figura muito bem vestida estava com patins amarrados nos pés e nas mãos.

— Corra! — gritou a galinha amarela, voando para longe assustada. — É um Rodante.

— Rodante? — exclamou Dorothy. — O que é isso?
— Não se lembra do aviso: “Cuidado com os Rodantes”?
Corra, vamos, corra!

Então a menina correu, e o Rodante deu um grito alto e agudo, partindo em disparada em direção a ela.

Olhando para trás enquanto corria, Dorothy avistou uma procissão de Rodantes surgindo da floresta — dúzias e dúzias deles — todos vestidos esplendidamente com peças de roupas finas e todos rolando muito rápido em direção à garota, soltando berros estranhos.

— Eles vão nos pegar com certeza! — a menina falou, ofegante, ainda carregando a pesada marmita de jantar que tinha colhido. — Não consigo correr muito mais, Bilina.

— Suba essa colina, rápido! — disse a galinha.

Dorothy descobriu que estava muito perto da colina de pedras soltas e pontiagudas por onde elas já haviam passado no caminho para a floresta. Naquela hora a galinha amarela estava voando por entre as pedras, e Dorothy a seguiu como pôde, ora escalando o morro, ora caindo nas rochas íngremes, ásperas e acidentadas.

Não estava muito distante dos Rodantes, pois o primeiro deles alcançou a colina um segundo depois dela; mas quando a garota se pôs a subir nas pedras, a criatura parou bruscamente, uivando de raiva e decepção.

Então Dorothy ouviu a galinha amarela rindo, cacarejando de um jeito bem próprio das galinhas.

— Não precisa se apressar, querida. Eles não conseguem nos seguir nessas pedras. Por enquanto, estamos seguras — gritou a galinha.

A menina parou de imediato e sentou-se em uma pedra grande, pois estava completamente sem fôlego.

Agora todos os Rodantes tinham chegado até a base da colina, mas era evidente que suas rodas não subiriam as pedras soltas e pontiagudas, portanto eram incapazes de seguir Dorothy e a galinha até o lugar onde elas tinham se abrigado. Mas eles cercaram toda a base da pequena colina, tornando de imediato a criança e Bilina prisioneiras, já que não conseguiriam descer sem serem capturadas.

As criaturas chacoalharam as rodas dianteiras, ameaçando Dorothy. Ao que parecia, sabiam falar, assim como sabiam emitir aqueles uivos assustadores, pois muitas delas gritaram:

— Nós vamos pegar vocês cedo ou tarde, podem ficar tranquilas que vão virar picadinho!

— Por que vocês são tão cruéis comigo? — Dorothy perguntou. — Não sou deste país e não fiz mal nenhum a ninguém.

— Nenhum mal?! — gritou o que parecia ser o líder.

— Você não colheu nossas marmitas de almoço e de jantar? Você não tem ainda nas mãos uma das marmitas de jantar roubadas?

— Só peguei uma de cada — ela respondeu. — Eu estava com fome, e não sabia que as árvores eram de vocês.

— Isso não é desculpa — replicou o líder, que tinha o traje mais bonito. — A lei aqui diz: quem colher uma marmita de jantar sem permissão, não importa quem seja, deve morrer imediatamente.

— Não acredite nele — Bilina falou. — Tenho certeza de que essas árvores não pertencem a essas criaturas horrosas. Elas são traiçoeiras e, na minha opinião, tentariam nos matar, mesmo se você não tivesse colhido uma marmita de jantar.

— Também acho — Dorothy concordou. — Mas o que devemos fazer?

— Ficar aqui — a galinha amarela sugeriu. — Estamos a salvo dos Rodantes, pelo menos até morrermos de fome. E antes de chegar essa hora, muitas coisas boas podem acontecer.



TIC-TAC, O HOMEM-MÁQUINA

Depois de mais ou menos uma hora, grande parte dos Rodantes já havia rolado de volta para a floresta, deixando apenas três de seu bando para vigiar a colina. Esses se enrolaram como cachorros bem grandes e fingiram dormir na areia. Contudo, nem Dorothy nem Bilina caíram nesse truque, por isso continuaram seguras entre as pedras, sem dar atenção aos astutos inimigos.

Finalmente a galinha, sobrevoando o morro, gritou:

— Olhe, uma trilha!

Na mesma hora Dorothy subiu até onde Bilina estava, e lá havia mesmo um caminho suave entre as pedras. Ele parecia rodear a colina do topo até a base, como um saca-rolha, retorcendo-se aqui e ali, entre as duras rochas, mas mantendo-se sempre plano e fácil de andar.

No início, Dorothy até se perguntou por que os Rodantes não rolaram por essa trilha. Quando, porém, chegou ao final do caminho, descobriu que estava bloqueado com um monte de pedras, de forma que ninguém de fora conseguia vê-lo, e os Rodantes tampouco poderiam usá-lo para subir a colina.

Então a garota foi voltando pela trilha até chegar ao topo da colina, onde havia uma pedra solitária, maior que todas as outras à sua volta. O caminho terminava bem ao lado dela, deixando por um momento Dorothy intrigada, querendo entender, afinal, por que ele fora aberto. Mas a galinha, que seguiu Dorothy o tempo todo e agora estava empoleirada em uma pedra pontuda atrás da garota, comentou de repente:

— Isso lembra uma porta, não acha?

— O que lembra uma porta? — a menina perguntou.

— Ora, essa rachadura na pedra bem na sua frente — respondeu Bilina, cujos olhinhos redondos e aguçados pareciam ver tudo. — Sobe por um lado e desce pelo outro, do topo até o chão.

— O que sobe e desce?

— Ora, a rachadura. Por isso acho que é uma porta de pedra, apesar de eu não ter visto dobradiças.

— É mesmo — disse Dorothy, vendo agora pela primeira

vez a rachadura da pedra. — E aquilo ali não é uma fechadura, Bilina? — acrescentou ela apontando para um buraco redondo e profundo em um dos lados da porta.

— É claro. Se tivéssemos a chave, poderíamos destrancar a porta e ver o que há do outro lado — respondeu a galinha amarela. — Talvez seja uma sala com um tesouro, cheio de diamantes, rubis ou pilhas de ouro ou...

— E a chave de ouro que encontrei na praia? Você acha que serve nessa fechadura, Bilina? — Dorothy falou.

— Teste para ver — sugeriu a galinha.

Então a garota procurou nos bolsos do vestido e achou a chave de ouro. Quando a colocou no buraco da pedra e girou, ouviu-se um repentino estalido; em seguida, com um rangido assustador, que fez um arrepio descer pelas costas da menina, a fachada de pedra tombou para fora, como uma porta com dobradiças, revelando um quartinho escuro.

— Meu Deus! — Dorothy exclamou, encolhendo-se e recuando o máximo que o caminho estreito permitia.

Isso porque, parada na estreita câmara de pedra, se via a silhueta de um homem — pelo menos era o que parecia em meio à penumbra. Era mais ou menos da altura de Dorothy, e seu corpo, redondo como uma bola, era de cobre polido. A cabeça e os membros também eram de cobre, ligados ao

corpo de um jeito peculiar, com placas de metal sobre as juntas, como as armaduras dos cavaleiros de antigamente. Ele estava completamente imóvel, e as partes de seu corpo em que a luz incidia brilhavam como ouro maciço.

— Não tenha medo — falou Bilina de seu poleiro. — Ele não é um ser vivo.

— Notei que não é — respondeu a garota com um longo suspiro.

— É feito só de cobre, como aquele caldeirão velho do celeiro lá de casa — a galinha continuou, virando a cabeça, primeiro para um lado, depois para outro, de modo que os seus dois olhinhos redondos pudessem examinar o objeto.

— Uma vez — a menina falou —, conheci um homem feito de lata, um lenhador chamado Nick Machadinha. Mas ele era um ser vivo como nós, nasceu como um homem de verdade, e só aos poucos seu corpo foi se transformando em lata — primeiro uma perna, depois um dedo, depois uma orelha —, isso porque ele sofria muitos acidentes com a machadinha e se cortava por não tomar cuidado enquanto trabalhava.

— Oh... — disse a galinha numa fungadela, como se não tivesse acreditado na história.

— Mas esse homem de cobre — Dorothy continuou, observando-o com os olhos arregalados —, não é um ser

vivo de jeito nenhum. Por que será que ele foi feito? E por que está trancado neste lugar esquisito?

— É um mistério — comentou a galinha, virando a cabeça para ajeitar com o bico as penas das asas.

Dorothy entrou no quartinho para olhar o homem de cobre pelas costas e assim descobriu um cartão impresso pendurado entre os ombros, preso na nuca por um pino de cobre. Ela soltou o cartão, voltou para a trilha, onde a luz era melhor, e sentou-se em uma laje de pedra para ler o que estava escrito.

— O que está escrito? — perguntou a galinha, curiosa.

A garota leu o cartão em voz alta, pronunciando as palavras maiores com dificuldade:

PRODUZIDO POR FERREIRO & FUNILEIRO

Dotado de Dupla Ação, Superresponsável, Criativo, Fala impecável.

HOMEM-MÁQUINA

Equipado com nosso mecanismo de relógio especial.

Mesmo Sendo uma Máquina, Não um Ser Vivo, Raciocina, Fala, Age e Faz Tudo. Produzido somente em nossa Fábrica de Evna, Terra de Ev.

Qualquer imitação sofrerá as Penas da Lei.

— Que estranho! — disse a galinha. — Você acha que tudo isso é verdade, querida?

— Não sei — respondeu Dorothy, que ainda não havia terminado de ler —, mas veja isso, Bilina:

INSTRUÇÕES DE USO:

Para PENSAR: Dê corda no homem mecânico sob o braço esquerdo, (item no 1)

Para FALAR: Dê corda no homem mecânico sob o braço direito, (item no 2)

Para ANDAR e MEXER: Dê corda no homem mecânico no meio de suas costas (item no 3)

Nota — Este mecanismo tem garantia de funcionamento perfeito por mil anos.

— Bem, vou dizer uma coisa! — arfou a galinha amarela, surpresa. — Se o homem de cobre conseguir fazer metade dessas coisas, ele é uma máquina extraordinária. Mas isso deve ser só enganação, como acontece com todos esses produtos novos.

— Podemos dar corda para ver o que ele faz — sugeriu Dorothy.

— Onde está a chave do mecanismo? — Bilina perguntou.

— Pendurada no pino onde achei o cartão.
— Então vamos testar para ver se ele funciona. Parece que tem garantia de mil anos, mas quem sabe há quanto tempo ele está dentro desta pedra?

A menina já havia tirado a chave do mecanismo do pino.

— O que devo acionar primeiro? — perguntou, tornando a consultar as instruções do cartão.

— Acho que o número um — respondeu Bilina. — É o que faz a máquina pensar, não é?

— Sim — Dorothy falou e deu corda no mecanismo Número Um, sob o braço esquerdo.

— Ele parece não ter mudado nada — observou a galinha em tom de crítica.

— Ora, claro que não, agora ele só está pensando — disse a menina.

— Em que será que ele está pensando?

— Vou dar corda na fala dele. Assim, talvez, ele possa nos dizer — falou Dorothy.

Então ela girou o mecanismo Número Dois, e imediatamente o homem-máquina disse, sem mover nenhuma parte do corpo, além dos lábios:

— Bom di...a, garo...tinha. Bom di...a, senhora galinha.

As palavras soavam um pouco chiadas e roucas, todas pronunciadas em um mesmo tom, sem nenhuma variação de expressão; mas as duas o entenderam perfeitamente.

— Bom dia, senhor — responderam educadamente.

— Obrigado por me salvarem — continuou a máquina, na mesma voz monótona, que parecia funcionar como um fole dentro dele, como aquelas ovelhinhas e gatinhos de brinquedo que fazem barulho quando as crianças apertam.

— Não há de quê — Dorothy respondeu. E, muito curiosa, perguntou: — Como você ficou preso neste lugar?

— É uma lon...ga história — respondeu o homem de cobre. — Mas vou contá-la de for...ma breve: o cruel Rei de Ev, chamado Evol...do, me comprou da Ferreiro & Funileiro, meus fa..bri...can...tes. O Rei costu...mava bater em seus empre...gados até eles morrerem. Porém, ele não conse...guia me ma...tar, porque eu não era um ser vivo e, para morrer, é pre...ciso estar vivo. Então, to...das essas surras não me fize...ram mal e apenas manti...veram meu corpo de co...bre polido. Evol...do, o Rei cruel, tinha uma espo...sa adorável e dez lin...dos filhos — cinco meni...nos e cinco meninas — po...rém, num acesso de raiva ele os ven...deu para o Rei Anão, que, com seus po...deres má...gicos, mudou a aparência de to...dos e os colo...cou em seu palácio subterrâ...neo para servirem de deco...

ração. Passado um tem...po, o Rei de Ev arrependeu-se do ato mal...doso e tentou tirar a es...posa e os fi...lhos do Rei Anão, mas não teve suce...sso. Então, desespe...rado, ele me trancou nesta pe...dra, jogou a cha...ve no oceano, pu...lou atrás dela e se afo...gou.

— Que horror! — Dorothy exclamou.

— É, de fa...to — disse a máquina. — Quan...do me vi aprisionado, gritei por socor...ro até ficar sem voz; fiquei an...dando de um lado para o ou...tro neste quartinho até mi...nha energia acabar; então fi...quei parado pensan...do até a energia que me faz pensar se es...gotar. Depois disso, não me lem...bro mais de nada até você me dar cor...da de novo.

— Que história incrível! — disse Dorothy. — E, como eu pensava, mostra que a Terra de Ev é mesmo uma terra encantada.

— Claro que é, uma má...quina tão perfei...ta quanto eu só pode...ria ser feita numa terra encan...tada — ele respondeu.

— Nunca vi nenhuma no Kansas — disse Dorothy.

— Onde você a...chou a chave para des...trancar a porta? — perguntou a voz mecânica.

— Achei na praia, provavelmente trazida pelas ondas — respondeu a garota. — E agora, senhor, se não se importa,

darei corda nos seus movimentos.

— Ficarei mui...to grato — respondeu a máquina.

Então a menina deu corda no mecanismo Número Três e, na mesma hora, o homem de cobre, de um jeito meio desengonçado e rígido, saiu da caverna, tirou o chapéu de cobre educadamente e, fazendo uma reverência, se ajoelhou diante de Dorothy.

Ele falou:

— Deste mo...mento em diante se...rei seu obediente ser...vo. O que você orde...nar, farei de bom gra...do, se você continuar me dando cor...da.

— Como você se chama? — ela perguntou.

— Tic-Tac — ele respondeu. — Meu antigo se...nhor me deu esse no...me porque mi...nha engrenagem sempre faz TIC quando me dão cor...da.

— Agora estou conseguindo ouvir — falou a galinha amarela.

— Eu também — Dorothy falou. E depois acrescentou ansiosa: — Você não toca, não é?

— Não — Tic-Tac respondeu. — Não tenho ne...nhum desper...tador no meu maqui...nário. Mas posso di...zer as horas e, como nunca dur...mo, posso acordá-la de manhã a ho...ra que quiser.

— Isso é bom — disse a garotinha. — Apesar de eu não

gostar nem um pouco de acordar cedo.

— Você pode dormir tranquila — disse a galinha amarela. — Assim que eu botar meu ovo, Tic-Tac vai saber que é hora de acordá-la.

— Você bota os ovos muito cedo? — Dorothy perguntou.

— Perto das oito horas — disse Bilina. — E nesse horário com certeza todos já devem estar de pé.



DOROTHY ABRE A MARMITA DE JANTAR

— Agora, Tic-Tac, a primeira coisa que precisamos fazer é descobrir um jeito de sair dessas pedras. Os Rodantes estão lá embaixo, sabe, e ameaçaram nos matar.

— Não há mo...tivo para te...mê-los — disse Tic-Tac, as palavras saindo ainda mais devagar de sua boca.

— Por quê? — ela perguntou.

— Porque eles são...

Ele emitiu uma espécie de balbucio e parou bruscamente, agitando as mãos freneticamente, terminando por ficar imóvel de repente, com um braço no ar e o outro erguido firmemente diante dele, com todos os dedos de cobre separados como as pás de um ventilador.

— Ai, meu Deus! — exclamou Dorothy assustada. — O que será que aconteceu?

— Acho que ele desligou — disse a galinha calmamente.
— Você não deve ter dado corda direito.

— Eu não sabia muito bem o quanto girar — respondeu a menina. — Mas da próxima vez vou tentar dar mais corda.

Dorothy contornou o homem de cobre para pegar a chave que deveria estar no pino de sua nuca, porém ela não estava lá.

— Sumiu! — gritou a menina, consternada.

— O que sumiu? — Bilina perguntou.

— A chave.

— Provavelmente caiu quando ele se inclinou para nos cumprimentar — falou a galinha. — Dê uma olhada por aqui para ver se não a acha.

Com a ajuda da galinha, a menina procurou e logo encontrou a chave, que havia caído numa fenda da pedra. Na mesma hora deu corda na voz de Tic-Tac, tendo o cuidado de dar o maior número de voltas possível. Ela achou a tarefa trabalhosa, como você deve saber, se alguma vez tentou dar corda em um relógio, mas as primeiras palavras do homem-máquina foram para garantir a Dorothy que ele não perderia a força por pelo menos vinte e quatro horas.

— Você não me deu corda suficiente da primeira vez — ele falou calmamente. — E como eu contei aquela longa história do Rei Evoldo, é de se imaginar o porquê de mi...nha energia ter aca...bado.

Em seguida a garota deu corda nas engrenagens de movimento, e Bilina lhe sugeriu que guardasse a chave de Tic-Tac no bolso, para não perdê-la de novo.

— Mas agora me fale o que você ia dizer a respeito dos Rodantes — pediu Dorothy, depois de tudo terminado.

— Ora, não há por que te...mê-los — disse a máquina. — Eles ten...tam fazer as pessoas acredi...tarem que são muito assustadores; na ver...dade, porém, eles são até bem ino...fensivos a qualquer um que ouse enfrentá-los. Talvez eles tentem fa...zer mal a uma garô...tinha como você, porque são muito tra...vessos. Mas se eu tivesse um porre...te, eles iriam sair cor...rendo assim que me vissem.

— Você não tem um? — Dorothy perguntou.

— Não — respondeu Tic-Tac.

— E também não vai achar um nessas pedras — falou a galinha.

— Então o que faremos? — perguntou a menina.

— Dê corda nos meus pensa...mentos com força, que eu ten...tarei bolar um outro pla...no — disse Tic-Tac.

Assim, a garota deu corda nas engrenagens de pensamento e, enquanto ele pensava, ela resolveu jantar. Bilina já estava ciscando entre as rachaduras das pedras, tentando achar algo para comer, então Dorothy sentou e abriu a marmita com o jantar.

Na tampa encontrou um pequeno vasilhame cheio de uma deliciosa limonada. Estava tampado com um copo que, ao ser retirado, poderia também ser usado para beber o suco. Dentro da marmita havia três fatias de peru, duas fatias de língua, um pouco de salada de lagosta, quatro fatias de pão com manteiga, uma pequena torta de creme, uma laranja, nove morangos grandes e algumas nozes e passas. Curiosamente, na marmita de jantar as nozes já estavam sem casca, de modo que a menina não teve dificuldade para comer.

A garota pôs o banquete em cima de uma pedra ao seu lado e começou a jantar. Primeiro ofereceu um pouco a Tic-Tac, que recusou, pois, como ele mesmo disse, ele não passava de uma máquina. Depois quis dividir com Bilina, mas a galinha murmurou algo sobre “coisas mortas” e disse que preferia insetos e formigas.

— As árvores de marmitas de almoço e de jantar são dos Rodantes? — Dorothy perguntou a Tic-Tac, enquanto tratava de comer a refeição.

— Cla...ro que não — ele respondeu —, elas per...tencem à família real de Ev, embora a fa...mília real não exista mais, já que o Rei Evoldo pu...lou no mar, e a espo...sa e os filhos foram transfor...mados pelo Rei Anão. Então não sei quem está gover...nando a Terra de Ev agora. Talvez seja

essa a ra...ção para os Rodantes afir...marem que as árvo-
res são deles e pega...rem os almoços e jan...tares para si
mesmos. Porém elas pertencem ao Rei, e você poderá
ver o “E” real estam...pado no fun...do de cada mar...mita
de jantar.

Como Tic-Tac falou, Dorothy encontrou a marca real
ao virar a marmitta.

— Só os Rodantes vivem na Terra de Ev? — a menina
perguntou.

— Não, eles ocu...pam apenas uma peque...na parte
dela, logo de...pois da flo...resta — respondeu a máqui-
na. — Mas sempre foram mal...vados e impertinentes, e
meu antigo mestre, o Rei Evoldo, costu...mava trazer um
chi...cote com ele quan...do saía a passeio, para mantê-
-los sob controle. Quando fui fabri...cado, eles ten...taram
me atropelar e me deram ca...beçadas, mas logo perce...
beram que fui construído com um mate...rial duro demais
para conse...guirem danificá-lo.

— Você parece bem resistente — disse a menina.
— Quem o fabricou?

— A empre...sa Ferreiro & Funileiro, na cidade de
Evna, onde fica o palá...cio real — Tic-Tac respondeu.

— Eles produziram vários iguais a você? — a menina
perguntou.

— Não, eu sou o único ho...mem mecânico automático
que eles consegu...ram fabricar — ele respondeu. — Eles
eram inven...tores incríveis, me criaram e davam um to-
que artís...tico em tudo que faziam.

— Quanto a isso, não tenho a menor dúvida. Agora eles
vivem na cidade de Evna? — Dorothy perguntou.

— Os dois par...tiram — a máquina respondeu. — O se...
nhor Ferreiro era um ar...tista e também um inven...tor.
Ele pintou um qua...dro de um rio que pa...recia tão real,
que ao ten...tar atravessá-lo para pin...tar algumas flo...res
na outra mar...gem, caiu na água e se afo...gou.

— Oh, sinto muito! — exclamou a garotinha.

— O se...nhor Funileiro — continuou Tic-Tac. — cons...
truiu uma escada tão alta que era pos...sível apoiá-la na
Lua. Ele subia ao de...grau mais alto para pegar estre...li-
nhas para colocar nas pontas da co...roa do Rei. Mas o se-
nhor Funileiro gos...tou tanto da Lua que decidiu mo...rar
lá, então empurrou a es...cada para longe, e desde aquele
dia nun...ca mais o vimos.

— A partida dele deve ter sido uma grande perda para o
país — falou Dorothy, que àquela altura já estava comendo
a torta de creme.

— Foi sim — Tic-Tac confirmou —, e tam...bém foi uma
grande per...da para mim, co...mo sou muito comple...xo,

se eu precisar de algum reparo, não conheço nin...guém que possa fazê-lo. Você não tem ideia de co...mo sou cheio de engre...nagens.

— Posso imaginar — disse Dorothy prontamente.

— E agora — continuou a máquina — preciso parar de fa...lar e começar a pensar em um je...to de esca...par des-te lugar — e, para conseguir pensar sem ser perturbado, virou para o lado.

— O melhor pensador que conheci foi o Espantalho — Dorothy disse para a galinha amarela.

— Que disparate! — retrucou Bilina.

— É verdade — falou a menina. — Eu o conheci na Terra de Oz, ele viajou comigo para a cidade do magnífico Mágico de Oz, pois queria ter um cérebro, já que sua cabeça era cheia de palha. Mas sempre achei que ele pensava tão bem antes de ter o cérebro quanto depois que lhe deram um.

— Você acha mesmo que vou acreditar em toda essa baboseira sobre Terra de Oz? — questionou Bilina, que parecia um pouco mal-humorada devido à escassez de insetos.

— Que baboseira? — perguntou a menina, terminando de comer as nozes e as passas.

— Ora, essas histórias impossíveis sobre animais que falam, um homem de lata vivo e um espantalho capaz de

pensar.

— Todos estão lá, pois eu os conheci — disse Dorothy.

— Eu não acredito! — exclamou a galinha, sacudindo a cabeça.

— Isso porque você é muito ignorante — a garota respondeu, sentindo-se um pouco ofendida pelo discurso da amiga Bilina.

— Na Terra de Oz tudo é pos...sível, pois é um país encantado maravilhoso — Tic-Tac comentou virando-se para elas.

— Está vendo, Bilina?! Não foi o que eu disse? — Dorothy berrou, virou-se para a máquina e perguntou ansiosa: — Você conhece a Terra de Oz, Tic-Tac?

— Não, mas ouvi fa...lar — respondeu o homem de cobre. — Ape...nas um grande de...serto a separa da Terra de Ev.

A menina bateu palmas, entusiasmada.

— Que ótimo! — exclamou. — Fico muito feliz por estar perto dos meus velhos amigos. O Espantalho de quem lhe falei, Bilina, é o Rei da Terra de Oz.

— Per...dão, mas ele não é mais o Rei — disse Tic-Tac.

— Ele era quando parti — disse Dorothy.

— Eu sei, no entan...to, houve uma revolução na Terra de Oz, e o Es...pantalho foi deposto por uma sol...dada chamada General Jinjur, que por sua vez foi deposta por

uma garota, tinha chamada Ozma, a herdeira, por direito, do trono. Agora ela governa sob o título de Ozma de Oz — Tic-Tac explicou.

— Isso é novidade para mim — disse Dorothy, pensativa. — Mas imagino que muita coisa deve ter acontecido depois que fui embora da Terra de Oz. Queria saber o que aconteceu com o Espantalho, com o Lenhador de Lata e o Leão Covarde. E também queria saber quem é Ozma, pois nunca ouvi falar dela antes.

Mas Tic-Tac voltara a mergulhar em seus pensamentos e não respondeu.

A menina guardou o resto da comida na marmita, para não desperdiçar iguarias tão boas. E a galinha amarela deixou de lado a própria dignidade para pegar todas as migalhas espalhadas no chão. Ela as comeu avidamente, ainda que antes tivesse fingido desprezar os alimentos de que Dorothy gostava.

Aquela altura Tic-Tac aproximou-se delas e fez sua reverência meio emperrada.

— Façam a gentileza de me acompanhar — ele falou. — Assim, as levarei para a Terra de Ev, onde vocês ficarão mais à vontade. Além disso, eu as protegerei dos Rodantes.

— Certo, estou pronta! — respondeu Dorothy de imediato.

AS CABEÇAS DE LANGWIDERE

Eles avançaram lentamente pelo caminho entre as pedras, Tic-Tac na frente, Dorothy logo em seguida, e a galinha amarela por último, andando a passos largos.

No final da trilha, o homem de cobre abaixou-se e jogou para os lados, sem a menor dificuldade, as pedras que se amontoavam no caminho. Então, voltou-se para Dorothy e disse:

— Permita-me que carregue sua mar...mita de jantar?

De imediato a garota a colocou na mão direita de Tic-Tac, e os seus dedos de cobre se fecharam firmemente sobre a rija alça.

Em seguida, o pequeno grupo marchou pelas areias planas.

Assim que os três Rodantes que ficaram de guarda na colina os viram, começaram a dar aqueles gritos selvagens e rolar rapidamente em direção a eles, para capturá-los ou bloquear-lhes o caminho. Contudo, quando o líder chegou bem perto, Tic-Tac usou a marmita de jantar para golpear a cabeça do Rodante com aquela estranha arma. Talvez não o tenha machucado muito, mas fez um barulhão, e o Rodante soltou um urro e tombou para o lado. No minuto seguinte, subiu nas rodas e rolou para longe o mais rápido que pôde, berrando de medo.

— Falei que eles eram ino...fensivos — Tic-Tac ia dizendo, mas antes que pudesse continuar, outro Rodante os alcançou. CRAC! Foi a marmita de jantar contra a cabeça dele, atirando seu chapéu de palha a metros de distância; e isso também já foi o bastante para esse Rodante. Ele fugiu logo depois do primeiro, e o terceiro não esperou levar o golpe de marmita para juntar-se aos companheiros o mais rápido que as suas rodas conseguiam girar.

A galinha amarela deu um cacarejo de alegria, empo-leirou-se no ombro de Tic-Tac e falou:

— Muito bem feito, meu amigo de cobre! E muito bem pensado também. Agora estamos livres dessas criaturas horrorosas.

Porém, naquele exato momento, um bando de Rodantes

veio rolando da floresta e, aproveitando-se do fato de estarem em maior número, avançaram ferozmente em direção a Tic-Tac. Dorothy segurou firme Bilina nos braços, e a máquina enlaçou a menininha com o braço direito, para melhor protegê-la.

Naquele momento, os Rodantes já os tinham alcançado. BUM! PÁ! PÁ! A marmita de jantar girava em todas as direções, fazendo tanto estrondo quando batia nas cabeças dos Rodantes, que eles ficaram bem mais assustados que machucados e fugiram em pânico. Todos eles, exceto o líder. Ele tropeçou em outro Rodante e caiu duro de costas, e antes que pudesse subir em suas rodas novamente, Tic-Tac já havia apertado os dedos de cobre na gola do deslumbrante casaco de seu inimigo, detendo-o.

— Diga ao seu po...vo para ir em...bora — a máquina ordenou.

O líder hesitou em dar a ordem, então Tic-Tac o chacoalhou, da mesma forma que um terrier chacoalha um rato, até os dentes dele começarem a ranger fazendo um barulho semelhante ao de granizo contra o vidro de uma janela. Então, assim que o Rodante conseguiu recuperar o fôlego, gritou para os outros irem embora, no que foi obedecido imediatamente.

— Agora, você virá conosco...co e nos dirá o que eu que...

ro saber — falou Tic-Tac.

— Você se arrependerá de me tratar dessa forma — o Rodante choramingou. — Sou uma pessoa perigosíssima.

— Quanto a isso, sou ape...nas uma má...quina e não consigo sentir pesar nem ale...gria, não importa o que aconteça. Mas você está comple...tamente enganado de achar que é perigosíssimo — Tic-Tac respondeu.

— Por que diz isso? — o Rodante perguntou.

— Porque nin...guém acha isso. Suas rodas o impedem de machu...car quem quer que se...ja. Pois vo...cê não tem punhos e é incapaz de arranhar e puxar cabe...los. E não tem pés para chutar. A única coi...sa que você consegue fazer é berrar e gritar, e isso não ma...chuca nin...guém de for...ma alguma.

Para a surpresa de Dorothy, o Rodante desfez-se em lágrimas.

— Agora meu povo e eu estamos perdidos para sempre — ele soluçou. — Você descobriu nosso segredo. Como somos indefesos, nossa única esperança é amedrontar as pessoas, fingindo que somos terríveis e escrevendo na areia “Cuidado com os Rodantes”. Até então, assustamos todo mundo, mas agora que você descobriu nossa fraqueza, nossos inimigos virão nos atacar, o que nos deixará infelizes e arrasados.

— Oh não! — exclamou Dorothy, que estava com pena de ver aquele Rodante tão bem vestido tristíssimo. E acrescentou: — Tic-Tac, Bilina e eu vamos guardar seu segredo. Você só tem de prometer que não tentará mais assustar crianças, se elas chegarem perto de você.

— Não vou fazer isso, não vou mesmo! — o Rodante prometeu, parando de chorar e ficando mais alegre. — Na verdade, eu não sou mau, sabe; mas nós precisamos fingir ser, para evitar que outros nos ataquem.

— Não é bem assim...sim — disse Tic-Tac, entrando na trilha da floresta e ainda segurando com firmeza o prisioneiro, que rolava devagar ao seu lado. — Você e seu povo vivem fazendo tra...vessuras e gostam de in...comodar aqueles que os te...mem. E muitas vezes são insolentes e desa...gradáveis. Mas se você ten...tar redimir seus erros, eu não con...tarei a ninguém que vocês são inde...fesos.

— Tentarei, é claro — o Rodante respondeu, todo animado. — E agradeço sua bondade, senhor Tic-Tac.

— Não passo de uma má...quina — Tic-Tac disse. — Não posso ser bon...doso, assim como não posso me arrepen...der ou ficar feliz. Só consigo fa...zer as coi...sas para as quais me dão corda.

— Te deram corda para guardar meu segredo? — perguntou o Rodante, ansioso.

— Sim, se você se com...portar. Mas diga-me: quem gover...na a Terra de Ev agora? — perguntou a máquina.

— Ninguém governa — foi a resposta. — Pois todos os membros da família real são prisioneiros do Rei Anão. Contudo, a princesa Langwidere, sobrinha do falecido Rei Evoldo, vive numa ala do castelo real e tira do tesouro real o máximo de dinheiro que consegue gastar. Sabe, ela na verdade não governa, mas é o mais próximo de um governante que temos agora.

— Não me lem...bro dela, como ela é? — disse Tic-Tac.

— Isso eu não tenho como dizer — respondeu o Rodante —, embora eu a tenha visto vinte vezes, em cada uma delas a princesa Langwidere era uma pessoa diferente. Os seus súditos só a reconhecem pela bela chave de rubi que ela traz em uma corrente presa ao pulso esquerdo. Sabemos que estamos diante da princesa quando vemos a chave.

— Que estranho — falou Dorothy, perplexa. — Você quer dizer que todas essas princesas diferentes são uma única e mesma pessoa?

— Não exatamente — respondeu o Rodante. — Há, é claro, apenas uma princesa, mas ela aparece para nós de diversas formas, e todas são mais ou menos bonitas.

— Ela deve ser uma bruxa — exclamou a garota.

— Acho que não — disse o Rodante. — Embora ela tenha algo de misterioso. É muito vaidosa, passa a maior parte do tempo em um quarto rodeado de espelhos: para onde quer que olhe, pode ficar admirando a própria imagem.

Ninguém respondeu à fala do Rodante, pois ao chegarem à orla da floresta, a atenção de todos se voltou para a paisagem à sua frente: um lindo vale de campos verdejantes e árvores frutíferas, com belas casas de fazenda aqui e ali e, mais à frente, caminhos suaves em todas as direções.

No centro do adorável vale, a cerca de um quilômetro e meio de onde nossos amigos estavam, erguiam-se as altas torres do palácio real, cujo brilho se destacava contra o céu azul ao fundo. O castelo era rodeado por campos encantadores repletos de flores e arbustos. Viam-se muitas fontes murmurantes e trilhas aprazíveis margeadas por fileiras de estátuas de mármore branco.

Naturalmente, Dorothy só pôde notar e admirar todos esses detalhes quando eles já estavam perto do castelo. Ela ainda apreciava a vista quando o pequeno grupo entrou na área do castelo, aproximando-se do grande portão de entrada. Para desapontamento geral, ele estava bem fechado. Nele havia uma placa onde se lia:

.....
O PROPRIETÁRIO NÃO ESTÁ.

FAVOR BATER NA TERCEIRA PORTA DA ALA MAIS AO SUL.
.....

— Pois bem, — falou Tic-Tac para o Rodante prisioneiro —, agora você tem de nos levar para a ala mais ao sul.

— Está certo — concordou o prisioneiro —, é por aqui, no lado norte.

— Como pode a ala sul ser do lado norte? — Dorothy questionou, temendo que o Rodante os estivesse enganando.

— Antes havia três alas, mas como duas foram derubadas, só restou uma ala. Aí podemos dizer que ela é a que fica mais ao sul, e também a que fica mais ao norte, he he... É um truque da princesa Langwidere para evitar visitas indesejadas.

Assim, o prisioneiro os conduziu até a ala e, depois disso, como não precisavam mais dele, o homem-máquina deixou-o ir ao encontro dos companheiros. Mais que depressa, ele fugiu rolando a toda velocidade e logo sumiu de vista.

Naquele instante, Tic-Tac, que estava contando as portas da ala, bateu com força na terceira.

Uma pequena criada de touca enfeitada com belas fitas abriu a porta, fez uma reverência cordial e perguntou:

— Em que posso servir, minha boa gente?

— Você é a princesa Langwidere? — perguntou Dorothy.

— Não, senhorita, sou a criada dela — respondeu.

— Por favor, posso falar com a princesa?

— Vou dizer-lhe que está aqui, senhorita, e pedir que lhe conceda uma audiência — disse a criada. — Por favor, entre e sente-se na sala de visitas.

A menina entrou, seguida de perto pela máquina. Porém, quando a galinha amarela tentou entrar, a criada gritou “xô!”, agitando o avental na cara de Bilina.

— XÔ você! — replicou a galinha, afastando-se raivosa e eriçando as penas. — Você não tem educação?

— Oh, você fala? — perguntou a criada, evidentemente surpresa.

— Escute aqui! — Bilina falou, nervosa. — Solte esse avental, saia da porta e me deixe acompanhar meus amigos!

— A princesa não vai gostar — respondeu a criada, hesitante.

— Não quero saber se ela vai gostar ou não — respondeu Bilina e, fazendo um barulhão, bateu as asas e voou direto em direção à cara da criada, que na mesma hora desviou

a cabeça, permitindo que a galinha chegasse até Dorothy sem problemas.

— Muito bem — a criada suspirou —, se vocês se derem mal por causa dessa galinha teimosa, não venham me culpar. É perigoso perturbar a princesa Langwidere.

— Pode fazer o favor de dizer a ela que a esperamos? — pediu Dorothy, asperamente. — Bilina é minha amiga e irá aonde eu for.

Sem dizer mais nada, a criada os conduziu à sala de visitas ricamente decorada, banhada pelas cores difusas do arco-íris que entravam pelos belos vitrais coloridos das janelas.

— Fiquem aqui — ela falou. — Que nomes devo anunciar à princesa?

— Eu sou Dorothy Gale, do Kansas — respondeu a menina —, este senhor é uma máquina chamada Tic-Tac e a galinha amarela é minha amiga Bilina.

A pequena criada fez uma reverência e se retirou, passou por diversas galerias, subiu duas escadarias de mármore e por fim chegou aos aposentos de sua ama.

A sala de estar da princesa era revestida com grandes espelhos que iam do teto ao chão; o teto era também de espelhos, e o piso de prata polida refletia tudo que se encontrava sobre ele. Assim, quando Langwidere sentava na

poltrona e tocava doces melodias no bandolim, sua imagem era refletida centenas de vezes, nas paredes, no teto e no chão, e para qualquer lado que a dama olhasse, podia admirar as próprias feições. Ela adorava fazer isso e, no exato momento em que a criada entrou, ela dizia para si mesma:

— Esta cabeça com cabelo castanho-avermelhado e olhos amendoados é bem atraente. Vou usá-la mais vezes, embora não seja a melhor de minha coleção.

— Você tem visitas, Alteza — anunciou a criada, fazendo uma medida.

— Quem é? — quis saber Langwidere, bocejando.

— Dorothy Gale, do Kansas, o Sr. Tic-Tac e Bilina — respondeu a criada.

— Que monte de nomes esquisitos! — a princesa murmurou, mostrando-se um pouquinho interessada. — Como eles são? A Dorothy Gale, do Kansas, é bonita?

— Pode-se dizer que sim — a criada respondeu.

— E o senhor Tic-Tac é atraente? — continuou a princesa.

— Isso não sei dizer, Alteza. Mas ele parece brilhante. Sua Excelentíssima Alteza irá recebê-los então?

— Ah, eu poderia, Nanda. Mas já estou cansada de admirar esta cabeça, e se minha visita tiver um quê de

beleza, devo prevenir-me para que não me supere. Então vou ao meu gabinete e trocar para a número 17, que imagino ser minha melhor aparência, não acha?

— A número 17 é incrivelmente maravilhosa — Nanda respondeu com mais uma medida.

A princesa bocejou novamente, depois falou:

— Ajude-me a levantar.

Então Nanda ajudou-a a pôr-se de pé, embora Langwidere fosse a mais forte das duas; e a princesa foi avançando pelo piso de prata da sala, apoiando todo seu peso, a cada passo, nos braços da criada.

Agora preciso explicar a vocês que a princesa Langwidere tinha trinta cabeças — uma para cada dia do mês. Mas é claro que só podia usar uma de cada vez, pois só tinha um pescoço. As cabeças ficavam no que ela chamava de “gabinete”, um lindo quarto de vestir entre a sala de estar e o quarto de dormir. Cada cabeça ficava em um armário forrado de veludo; os armários se distribuíam em toda a volta do quarto de vestir e tinham portas com números talhados em ouro na parte externa e espelhos emoldurados com joias em seu interior.

Ao acordar pela manhã, a princesa levantava da cama de cristal, ia para o gabinete, abria um dos armários forrados de veludo e tirava o conteúdo de uma prateleira

dourada. Então, mirando-se no espelho interno do armário, ajustava a cabeça — da melhor forma possível — depois chamava as criadas para vesti-la. Sempre vestia uma roupa branca simples que combinava com todas as cabeças. Como podia mudar de rosto quando quisesse, ela não fazia a menor questão de variar as vestimentas, como as outras damas, que têm apenas um rosto.

Naturalmente, as trinta cabeças eram muito diferentes entre si, mas todas eram muito encantadoras. Algumas tinham cabelos dourados, castanhos, castanho-avermelhados e pretos; nenhuma delas, porém, tinha cabelos grisalhos. Os olhos eram azuis, cinzentos, amendoados, castanhos e pretos; nenhum, porém, era vermelho, e todos eram belos e brilhantes. Os narizes eram gregos, romanos, orientais ou arrebitados, representando todos os tipos de beleza; as bocas eram de diferentes tamanhos e formatos, revelando dentes perolados quando as cabeças sorriam. Quanto às covinhas, elas apareciam nas bochechas e nos queixos, lá onde se mostravam mais encantadoras. E uma ou duas cabeças tinham sardas nas faces, para contrastar com o brilho da cútis.

Uma chave abria todos os armários revestidos de veludo contendo esses tesouros — uma curiosa chave talhada em um único rubi vermelho-sangue — e ela sempre ficava

atada a uma corrente fina, mas resistente, que a princesa usava no punho esquerdo.

Quando Nanda segurou Langwidere, servindo-lhe de apoio em frente ao armário número 17, a princesa abriu a porta com a chave de rubi, passou para a criada a cabeça número 9, que estava usando até então, pegou a número 17 da prateleira e colocou-a no pescoço. Ela tinha cabelos e olhos pretos e adorável cútis branca perolada. Quando Langwidere a usava, sabia que ficava incrivelmente bonita. Havia apenas um problema com a número 17: o mau gênio que vinha com ela (escondido em algum lugar sob a cabeleira preta acetinada) era assustador, duro e arrogante ao extremo e, muitas vezes, levava a princesa a fazer coisas desagradáveis, das quais se arrependia ao trocá-la por outras cabeças.

Naquele dia, porém, ela não se lembrou disso e foi ao encontro dos desconhecidos na sala de visitas, com a certeza de que iria surpreendê-los com sua beleza.

Mas ela ficou muito desapontada ao descobrir que os visitantes eram apenas uma pequena garotinha com um vestidinho de algodão, um homem de cobre que só se mexia quando alguém lhe dava corda, e uma galinha amarela bem acomodada e satisfeita na melhor cesta de costura da princesa, onde havia um ovo de porcelana que era usado

para cerzir meias (Você pode achar estranho que uma princesa faça coisas tão corriqueiras como cerzir meias, mas se parar para pensar, vai perceber que uma princesa pode ter furos na meia, como qualquer outra pessoa; só que não é muito conveniente tocar nesse assunto).

— Oh, achei que era alguém importante — Langwidere falou, levantando ligeiramente o nariz da número 17.

— Então você estava certa — Dorothy declarou. — Eu sou um bocado importante e, quando Bilina bota um ovo, dá um cacarejo de orgulho como nunca antes se ouviu. Quanto ao Tic-Tac, ele...

— Pare, pare! — ordenou a princesa, soltando uma raiosa faísca dos esplêndidos olhos. — Como ousa me incomodar com essa conversa fiada sem sentido?

— Ora, sua criatura horrível! — disse Dorothy, que não estava acostumada a ser tratada de forma tão rude.

A princesa olhou-a mais atentamente.

— Diga-me — ela retomou —, você tem sangue real?

— Melhor que isso, senhora — disse Dorothy. — Venho do Kansas.

— Humpf! — fez a princesa com desdém. — Você é uma criança tola, e não posso permitir que me perturbe. Saia daqui, sua franguinha, e vá perturbar outra pessoa.

A menina ficou tão indignada que por um momento

não encontrou palavras para responder. Mas levantou-se da cadeira e estava prestes a sair da sala, quando a princesa, que estivera olhando atentamente o rosto de Dorothy, a impediu, dizendo mais gentilmente:

— Aproxime-se.

Dorothy obedeceu, sem um pinga de medo, e ficou diante da princesa enquanto esta examinava seu rosto com muita atenção.

— Você é muito interessante — a dama logo falou. — De forma alguma é bonita, entende? Mas você tem um quê de beleza que é diferente das minhas trinta cabeças. Então, acho que vou trocar sua cabeça pela cabeça número 26.

— Pois eu acho que não! — Dorothy exclamou.

— Recusar não a ajudará em nada — a princesa continuou —, pois preciso de sua cabeça para a minha coleção, e na Terra de Ev meu desejo é lei. Nunca gostei muito da número 26, e você verá que foi pouco usada. Além disso, para todos os efeitos práticos, ela te servirá tão bem quanto esta que você está usando.

— Nada sei da sua número 26 e nem quero saber — respondeu Dorothy com firmeza. — Não costumo pegar coisas usadas, então vou continuar com a minha cabeça.

— Você se recusa? — gritou a princesa, franzindo o cenho.

— Claro que sim — foi a resposta.

— Então, eu a trancarei em uma torre até você decidir me obedecer. Nanda — disse ela à criada —, chame o exército.

Nanda tocou uma sineta de prata e, na mesma hora, entrou na sala um coronel alto e gordo, vestindo um vistoso uniforme vermelho, seguido de dez soldados magros, todos parecendo tristes e desmotivados, e saudaram a princesa com ar melancólico.

— Levem a menina para a Torre Norte e a prendam lá! — gritou a princesa, apontando para Dorothy.

— Seu pedido é uma ordem — o coronel de uniforme vermelho respondeu, pegando a criança pelo braço. Naquele exato momento, porém, Tic-Tac levantou a marmita de jantar e a bateu com tanta força na cabeça do coronel, que este caiu no chão, parecendo atordoado e muito surpreso.

— Socorro! — gritou, e os dez soldados magros apressaram-se a ajudar o líder.

Os momentos seguintes foram de extremo alvoroço. Tic-Tac havia derrubado sete dos soldados, que estavam espalhados para todos os lados no tapete, quando de repente a máquina parou com a marmita de jantar erguida para o golpe seguinte, e permaneceu completamente

imóvel.

— Estou sem cor...da para agir — ele gritou para Dorothy. — Me dê corda, rá...pido.

Ela tentou obedecer, mas àquela altura o coronelzão, que já conseguira ficar de pé, agarrou com força a garota, de modo que ela não conseguia escapar.

— Isso é péssi...mo — disse a máquina. — Eu deve...ria funcionar por mais seis ho...ras, no míni...mo, mas supo...nho que a longa cami...nhada e minha lu...ta contra os Ro...dantes fize...ram com que eu per...desse minha corda mais rá...pido do que de cos...tume.

— Bem, não há o que fazer — Dorothy falou com um suspiro.

— Você vai trocar de cabeças comigo? — a princesa perguntou.

— Claro que não! — Dorothy gritou.

— Então tranquilizem-na! — Langwidere falou para os soldados, e eles levaram Dorothy para a torre mais alta da parte norte do palácio e a prenderam lá dentro.

Depois tentaram levantar Tic-Tac, mas este era tão maciço e pesado que eles não conseguiram movê-lo, por isso o deixaram no meio da sala de visitas.

— As pessoas vão achar que tenho uma nova estátua — Langwidere falou. — Assim sendo, pouco importa, e Nanda

pode mantê-lo polido.

— O que devemos fazer com a galinha? — perguntou o coronel, que tinha acabado de ver Bilina na cesta.

— Coloque-a no galinheiro — a princesa respondeu. — Um dia mandarei fritá-la para o café da manhã.

— Ela parece bem dura, Alteza — Nanda falou em tom de dúvida.

— Isso é uma calúnia! — Bilina gritou, lutando freneticamente nos braços do coronel. — Mas ouvi dizer que minha raça de galinhas é um veneno para princesas.

— Então — Langwidere comentou —, em vez de fritar a galinha, ficarei com ela para botar ovos; e se não cumprir o seu dever, farei com que a afoguem no cocho dos cavalos.



OZMA DE OZ PARTE PARA O RESGATE

Nanda levou pão e água a Dorothy para o jantar, e a garota dormiu em um sofá de pedra dura, com apenas um travesseiro e uma colcha de seda.

Pela manhã, Dorothy debruçou-se na janela de sua prisão na torre para ver se tinha alguma maneira de escapar. O quarto não ficava tão no alto, comparado a construções modernas, mas estava acima das árvores e das casas de fazenda, propiciando uma boa visão dos arredores.

A leste, ela viu a floresta, a areia para além dela e o oceano mais adiante. Via-se até um pontinho escuro na costa, que a garota imaginou ser o engradado de galinhas no qual havia chegado àquela terra singular.

Então olhou para o norte e viu um vale muito profundo, porém estreito, situado entre duas montanhas rochosas.

Uma terceira montanha fechava o vale mais à frente.

A oeste, um pouco depois do palácio, a fértil Terra de Ev terminava subitamente, e a garota podia ver quilômetros e quilômetros de uma extensão de areia, estendendo-se até onde a vista alcançava. Era somente aquele deserto, pensou ela com grande interesse, que a separava da maravilhosa Terra de Oz, e então se lembrou, com pesar, de que lhe haviam dito que ninguém, além dela, conseguira atravessá-lo. Em outra ocasião, ela o atravessou carregada por um ciclone, e um par de sapatos prateados permitiu que ela o cruzasse de volta. Agora, porém, ela não tinha nem ciclone nem sapatos para ajudá-la, e a situação estava realmente complicada. Isso porque se tornara prisioneira de uma princesa mal-humorada que insistia em trocar a cabeça dela por outra a que não estava acostumada e que talvez não lhe servisse de forma alguma.

De fato, parecia não poder esperar nenhum socorro de seus velhos amigos da Terra de Oz. Pensativa, olhou pela janela estreita. Não havia o menor sinal de vida em todo o deserto.

Não, espere! Com certeza alguma coisa ESTAVA se mexendo no deserto — algo que seus olhos não tinham visto antes. Num instante, parecia uma nuvem; em outro, parecia uma mancha de prata; agora, parecia uma massa de

cores do arco-íris vindo em sua direção.

“O que PODERIA ser?”, ela pensou.

Então, aos poucos, mas em um curto espaço de tempo, a massa de cores aproximou-se o bastante para que Dorothy percebesse o que era.

Um imenso tapete verde vinha se desenrolando pelo deserto, enquanto uma incrível procissão avançava sobre ele, e a garota arregalou os olhos para observá-la.

Em primeiro lugar, chegou uma carruagem dourada magnífica, conduzida por um grande leão e um imenso tigre, que trotavam graciosamente lado a lado como uma bem equilibrada parelha de cavalos puro-sangue. E uma linda menina, de pé dentro da carruagem, com vestes de gaze prateada e um diadema de pedrarias na cabeça. Ela segurava em uma das mãos os laços de cetim que guiavam aquela parelha surpreendente e, na outra, uma varinha de condão de marfim com duas pontas no topo. Uma delas era encimada pela letra “O”, a outra pela letra “Z”, formadas por diamantes resplandecentes e fixadas lado a lado.

A garota não parecia nem mais velha nem mais nova que Dorothy, e na mesma hora a prisioneira da torre adivinhou que a adorável condutora da carruagem deveria ser Ozma de Oz, mencionada havia pouco por Tic-Tac. Logo atrás da carruagem, Dorothy viu o velho amigo

Espantalho cavalgando calmamente um cavalo de madeira, que empinava e trotava como qualquer cavalo de carne e osso. E, finalmente, viu Nick Machadinha, o Lenhador de Lata, com seu chapéu em forma de funil inclinado desajeitadamente sobre a orelha esquerda, o machado reluzente sobre ombro direito, e o corpo inteiro cintilando mais ainda do que nos tempos em que ela o conhecera.

O Lenhador de Lata estava a pé, marchava à frente de uma companhia de vinte e sete soldados, uns gordos outros magros, uns baixos outros altos, mas os vinte e sete vestiam garbosos uniformes de diferentes estilos e cores, todos absolutamente diferentes uns dos outros.

Atrás dos soldados o carpete verde se enrolava novamente, deixando espaço suficiente para o cortejo passar, sem que seus pés entrassem em contato com as mortíferas areias do deserto.

Quando Dorothy viu o tapete, percebeu que se tratava de um tapete mágico. E o seu coração bateu forte com esperança e alegria ao perceber que logo seria resgatada e poderia reencontrar seus queridos amigos de Oz — o Espantalho, o Lenhador de Lata e o Leão Covarde.

De fato, assim que reconheceu os membros do cortejo, Dorothy sentiu-se praticamente salva, pois conhecia muito bem a coragem e lealdade dos velhos companheiros,

além de ter certeza de que qualquer um que viesse daquela terra maravilhosa se mostraria uma pessoa confiável e cordial.

Assim que o último trecho de deserto terminou, e os componentes do cortejo, da bela e delicada Ozma ao deradeiro soldado, chegaram aos prados verdejantes da Terra de Ev, o tapete mágico enrolou-se e desapareceu.

Então a guia da carruagem conduziu o leão e o tigre por uma larga estrada que levava ao palácio, e todos os outros os seguiram, enquanto Dorothy observava com atenção e ansiedade da janela da torre.

Pararam ao se aproximarem da porta principal do palácio, e o Espantalho desceu do Cavalo de Madeira para ler o que estava escrito no aviso pendurado na porta.

Dorothy, logo acima dele, não conseguiu continuar calada.

— Estou aqui! — ela gritou, o mais alto que podia. — Dorothy está aqui!

— Que Dorothy? — o Espantalho perguntou, virando a cabeça para cima até quase perder o equilíbrio e cair para trás.

— Dorothy Gale, é claro, sua amiga do Kansas — ela respondeu.

— Ah, olá, Dorothy! — falou o Espantalho. — Que diabinos você está fazendo aí em cima?

— Nada — ela respondeu —, não há nada para fazer aqui. Me salve, meu amigo! Me salve!

— Você parece estar em segurança — o Espantalho respondeu.

— Mas estou presa. Estou trancada, não consigo sair — ela explicou.

— Isso não é problema — disse o Espantalho. — Você poderia estar em uma situação bem pior, pense nisso. Você não vai se afogar nem será atropelada por um Rodante, nem cairá de uma macieira. Alguns se considerariam sortudos por estar aí.

— Bem, eu não me considero — a garota falou. — E quero sair daqui agora mesmo e encontrar você, o Lenhador de Lata e o Leão Covarde.

— Muito bem — falou o Espantalho, acenando. — Você é quem manda, amiguinha. Quem prendeu você?

— A princesa Langwidere, ela é uma criatura horrível — ela respondeu.

Neste ponto, Ozma, que, da carruagem, ouvia atentamente a conversa, gritou para Dorothy e perguntou:

— Por que a princesa prendeu você, querida?

— Porque eu não deixei que ela ficasse com a minha cabeça para incluir em sua coleção, em troca de uma cabeça velha e usada — Dorothy exclamou.

— Entendo perfeitamente — disse Ozma na mesma

hora. — Falarei com a princesa agora mesmo e a obrigarei a soltá-la.

— Oh, muito, muito obrigada! — exclamou Dorothy, que, ao escutar a voz doce de menina da governante de Oz percebeu que iria gostar muito dela.

Ozma conduziu a carruagem até a terceira porta da ala, na qual o Lenhador de Lata, cheio de coragem, bateu.

Assim que a criada abriu a porta, Ozma, segurando a varinha de marfim nas mãos, entrou no vestibulo e foi diretamente para a sala de visitas, seguida de todo o grupo, exceto o Leão e o Tigre. Os vinte e sete soldados faziam tanto barulho e algazarra, que Nanda saiu correndo gritando para sua senhora, ao que a princesa Langwidere, despertando furiosa com a rude invasão do palácio, correu para a sala de estar sem a ajuda de ninguém.

Lá ela ficou diante da pequena e delicada figura da garotinha que governava Oz e gritou:

— Como se atreve a entrar em meu palácio sem ser convidada? Saia daqui imediatamente ou irei amarrar você e sua turma com correntes e os jogarei na masmorra mais escura!

— Que mulher mais perigosa! — o Espantalho murmurou com voz suave.

— Parece estar um pouco nervosa — respondeu o Lenhador de Lata.

Contudo Ozma apenas sorriu para a irritada princesa.

— Sente-se, por favor — ela falou calmamente. — Viajei um longo caminho para encontrá-la, e você deve ouvir o que tenho a dizer.

— Deve?! — a princesa gritou, os olhos negros brilhando de raiva, pois ela estava usando a cabeça número 17. — Deve, para MIM?!

— Caso você não saiba — disse Ozma —, eu governo a Terra de Oz e tenho poder suficiente para destruir todo o seu reino, se eu quiser. No entanto, não vim aqui para fazer nenhum mal, e sim para libertar a família real de Ev da prisão do Rei Anão. Soube que ele mantém a Rainha e seus filhos prisioneiros.

Ao escutar essas palavras, Langwidere de repente se calou.

— Espero que você consiga de fato libertar minha tia e os dez filhos da realeza — ela falou ansiosa. — Pois se eles recuperarem suas formas e postos originais, governarão o Reino de Ev, e isso me poupará de muitas preocupações e problemas. Atualmente, preciso reservar pelo menos dez minutos todos os dias para resolver assuntos do Estado, e gostaria de poder passar todo o meu tempo admirando minhas belas cabeças.

— Então vamos discutir essa questão agora — Ozma

disse —, e tentar achar um jeito de libertar sua tia e primos. Mas primeiro você tem de libertar uma outra prisioneira, a garotinha que você prendeu na torre.

— Mas é claro — respondeu prontamente Langwider. — Havia me esquecido completamente dela. Isso foi ontem, sabe, e não se deve esperar de uma princesa que ela hoje se lembre de algo que fez ontem. Acompanhem-me, e libertarei a prisioneira agora mesmo.

Então Ozma a seguiu, e elas subiram as escadas que levavam ao quarto na torre.

Enquanto elas estavam fora, os acompanhantes de Ozma permaneceram na sala de visitas. O Espantalho apoiava-se numa figura que ele confundiu com uma estátua de cobre, quando de repente uma voz ríspida e metálica falou ao seu ouvido:

— Saia do meu pé, por fa...vor. Você está me arr...nhando o bri...lho.

— Oh, desculpe-me! — ele respondeu, recuando rapidamente. — Você é um ser vivo?

— Não — Tic-Tac respondeu —, sou ape...nas uma má...quina. Mas sou capaz de pen...sar, falar e agir quan...do me dão cor...da devidamente. Neste mo...mento, não estou conse...guindo fa...zer nada, e só Doro...thy pode me dar cor...da.

— Não tem problema — o Espantalho respondeu. — Logo Dorothy estará livre e irá te ajudar com os seus mecanismos. Mas deve ser muito ruim não ser uma criatura viva. Sinto muito por você.

— Por quê? — Tic-Tac perguntou.

— Porque você não tem cérebro como eu — disse o Espantalho.

— Eu tenho sim — respondeu Tic-Tac. — Sou equi...pado com as Com...binações Aprimoradas de Cére...bros de Aço da Ferreiro & Funileiro. Elas é que me fa...zem pensar. Você é equi...pado com que tipo de céré...bro?

— Não sei — o Espantalho admitiu. — Quem me deu um cérebro foi o maravilhoso Mágico de Oz, e não pude examiná-lo antes de o colocarem em mim. Mas ele funciona esplendidamente, e minha consciência é muito ativa. Você tem consciência?

— Não — disse Tic-Tac.

— E nem coração, imagino — acrescentou o lenhador de lata, que ficara ouvindo essa conversa com interesse.

— Não — disse Tic-Tac.

— Então — o Lenhador de Lata continuou —, sinto dizer, mas você é muito inferior ao meu amigo Espantalho e a mim. Pois nós somos seres vivos, e ele tem um cérebro que não precisa de corda, enquanto eu tenho um coração

incrível que bate constantemente no peito.

— Meus para...béns — respondeu Tic-Tac. — Não tenho como não ser infe...rior a vocês, pois sou apenas uma má...quina. Quando me dão cor...da cumpro minhas obri...gações até onde meu maqui...nário me possibilita. Você não faz ideia de co...mo meu maquinário é com...pleto.

— Posso imaginar — o Espantalho falou, olhando curioso para o homem-máquina. — Qualquer dia desses, quero te desmontar e ver como você foi feito.

— Não fa...ça isso, eu im...ploro — Tic-Tac disse. — Você não con...seguirá me montar nova...mente e per...derei toda a minha utilida...de.

— Ah, você é útil? — o Espantalho perguntou, surpreso.

— Muito — respondeu Tic-Tac.

— Nesse caso — o Espantalho prometeu gentilmente —, não vou mexer dentro de você de jeito nenhum. Como sou um péssimo mecânico, posso deixar tudo fora do lugar.

— Obrigado — Tic-Tac disse.

Naquele momento, Ozma voltou para a sala, conduzindo Dorothy pela mão e seguida de perto pela princesa Langwidere.

Θ TIGRE FAMINTΘ

A primeira coisa que Dorothy fez foi abraçar o Espantalho, cujo rosto pintado iluminou-se de alegria, enquanto ele apertava a menina contra o peito recheado de palha. O Lenhador de Lata a abraçou gentilmente, pois sabia que os braços de lata poderiam machucá-la se apertasse com força.

Depois de saudar os amigos, Dorothy tirou a chave do bolso e deu corda em Tic-Tac, para que ele pudesse reverenciar devidamente a todos do grupo. E enquanto a garota fazia isso, contou que Tic-Tac a havia ajudado. Assim o Espantalho e o Lenhador de Lata deram as mãos para a máquina mais uma vez e lhe agradeceram por proteger a amiga.

Então Dorothy perguntou:

— Onde está Bilina?

— Não sei — respondeu o Espantalho. — Quem é Bilina?

— Ela é outra amiga minha, uma galinha amarela — a garota respondeu, preocupada. — O que será que aconteceu com ela?

— Ela está no galinheiro no quintal — a princesa respondeu. — Minha sala de visitas não é lugar para galinhas.

Sem esperar Langwidere terminar de falar, Dorothy correu para pegar Bilina e, logo ao passar pela porta, encontrou o Leão Covarde, ainda atrelado à carruagem ao lado do grande Tigre. O Leão tinha um grande laço de fita azul preso aos compridos pelos entre as orelhas, e o Tigre tinha um laço vermelho na cauda, bem acima da ponta peluda.

No mesmo instante, Dorothy abraçou feliz o grande Leão.

— Estou TÃO feliz em revê-lo! — ela exclamou.

— Também estou feliz em vê-la, Dorothy — disse o Leão. — Nós passamos por grandes aventuras juntos, não é mesmo?

— Sim, é verdade — ela respondeu. — Como você está?

— Mais covarde do que nunca — a fera respondeu com uma voz mansa. — Qualquer coisinha me dá medo e faz meu coração bater mais rápido. Mas, deixe-me apresentar-lhe

um novo amigo, o Tigre Faminto.

— Oh, você está com fome? — ela perguntou, virando-se para o outro animal, que naquele momento dava um enorme bocejo, exibindo duas fileiras de dentes assustadores e uma boca grande o suficiente para amedrontar qualquer um.

— Terrivelmente faminto — respondeu o Tigre, estalando ferozmente as mandíbulas uma na outra.

— Então por que não come alguma coisa? — Dorothy perguntou.

— Não adianta — o Tigre falou com tristeza. — Já tentei isso, mas sempre fico com fome de novo.

— Ora, é do mesmo jeito comigo — a garota falou. — Mas eu continuo comendo.

— Mas você come coisas sem importância, então tudo bem — o Tigre respondeu. — No meu caso, eu sou uma fera selvagem e tenho vontade de comer todos os tipos de criaturas, de esquilos a bebês gordinhos.

— Que coisa tremenda! — disse Dorothy

— Não é mesmo? — replicou o Tigre Faminto, lambendo os lábios com a comprida língua vermelha. — Bebês rechonchudos! Eles não parecem deliciosos? Mas eu nunca comi nenhum, pois minha consciência diz ser errado. Se eu não tivesse consciência, provavelmente comeria bebês

e depois ficaria com fome novamente, o que significaria sacrificar os bebês por nada. Não: com fome nasci e com fome morrerei. Mas não terei na consciência nenhuma ação cruel de que me arrepender.

— Você é um tigre muito bom — Dorothy falou acariciando a enorme cabeça da fera.

— Nisso você se engana — foi a resposta. — Sou uma boa fera, talvez, mas um tigre vergonhosamente ruim. Pois é da natureza dos tigres serem cruéis e ferozes, e ao me recusar a comer criaturas indefesas, estou agindo como nenhum tigre bom jamais agiu. Essa é a razão de eu ter abandonado a floresta e me juntado ao meu amigo Leão Covarde.

— Mas o Leão Covarde não é covarde de verdade — Dorothy disse. — Já o vi mostrar muita coragem.

— Tudo não passa de um engano, querida — protestou o Leão, seriamente. — Para os outros, em alguns momentos, posso parecer corajoso, mas fiquei com medo todas as vezes em que estive em perigo.

— Eu também... — confessou Dorothy. — Mas preciso ir libertar Bilina. A gente se vê daqui a pouco.

Ela correu para o quintal do palácio e logo encontrou o galinheiro, pois fora guiada pelo barulhento cacarejar, canto de galo e a algazarra que galinhas costumam fazer quando estão agitadas.

Algo parecia estar errado no galinheiro. E quando Dorothy olhou por entre as ripas do portão, viu um bando de galinhas e galos reunidos em um canto olhando para o que parecia ser uma bola de penas rodopiante. Quicava para lá e para cá no galinheiro; de início, Dorothy não conseguiu saber o que era, e a barulheira das galinhas praticamente a deixava surda.

De repente, porém, o amontoado de penas parou de rodopiar e, para sua surpresa, a garota viu Bilina agachando-se diante da figura prostrada de um galo pedrês. Por um instante, ambos ficaram imóveis, e então a galinha amarela chacoalhou as asas para ajeitar as penas, caminhou pomposamente em direção à porta com um andar de orgulhosa provocação e um cacarejo vitorioso, enquanto o galo pedrês saía mancando em direção ao bando de galinhas, arrastando a plumagem amassada na poeira.

— O que é isso, Bilina?! — Dorothy gritou, com voz espantada. — Você estava brigando?

— Acho que estava sim! — replicou Bilina. — Você acha que, enquanto eu for capaz de bicar e arranhar, vou deixar esse galo pedrês fajuto ME dominar e ainda por cima dizer que manda no galinheiro? Só se meu nome não for Bill!

— E não é; é Bilina, e você está usando gírias, o que não é muito bonito — falou Dorothy, em tom de reprovação.

— Venha aqui, Bilina, vou soltá-la. Ozma de Oz está aqui e nos libertou.

Então a galinha amarela foi até a porta, já destrancada para ela passar, e as outras galinhas ficaram observando de um canto, em silêncio, sem se arriscarem a se aproximar.

A garota tomou a amiga nos braços e exclamou:

— Oh, Bilina, como você está horrível. Você perdeu todas as penas, um dos olhos está praticamente caído e sua crista está sangrando!

— Não foi nada — Bilina disse. — Dê uma olhada no galo pedrês! Mostrei para ele direitinho, não foi?

Dorothy balançou a cabeça.

— Não concordo com isso nem um pouco — ela disse, levando Bilina até o palácio. — Não é bom você se misturar com essas galinhas comuns. Elas vão acabar com os seus bons modos, e você não será mais respeitável.

— Não quis me misturar com essa raça — Bilina respondeu. — A culpa é daquela velha princesa rabugenta. Mas fui criada nos Estados Unidos e, enquanto puder levantar uma garra em autodefesa, não vou permitir que um galo grosseirão qualquer da Terra de Ev passe por cima de mim e cante de galo.

— Tudo bem, Bilina, não vamos mais falar sobre isso — Dorothy respondeu.

Logo chegaram até onde estavam o Leão Covarde e o Tigre Faminto, e a garota os apresentou à galinha amarela.

— É um prazer conhecer qualquer amigo de Dorothy — falou o Leão, educadamente. — A julgar pela sua atual aparência, você não é nem um pouco covarde, ao contrário de mim.

— Sua aparência atual me faz salivar — disse o Tigre, olhando Bilina avidamente. — Hm, hm, seu sabor deve ser delicioso, se eu pudesse esmagá-la entre as mandíbulas. Mas não se preocupe. Você só satisfaria meu apetite por um instante; então não vale a pena comê-la.

— Obrigada — disse a galinha, encolhendo-se e refugian-do-se nos braços de Dorothy.

— Além disso, não seria certo — continuou o Tigre, olhan-do fixamente para Bilina e batendo as mandíbulas uma na outra.

— Claro que não — apressou-se em dizer Dorothy —, Bilina é minha amiga e você nunca, em circunstância alguma, poderá comê-la.

— Vou tentar me lembrar disso — disse o Tigre. — Mas às vezes fico meio distraído.

Então Dorothy carregou Bilina até a sala de visitas do palácio, onde Tic-Tac, convidado por Ozma, estava senta-do entre o Lenhador de Lata e o Espantalho. Do lado oposto,

sentaram-se Ozma e a princesa Langwidere, e ao lado delas havia uma cadeira vaga para Dorothy. O exército de Oz estava reunido em volta do importante grupo, e, ao observar os belos uniformes dos vinte e sete ela comentou:

— Nossa, todos eles parecem ser oficiais.

— Todos são, exceto um — respondeu o Lenhador de Lata.

— Tenho em meu exército oito generais, seis coronéis, sete maiores e cinco capitães; além disso, um soldado raso para eles comandarem. Eu quero promover o soldado, pois acredito que nenhum soldado raso deva fazer parte das forças armadas; e notei que oficiais normalmente lutam melhor e são mais confiáveis do que soldados comuns. Fora isso, os oficiais parecem mais importantes e transmitem dignidade ao nosso exército.

— Não há dúvida de que você está certo — disse Dorothy, sentando ao lado de Ozma.

— E agora — anunciou a menina governante de Oz —, faremos uma solene conferência para decidir o melhor jeito de libertar a família real da Terra encantada de Ev desse longo encarceramento.

A
FAMÍLIA
REAL
DE LV

O Lenhador de Lata foi o primeiro a discursar na reunião:

— Para começar — ele disse —, informaram a nossa nobre e ilustre governante, Ozma de Oz, que a esposa e os dez filhos — cinco meninos e cinco meninas — do falecido Rei de Ev, cujo nome é Evoldo, foram escravizados pelo Rei Anão e aprisionados em seu palácio subterrâneo. Disseram também que não há ninguém em Ev com poderes suficientes para libertá-los. É claro que nossa Ozma quis assumir o risco de libertar os pobres prisioneiros. Porém, durante muito tempo, não encontrava um jeito de cruzar o imenso deserto entre os dois países. Até que pediu ajuda à amigável bruxa de nossa região, chamada Glinda, a bondosa, que ouviu a história e prontamente ofereceu a Ozma o tapete

mágico. Este se desenrola continuamente sob os pés e cria um caminho confortável para atravessar o deserto. Assim que ganhou o tapete, nossa amável governante ordenou-me que reunisse o exército, o que fiz. Esses audazes soldados representam os melhores de Oz, e se formos obrigados a lutar contra o Rei Anão, cada oficial, assim como o soldado raso, lutará bravamente até a morte.

Em seguida Tic-Tac falou:

— Por que temos de lutar contra o Rei Anão? — perguntou. — Ele não fez nada de errado.

— Nada errado?! — Dorothy gritou. — Não é errado aprisionar a Rainha-mãe e seus dez filhos?

— Eles foram vendidos ao Rei Anão pelo Rei Evoldo — Tic-Tac respondeu. — Foi o Rei de Ev que errou, e quando tomou consciência do que fizera, pulou no mar e se afogou.

— Não sabia disso — Ozma falou, pensativa. — Imaginei que toda a culpa cabia ao Rei Anão. Porém, de qualquer forma, ele tem de libertar os prisioneiros.

— Meu tio Evoldo era um homem muito mau — declarou a princesa Langwidere. — Se ele tivesse se afogado antes de vender a família, ninguém teria se importado. Contudo ele a vendeu para o poderoso Rei Anão em troca de uma vida longa, e no final das contas acabou com a

própria vida pulando no mar.

— Então — disse Ozma —, ele não teve uma vida longa, e o Rei Anão deve desistir dos prisioneiros. Onde eles estão presos?

— Ninguém sabe ao certo — a princesa respondeu. — Pois o Rei, que se chama Rochoso das Rochas tem um esplêndido palácio embaixo da grande montanha, que fica ao norte, na fronteira deste reino. Ele transformou a Rainha e as crianças em ornamentos e quinquilharias para decorar os quartos.

— Quero saber quem é esse Rei Anão — disse Dorothy.

— Eu lhe digo — respondeu Ozma. — Dizem que ele é o governante do Mundo Subterrâneo e manda nas rochas e em tudo que há nelas. Sob seu domínio estão milhares de Anões, que são estranhos seres mágicos que trabalham nas fornalhas e caldeiras do Rei, produzindo ouro, prata e outros metais, e os escondendo nas fissuras das rochas, de modo que seja muito difícil para os habitantes da superfície os encontrarem. Eles também mineram diamantes, rubis e esmeraldas e os escondem no solo, por isso o Reino dos Anões é incrivelmente rico. E tudo o que temos de pedras preciosas, prata e ouro é o que encontramos, escondidos pelo Rei Anão, na terra e nas rochas.

— Entendo — Dorothy disse, balançando a cabecinha

em sinal de compreensão.

— Como muitas vezes roubamos seus tesouros — Ozma continuou —, o governante do Mundo Subterrâneo não gosta muito dos que vivem na superfície, e nunca aparece entre nós. Se quisermos encontrar o Rei Rochoso das Rochas, temos de ir até o país dele, onde ele é todo-poderoso, o que torna a empreitada bem perigosa.

— Mas para o bem dos pobres prisioneiros, devemos fazer isso — Dorothy disse.

— Temos de ir — respondeu o Espantalho —, embora, para mim, chegar perto das fornalhas do Reino dos Anões exija muita coragem, já que sou recheado só com palha, e uma única faísca pode acabar comigo.

— As fornalhas também podem derreter meu estanho — o Lenhador de Lata falou. — Mas eu vou.

— Não aguento calor — a princesa Langwidere comentou, bocejando preguiçosa. — Por isso é melhor eu ficar em casa. Mas desejo que vocês sejam bem-sucedidos em sua empreitada, já estou extremamente cansada de governar este reino estúpido e preciso de mais tempo livre para admirar minhas lindas cabeças.

— Não precisamos de você — disse Ozma. — Isso porque, se eu não alcançar meus objetivos com a ajuda dos meus bravos companheiros, sua presença na viagem de

nada serviria.

— É bem verdade — a princesa suspirou. — Então, se todos me dão licença, vou me retirar para os meus aposentos. Já estou usando esta cabeça há algum tempo, e quero trocá-la por outra.

Após a saída de Langwidere (e você pode ter certeza de que ninguém se importou com a saída dela), Ozma disse a Tic-Tac:

— Você virá conosco?

— Sou ser...vo da garota Doro...thy, que me liber...tou da prisão — respondeu a máquina. — Aonde ela for, eu vou.

— Ah, vou com meus amigos, é claro — Dorothy falou rapidamente. — Não perderia essa diversão por nada. Você também vem, Bilina?

— É claro — Bilina disse despreocupada, alisando as penas do dorso sem prestar muita atenção.

— O calor tem tudo a ver com ela — observou o Espantalho —, se ela for bem assada, ficará melhor do que nunca.

— Então — disse Ozma —, vamos nos preparar para sair rumo ao Reino dos Anões amanhã ao amanhecer. Enquanto isso, vamos descansar e nos organizar para a jornada.

Embora a princesa Langwidere não tivesse mais ido ao

encontro dos visitantes, os empregados do palácio serviram os forasteiros de Oz e fizeram tudo que estava ao seu alcance para deixá-los à vontade. Havia muitos quartos disponíveis, e o corajoso exército dos vinte e sete acomodou-se muito bem, além de terem recebido uma generosa refeição.

O Leão Covarde e o Tigre Faminto foram desatrelados da carruagem e puderam andar à vontade pelo palácio, o que quase levou os criados a um ataque de pânico, embora os animais fossem inofensivos. A certa altura, Dorothy viu Nanda aterrorizada e agachada em um canto, com o Tigre Faminto diante dela.

— Você realmente parece deliciosa — a fera dizia —, você me faria a gentileza de me deixar comê-la?

— Não, não, não! — ela gritava.

— Então — o Tigre falou, com um bocejo assustador —, você pode, por favor, preparar treze quilos de filé mignon mal-passado com um monte de batatas cozidas para acompanhar e dezenove litros de sorvete de sobremesa?

— Fa-fa..rei o possível! — Nanda falou e saiu correndo o mais rápido que pôde.

— Você está com tanta fome assim? — Dorothy perguntou, admirada.

— Você não tem ideia do tamanho do meu apetite — o Tigre respondeu, com tristeza. — Parece dominar meu

corpo inteiro, do fundo da goela até a ponta do rabo. Tenho certeza de que esse apetite não combina comigo, é muito grande em relação ao tamanho do meu corpo. Um dia, quando encontrar um dentista com um fórceps, vou pedir para arrancá-lo de mim.

— O que, seu dente? — Dorothy perguntou.

— Não, meu apetite — respondeu o Tigre Faminto.

A garotinha passou a tarde quase toda conversando com o Espantalho e o Lenhador de Lata, que lhe contaram tudo o que aconteceu na Terra de Oz desde que ela foi embora. Ela ficou muito interessada na história de Ozma, que foi sequestrada quando criança por uma bruxa má e transformada em um menino. Ela nem sabia que já fora uma garota até que uma espécie de feiticeira a devolveu a sua forma original. Então, descobriram que ela era a filha única do antigo governante de Oz, por isso tinha o direito de governar no lugar dele. Antes, porém, de assumir o trono do pai, Ozma tinha passado por muitas aventuras, acompanhada por um homem com cabeça de abóbora, um besouro magnificamente aumentado e altamente instruído, e um maravilhoso cavalo de madeira, que ganhou vida graças a um pó mágico. O Espantalho e o Lenhador de Lata também a ajudaram; mas o Leão Covarde, que governava a grande floresta em sua qualidade de rei dos animais,

só ouviu falar de Ozma depois que ela se tornou a princesa e passou a governar Oz. Então ele viajou até a Cidade das Esmeraldas para encontrá-la, e ao saber que ela iria à Terra de Ev para libertar a família real daquele país, pediu para acompanhá-la e ainda levou junto o amigo Tigre Faminto.

Depois de ouvir a história, Dorothy contou as suas aventuras e, então, todos foram encontrar o Cavalo de Madeira, que Ozma mandou ferrar com placas de ouro, para as patas não se desgastarem. O Cavalo de Madeira estava imóvel diante do portão do jardim, mas, quando foi apresentado a Dorothy, curvou-se educadamente e piscou os olhos, que eram nós de madeira, e abanou o rabo, que não passava de um galho de árvore.

— Que incrível ele ter vida! — Dorothy exclamou.

— Concordo com você — o Cavalo de Madeira respondeu com uma voz grossa, mas agradável. — Uma criatura como eu não deveria ter vida, como bem sabemos. Mas como foi o pó mágico que me deu vida, não posso ser acusado de nada.

— Claro que não — a menina falou —, e você parece ser útil, pois vi o Espantalho montado em você.

— Ah, sim, tenho utilidade — o Cavalo de Madeira respondeu —, e nunca me canso, nunca me alimento e nem

preciso de cuidados.

— Você é inteligente? — a garota perguntou.

— Não muito — falou a criatura. — Seria bobagem desperdiçar inteligência com um simples Cavalo de Madeira, sendo que tantos professores precisam dela. Contudo, sei o suficiente para obedecer meus senhores e atender ao grito de “parar” quando eles mandam. Então estou bem satisfeito.

Naquela noite, Dorothy dormiu em um quartinho aconchegante vizinho ao quarto ocupado por Ozma de Oz; Bilina empoleirou-se no pé da cama, enfiou a cabeça embaixo da asa e dormiu profundamente naquela posição, assim como Dorothy nos travesseiros macios.

Porém, antes do nascer do sol, todos estavam acordados e em plena atividade. E logo os aventureiros tomaram um apressado café na enorme sala de jantar do palácio. Ozma sentou-se na cabeceira da comprida mesa, em uma plataforma elevada, com Dorothy a sua direita e o Espantalho à esquerda. É claro que o Espantalho não comeu, mas Ozma pediu que sentasse ao seu lado para pedir-lhe conselhos sobre a jornada, enquanto ela comia.

Em um nível mais baixo da mesa estavam os vinte e sete soldados de Oz. Ao fundo da sala, o Leão e o Tigre comiam numa panela colocada no chão, enquanto Bilina

zanzava junto deles, bicando todas as migalhas que caíam à volta dos dois.

Logo que terminaram de comer, o Leão e o Tigre foram atrelados à carruagem, e a comitiva estava pronta para iniciar a jornada para o palácio do Rei Anão.

Ozma ia à frente, tendo ao seu lado Dorothy, que segurava Bilina firmemente nos braços. Em seguida vinha o Espantalho montado no Cavalo de Madeira e, logo atrás deles, o Lenhador de Lata e Tic-Tac, lado a lado. Atrás deles, os membros do exército marchavam, corajosos e belos em seus uniformes esplêndidos. Os generais comandavam os coronéis, os coronéis comandavam os majores, os majores comandavam os capitães, e os capitães comandavam o soldado raso, que marchava orgulhoso, pois todos aqueles oficiais eram necessários para dar ordens a ele.

Assim, o magnífico cortejo deixou o palácio e seguiu pela estrada antes do amanhecer, e quando finalmente o sol raiou, eles já estavam perto do vale que levava aos domínios do Rei Anão.

o
GIGANTE
COM A
MARRETA

Por um bom trecho, a estrada cortava uma bela zona rural, depois passava por um bosque muito convidativo, perfeito para piqueniques. Mas o cortejo continuou avançando até Bilina gritar de repente, em tom de comando:

— Esperem, esperem!

Ozma parou a carruagem tão bruscamente que o Cavalo de Madeira do Espantalho quase bateu nela, e as fileiras do exército foram caindo umas sobre as outras antes de conseguirem parar. Imediatamente a galinha amarela livrou-se dos braços de Dorothy e voou para um monte de arbustos à beira da estrada.

— O que aconteceu? — o Lenhador de Lata perguntou, ansioso.

— Ora, Bilina quer botar um ovo, só isso — disse Dorothy.

— Botar ovo?! — repetiu o Lenhador de Lata, surpreso.

— Sim, ela bota um ovo todas as manhãs por volta deste horário. Um ovo bem fresquinho — disse a garota.

— E essa galinha velha e maluca acha que todo este cortejo, que rumo para uma importante aventura, vai ficar aqui esperando enquanto ela põe um ovo? — perguntou o Lenhador de Lata em tom severo.

— O que mais podemos fazer? — a menina perguntou. — É um hábito de Bilina, ela não pode simplesmente se livrar dele.

— Então que ela seja rápida — falou o Lenhador de Lata, impaciente.

— Não, não! — o Espantalho exclamou. — Se ela se apressar é capaz de botar ovos mexidos.

— Isso é loucura — disse Dorothy. — Mas Bilina não vai demorar, tenho certeza.

Então eles ficaram ali esperando, embora todos estivessem inquietos e ansiosos para continuar. Passado um tempo, a galinha saiu dos arbustos cacarejando:

— Cocó, cóóó! Cóóó! Cocó, cóóó!

— O que ela está fazendo? Celebrando o seu feito? — o Espantalho perguntou.

— Em frente, marchem! — gritou o Lenhador de Lata, brandindo o machado. E o cortejo partiu assim que Dorothy pegou mais uma vez Bilina nos braços.

— Ninguém vai pegar meu ovo? — gritou a galinha, muito animada.

— Eu pego — falou o Espantalho; e, a seu comando, o Cavalo de Madeira avançou por entre os arbustos. O homem de palha logo viu o ovo e o colocou no bolso do casaco. O cortejo, que avançara rapidamente, já estava bem à frente, mas o Cavalo de Madeira logo o alcançou, e o Espantalho já estava em seu posto habitual, atrás da carruagem de Ozma.

— O que devo fazer com o ovo? — ele perguntou a Dorothy.

— Não sei — ela respondeu —, talvez o Tigre Faminto o queira.

— Ele não seria suficiente nem para encher o buraco de um dos dentes de trás — o Tigre comentou. — Um montão deles, bem cozidos, talvez diminuísse um pouquinho a minha fome; mas um ovo não me serve de nada.

— Não serve nem para fazer um pão-de-ló — falou o Espantalho, pensativo. — O Lenhador de Lata poderia carregá-lo junto com o machado e fazê-lo chocar, mas no final das contas também posso ficar com ele como

lembrancinha — acrescentou. Então continuou com o ovo no bolso.

Agora chegavam à parte do vale entre as duas altas montanhas que Dorothy tinha visto da janela da torre. Mais ao longe, ficava a terceira grande montanha, que bloqueava o vale e era o limite norte da Terra de Ev. Diziam que o palácio do Rei Anão ficava no subterrâneo dessa montanha, mas ainda levaria um tempo para chegarem até lá.

O caminho começou a ficar pedregoso, dificultando a passagem das rodas da carruagem. Naquele exato momento, apareceu, diante deles, um abismo profundo e largo demais para saltarem. Então Ozma pegou um quadradinho de tecido verde do bolso e o jogou no chão. De imediato, o tecido transformou-se no tapete mágico e desenrolou-se o bastante para caber todo o cortejo. À medida que a carruagem avançava, o tapete verde desenrolava-se diante dela, atravessando o abismo na mesma altura de suas bordas, para que todos passassem em segurança.

— Até que foi fácil — falou o Espantalho. — Mas vamos ver o que acontece daqui para frente.

Não demorou muito para ele descobrir, pois, em determinado ponto, as encostas das montanhas ficavam tão próximas umas das outras, deixando apenas um estreito

caminho entre elas, que Ozma e o cortejo foram forçados a atravessar em fila única.

Em seguida eles ouviram um grave e intenso TUM! TUM! TUM! que ecoava por todo o vale e parecia ficar mais alto conforme avançavam. Então, contornando uma rocha, viram no caminho à sua frente uma forma imensa, com mais de trinta metros de altura. A forma era a de um homem gigante feito com placas de ferro fundido, com um pé em cada lado da estreita estrada, balançando sobre o ombro direito uma imensa marreta de ferro e batendo-a seguidamente no chão. Aqueles golpes retumbantes explicavam o barulho de pancada forte que haviam escutado antes, pois a marreta era bem maior que um tambor e obstruía todo o espaço entre as encostas rochosas das montanhas, atingidas por ela, e por onde nossos viajantes deveriam passar.

É claro que pararam imediatamente a uma distância segura daquela terrível marreta de ferro. O tapete mágico não poderia lhes ser útil naquele caso, pois ele só os protegia de perigos sob seus pés e não daqueles que vinham de cima.

— Uau! — exclamou o Leão Covarde estremecendo. — Ver essa enorme marreta balançando tão perto da minha cabeça me deixa terrivelmente nervoso. Um único golpe

me esmagaria, e eu viraria um capacho.

— O giga...nte de ferro é um bom cama...rada — falou Tic-Tac. — E o traba...lho dele é tão preciso como o de um re...lógio. Ele foi feito para o Rei Anão pela Ferreiro & Funileiro, meus fa...bricantes, e o seu dever é im...pedir que encon...trem o palácio subter...râneo. Ele não é uma verdadeira obra de ar...te?

— Ele consegue pensar e falar como você? — Ozma perguntou, lançando ao gigante um olhar intrigado.

— Não — a máquina respondeu —, ele foi fa...bricado apenas para gol...pear a estra...da, e não tem ne...nhum equi...pamento para pen...sar nem falar. Mas acho que ele golpeia mui...to bem.

— Bem demais — observou o Espantalho —, ele está nos impedindo de ir adiante. Será que não há um jeito de desligar o mecanismo dele?

— O ú...nico que po...de fazer isso é o Rei Anão, que tem a cha...ve — respondeu Tic-Tac.

— Então, o que devemos fazer? — Dorothy perguntou, ansiosa.

— Deem-me licença por alguns minutos — o Espantalho falou —, que vou pensar em uma solução.

Ele saiu para um lugar afastado, onde virou a face pintada para as rochas e se pôs a pensar.

Enquanto isso, o gigante continuava a erguer bem alto o instrumento de ferro no ar e marretar o caminho com assustadores golpes que ecoavam pelas montanhas como um troar de canhão. Entretanto, cada vez que a marreta subia, o caminho ficava livre embaixo do gigante, e talvez o Espantalho tenha notado esse fato, pois quando voltou para o grupo falou:

— A questão é bem simples, na verdade. Temos de correr, um de cada vez, por debaixo da marreta, quando ela subir, e atravessar para o outro lado antes de ela descer novamente.

— Vai ser preciso muita agilidade para escaparmos do golpe — falou o Lenhador de Lata, balançando a cabeça. — Mas parece ser a única alternativa. Quem será o primeiro a tentar?

Os outros se entreolharam por um momento, hesitantes. Então o Leão Covarde, que tremia feito vara verde, disse:

— Acho que o primeiro do cortejo, no caso, eu, deva ir na frente. Mas estou com muito medo da imensa marreta!

— E o que será de mim? — perguntou Ozma. — Você deve conseguir correr embaixo da marreta, mas a carruagem com certeza será esmagada.

— Temos de abandonar a carruagem — falou o

Espantalho. — Mas vocês duas podem subir nas costas do Leão e do Tigre.

Então estava decidido, e Ozma, assim que desatrelaram o Leão da carruagem, subiu nas costas do animal e falou que estava pronta.

— Segure firme na juba dele — Dorothy aconselhou. — Eu costumava montá-lo, e era assim que eu segurava.

Então Ozma segurou firme na juba, e o Leão agachou-se no caminho e observou com cuidado a marreta balançando até perceber o exato momento que ela começaria a subir.

Aí, sem ninguém esperar, deu um salto repentino direto entre as pernas de ferro do gigante, e antes de a marreta atingir o chão novamente, o Leão e Ozma estavam em segurança no outro lado.

Em seguida foi a vez do Tigre. Dorothy montou em suas costas e agarrou-se ao pescoço listrado, já que ele não tinha juba em que ela pudesse segurar. Ele deu o salto direto e reto como uma flecha, e antes de Dorothy ao menos se dar conta, eles estavam fora de perigo ao lado de Ozma.

Agora era a vez do Espantalho e do Cavalo de Madeira, e foi por um triz que conseguiram atravessar em segurança.

Tic-Tac chegou o mais perto possível do lugar onde a marreta batia e, quando ela começou a subir para o golpe

seguinte, andou tranquilamente e passou para o outro lado, escapando do golpe. Aquela era uma estratégia que o Lenhador de Lata poderia seguir, por isso também cruzou em segurança, enquanto a imensa marreta estava no ar.

Quando chegou, porém, a vez dos vinte e seis oficiais e do soldado raso, seus joelhos estavam tão fracos que eles não conseguiam dar nem mais um passo.

— Em batalha somos incrivelmente corajosos — disse um dos generais —, e nossos inimigos nos temem. Mas guerra é uma coisa, isso é outra. Quando se trata de ter a cabeça esmagada por uma marreta de ferro até virar panqueca, nós naturalmente recusamos.

— É só dar uma corrida! Venham num fôlego só — encorajou o Espantalho.

— Nossos joelhos estão tremendo, não podemos correr — respondeu o capitão. — Se tentarmos, com certeza vamos ser esmagados e virar geleia.

— Ora, ora — observou o Leão Covarde. — Vejo, amigo Tigre, que teremos de enfrentar um grande perigo para resgatar esse corajoso exército. Venha comigo, e faremos o melhor possível.

Então o Leão e o Tigre (Ozma e Dorothy já haviam descido de suas costas) saltaram novamente embaixo da terrível marreta e voltaram com dois generais agarrados aos pescoços. Repetiram o ousado percurso doze vezes, até

todos os oficiais estarem em segurança do outro lado, depois de carregados por baixo das pernas do gigante. A essa altura os animais, muito cansados, arquejavam tanto que estavam de língua de fora.

— O que vai acontecer com o soldado raso? — Ozma perguntou.

— Ah, deixem-no lá para tomar conta da carruagem — disse o Leão. — Estou esgotado e não passarei por debaixo da marreta de novo.

Os oficiais imediatamente protestaram, dizendo que o soldado deveria acompanhá-los, senão não haveria ninguém para eles comandarem. Como, porém, nem o Leão nem o Tigre se dispuseram a buscá-lo, o Espantalho mandou o Cavalo de Madeira.

O Cavalo de Madeira foi descuidado ou não calculou direito a descida da marreta, e o fato é que a poderosa arma o acertou em cheio na cabeça, lançando-o contra o chão com tanta força, que o soldado voou de seu dorso pelos ares e foi cair em um dos braços do gigante de ferro fundido. Ali o soldado agarrou-se desesperadamente, enquanto o braço subia e descia, a cada um dos rápidos golpes.

O Espantalho apressou-se em resgatar o Cavalo de Madeira. Antes, porém, a marreta esmagou seu pé esquerdo.

Eles então descobriram que o Cavalo de Madeira ficara

muito atordado com o golpe; isso porque, embora sua cabeça fosse feita de madeira maciça – não podendo, pois, ser esmagada pela marreta – os dois ouvidos se quebraram, e ele só poderia voltar a ouvir qualquer som quando lhe fizessem novos ouvidos. Além disso, o joelho esquerdo estava quebrado e precisava ser atado com uma corda.

Como Bilina passara voando sob a marreta, agora só faltava o soldado raso, que ainda estava no alto, montado no braço de ferro do gigante.

O Espantalho se estirou no chão e pediu para o homem pular sobre seu corpo, que era macio, por ser recheado de palha.

Isso o soldado conseguiu fazer: ele esperou o momento em que estava mais próximo ao chão e deixou-se cair em cima do Espantalho.

Ele realizou o feito sem quebrar nenhum osso, e o Espantalho declarou que não se ferira nem um pouco.

Aquela altura o Lenhador de Lata já havia colocado novas orelhas no Cavalo de Madeira, e todo o grupo pôde seguir adiante, deixando o gigante golpeando o caminho atrás deles.

O REI ANÃO

Ao se aproximarem da montanha que bloqueava o caminho e delimitava a mais distante fronteira do Reino de Ev, a passagem ficou escura e tenebrosa, pois os altos cumes tapavam o sol por todos os lados. Além disso, o lugar era muito silencioso, pois não se ouviam pássaros cantando nem tagarelar de esquilos. As árvores tinham ficado bem para trás, e se viam apenas as pedras nuas.

O silêncio assustava Ozma e Dorothy, e todos os outros estavam calados e sérios, exceto o Cavalo de Madeira, que, trotando com o Espantalho em seu dorso, cantarolava uma canção esquisita, cujo refrão era este:

“Iria um Cavalo de Madeira se meter na mata?

Sim, sim! Minha resposta é sim.

Mas se sua cabeça não fosse de madeira

De preferência ele subiria uma ladeira.”

Mas ninguém prestava atenção nela, pois agora estavam perto dos domínios do Rei Anão, e o seu esplêndido palácio subterrâneo não deveria estar longe.

De repente, eles ouviram uma sonora gargalhada zombeteira e pararam imediatamente. Teriam de parar no minuto seguinte, de qualquer jeito, porque a imensa montanha os bloqueava, o caminho terminava em um paredão de pedra.

— Quem deu aquela risada? — Ozma perguntou.

Não houve resposta, mas em meio à escuridão eles conseguiam ver estranhas formas borboleteando diante da rocha. Fossem lá o que fossem, pareciam fazer parte dela, pois tinham a mesma cor, e suas formas eram tão toscas e rugosas como se tivessem se soltado da montanha. Mantinham-se perto do íngreme penhasco, encarando nossos amigos e deslocando-se para cima e para baixo, de um lado para outro, de forma tão irregular que causava confusão. Pareciam não precisar de lugar nenhum para apoiar os pés, mas sim agarrar-se à superfície da pedra, como uma mosca faz numa vidraça, e não paravam nem por um segundo.

— Não li...guem para eles — disse Tic-Tac quando Dorothy encolheu-se e recuou. — Eles são ape...nas os Anões.

— E o que são os Anões? — perguntou a garota, um pouco assustada.

— São criaturas mágicas de pedra e traba...lham para o Rei Anão — a máquina respondeu.

— Mas não nos fa...rão nenhum mal. Vocês de...vem chamar pelo Rei pois, sem ele, ja...mais encontrarão a en...trada do palácio.

— Chame VOCÊ! — Dorothy falou para Ozma.

No mesmo instante, os Anões riram de novo, e o som era tão estranho e desalentador que os vinte e seis oficiais ordenaram ao soldado raso:

— Meia-volta, volver! — e todos começaram a fugir o mais rápido possível.

Na mesma hora o Lenhador de Lata correu atrás do seu exército e gritou:

— Alto! — e quando o exército parou, ele perguntou: Aonde vocês estão indo?

— Eu... eu... acho que esqueci o pente para o meu bigode — disse o general, tremendo de medo. — Então va...va...mos voltar para pegá-lo!

— Nem pense nisso — respondeu o Lenhador de Lata. — O gigante com a marreta iria matar todos vocês se tentassem passar.

— Oh, tinha me esquecido do gigante — disse o general,

empalidecendo.

— Parece que você se esquece de muitas coisas — observou o Lenhador de Lata. — Espero que não se esqueça de que é um homem valente.

— Nunca! — o general gritou, batendo no peito bordado em ouro.

— Nunca! — gritaram os outros oficiais, batendo no peito, indignados.

— Quanto a mim — disse o soldado raso, resignadamente —, devo obedecer aos meus oficiais. Então, quando me mandam correr, eu corro; e quando me mandam lutar, eu luto.

— Isso mesmo — aprovou o Lenhador de Lata. — Agora todos vocês devem voltar até onde está Ozma e obedecer a ELA. E se tentarem fugir novamente, peço a ela que rebaixe todos vocês a soldados rasos e promovo o soldado raso a general.

Essa terrível ameaça os assustou tanto, que logo voltaram até Ozma, que estava ao lado do Leão Covarde.

Então Ozma gritou bem alto:

— Ordeno que o Rei Anão venha até nós!

Não houve resposta, apenas os risos debochados dos Anões no alto da montanha.

— Vo...cê não deve dar or...dens ao Rei Anão, pois você

não tem auto...ridade sobre ele, como tem sobre seu povo — Tic-Tac disse.

Então Ozma chamou novamente dizendo:

— Peço que o Rei Anão venha até nós.

Como resposta, ouviram apenas as risadas debochadas dos irrequieten Anões no alto da montanha.

— Fa...ça um apelo — Tic-Tac aconselhou Ozma. — Se ele não a...tender ao pe...dido, talvez atenda à sú...plica.

Ozma olhou em volta, orgulhosa.

— Você quer que sua governante suplique ao maldoso Rei Anão? — ela perguntou. — Ozma de Oz deve se humilhar diante de uma criatura que vive em um reino subterrâneo?

— Não! — todos gritaram bem alto, e o Espantalho acrescentou:

— Se ele não aparecer, vamos arrancá-lo do buraco onde se entoca como uma raposa, e acabaremos com sua teimosia. Mas nossa doce governantezinha deve manter a dignidade, assim como mantenho a minha.

— Não me incomoda suplicar ao Rei Anão — Dorothy disse. — Sou apenas uma garotinha do Kansas, e temos tanta dignidade em casa que nem sabemos o que fazer com ela. Eu chamarei o Rei Anão.

— Faça isso — disse o Tigre Faminto —, e se ele te fizer

em picadinhos, amanhã eu te comerei com todo gosto no café da manhã.

Então Dorothy deu um passo à frente e falou:

— POR FAVOR, senhor Rei Anão, venha aqui para nos encontrar.

Os Anões começaram a gargalhar, mas da montanha veio um rosnado baixo. Num piscar de olhos, todos eles sumiram de vista e tudo ficou em silêncio.

Então uma porta se abriu na pedra e uma voz falou alto:

— Entrem!

— Será que é um truque? — perguntou o Lenhador de Lata.

— Não importa — Ozma respondeu. — Viemos até aqui para resgatar a pobre Rainha de Ev e os dez filhos, e teremos de correr riscos para fazê-lo.

— O Rei Anão é ho...nes...to e gentil — disse Tic-Tac. — Vocês po...dem confiar que ele faz o que é cer...to.

Ozma foi na frente, de mãos dadas com Dorothy. As duas passaram pelo arco da porta de pedra e entraram em um longo corredor, iluminado por joias nas paredes com luzes por trás delas. Não havia ninguém para acompanhá-los ou para indicar o caminho, mas toda a comitiva atravessou o corredor e chegou a uma caverna redonda com teto em forma de cúpula, mobiliada suntuosamente.

No centro da sala ficava um trono esculpido num sólido bloco de pedra, de formato tosco e rugoso, mas que reluzia com enormes rubis, diamantes e esmeraldas que cobriam toda a sua superfície. E no trono estava o Rei Anão.

Esse importante monarca do Mundo Subterrâneo era um homem pequeno e gordo, vestia roupas marrom-acinzentadas exatamente da mesma cor de seu trono de pedra. O cabelo tufoso, a barba escorrida e o rosto tinham a mesma cor da pedra. Não usava nenhum tipo de coroa, e seu único adereço era um cinto grande cravejado de joias que envolvia o corpinho gordo. Ele parecia gentil e bem-humorado, e quando Ozma e Dorothy pararam em sua frente com todo o cortejo disposto em fileiras atrás delas, seus olhos voltaram-se, alegres, para os visitantes.

— Olha, ele parece o Papai Noel, só que de outra cor! — Dorothy sussurrou para a amiga.

Mas o Rei Anão a ouviu e deu uma sonora gargalhada.

“Ele tinha a cara vermelha e uma redonda barriguinha Que chacoalhava, quando ele ria, como uma geleinha.”

Recitou o monarca, com voz agradável, e eles realmente viram a barriguinha balançando como geleinha quando ele dava risada.

Ozma e Dorothy ficaram muito aliviadas em ver o Rei Anão tão alegre e, um minuto depois, ele acenou com a

mão direita, e logo apareceu um banquinho acolchoado ao lado de cada uma.

— Sentem-se, por favor, minhas queridas — disse o Rei. — E digam-me o motivo de sua longa jornada e o que posso fazer para contentá-las.

Enquanto elas sentavam, o Rei Anão tirou do bolso um carvão em brasa, colocou-o no forninho de seu cachimbo e começou a soprar anéis de fumaça acima da cabeça. Dorothy achou que aquilo deixava o monarca ainda mais parecido com o Papai Noel; mas então Ozma começou a falar, e todos ficaram atentos a suas palavras.

— Majestade — ela disse —, sou a governante da Terra de Oz e vim aqui para pedir a libertação da Rainha-mãe de Ev e de seus dez filhos, enfeitiçados e encarcerados por vossa majestade.

— Oh, não, você está enganada quanto a isso — o Rei respondeu. — Eles não são meus prisioneiros, e sim meus escravos, que comprei do Rei de Ev.

— Mas isso foi errado — Ozma disse.

— De acordo com as leis de Ev, o Rei jamais erra — o monarca respondeu, seguindo com os olhos um anel de fumaça que acabara de soltar pela boca. — Então ele tinha todo o direito de vender a família em troca de uma vida longa.

— No entanto, você o enganou — Dorothy declarou.

— Pois o Rei de Ev não teve uma vida longa. Ele pulou no mar e se afogou.

— Mas isso não foi culpa minha — disse o Rei Anão, cruzando as pernas e sorrindo satisfeito. — Dei a ele exatamente uma vida longa, mas ele a destruiu.

— Então, como pode ter sido longa? — perguntou Dorothy.

— É simples — foi a resposta. — Imagine, querida, que eu te dê uma bela bonequinha em troca de uma mecha de seu cabelo e, depois de ter recebido a boneca, você a quebre em pedacinhos e a destrua. Você poderia dizer que eu não te dei a boneca?

— Não — Dorothy respondeu.

— E seria justo você pedir de volta a mecha de cabelo só porque você destruiu a boneca?

— Não — respondeu Dorothy novamente.

— Claro que não — retomou o Rei Anão. — E eu também não desistirei da Rainha e de seus filhos porque o Rei de Ev resolveu acabar com sua vida longa pulando no mar. Eles são meus, e eu ficarei com eles.

— Mas você os trata com crueldade — disse Ozma, muito chateada com a recusa do Rei.

— Como assim? — ele perguntou.

— Fazendo deles seus escravos — ela disse.

— Crueldade — comentou o monarca, soprando espirais de fumaça e observando-as flutuarem no ar —, é algo que não posso tolerar. Então, como os escravos devem fazer um trabalho muito pesado, e a Rainha de Ev e seus filhos são delicados e sensíveis, eu os transformei em objetos de decoração, bugigangas, e os espalhei pelos diversos cômodos do palácio. Em vez de serem obrigados a trabalhar, eles simplesmente decoram as salas. E realmente acho que os tratei com muita bondade.

— Mas que destino cruel! — exclamou Ozma, em tom grave. — O Reino de Ev precisa urgentemente de uma família real para governá-lo. Se você os soltar e os fizer voltar as suas formas originais, eu lhe darei dez enfeites para substituir os que você perder.

O Rei Anão ficou sério.

— E se eu recusar? — ele perguntou.

— Então — Ozma falou com firmeza —, estou aqui com meus amigos e exército para conquistar o seu Reino e obrigá-lo a atender meus pedidos.

O Rei Anão gargalhou até engasgar, engasgou até tossir e tossiu até sua face marrom-acinzentada ficar vermelha como um pimentão.

Então ele enxugou os olhos com um lenço cor de pedra e ficou sério novamente.

— Você é tão corajosa quanto bonita, querida — ele disse a Ozma. — Mas não tem ideia da dimensão da tarefa a que se propõe. Me acompanhe um segundo.

Ele se levantou, pegou na mão de Ozma e a conduziu até uma portinha em um lado da sala. Abriu a porta, e os dois foram a uma sacada de onde se tinha uma incrível vista do Mundo Subterrâneo. Uma enorme gruta estendia-se por quilômetros e quilômetros sob a montanha e, em qualquer direção, viam-se fornalhas, forjas, e os Anões martelando metais preciosos ou polindo joias. Nas paredes da caverna, em toda a sua volta, se viam milhares de portas de prata e ouro encaixadas na sólida rocha, que se estendiam em fileiras a perder de vista.

Enquanto a pequena donzela de Oz contemplava a vista pensativa, o Rei Anão soltou um assobio estridente. Imediatamente todas as portas de ouro e prata se abriram, e fileiras compactas de soldados Anões saíram marchando de cada uma delas. Eram tão numerosos que rapidamente encheram a imensa caverna subterrânea, obrigando os ocupados trabalhadores a abandonarem suas tarefas.

Embora o imenso exército fosse constituído de Anões cor de pedra, todos atarracados e gordos, vestiam armaduras reluzentes de aço polido, incrustadas com lindas pedras preciosas. Cada um usava, na altura da testa, uma brilhante

luz elétrica, e eles portavam lanças e espadas afiadas e machados de guerra de bronze maciço. Era evidente que eram muito bem preparados, pois mantinham-se em filas retas, uma após outra, com as armas erguidas e alinhadas, como se estivessem apenas esperando um comando para as usarem contra seus inimigos.

— Esta é apenas uma mostra do meu exército. Governante nenhum em toda a Terra jamais ousou lutar contra mim, e nenhum ousará, pois sou poderoso demais para ser desafiado.

Ele assobiou novamente, e imediatamente todo seu esquadrão passou pelas portas de prata e ouro e desapareceu. Então, os trabalhadores retomaram as tarefas nas fornalhas.

Assim, triste e desencorajada, Ozma reuniu-se novamente aos amigos, e o Rei Anão sentou-se tranquilamente no trono de pedra.

— Seria tolice nossa lutar — a garota falou para o Lenhador de Lata. — Os bravos Vinte e Sete seriam vencidos rapidamente. Não tenho ideia de como agir nesta situação crítica.

— Pergunte ao Rei onde é a cozinha — sugeriu o Tigre. — Estou faminto como um urso.

— Posso atacar o Rei e fazê-lo em pedacinhos — o Leão

Covarde sugeriu.

— Vamos, tente — disse o monarca, acendendo o cachimbo com outra brasa que tirou do bolso.

O Leão agachou-se e tentou pular no Rei Anão; porém deu apenas um pequeno salto e voltou para o mesmo lugar, sem conseguir aproximar-se do trono nem um milímetro.

— Me parece — disse o Espantalho, pensativo —, que a saída é persuadir o Rei a libertar os escravos, já que é um mago poderoso demais para o enfrentarmos.

— Essa foi a sugestão mais sensata de vocês até agora — o rei Anão declarou. — É bobagem me ameaçar, mas tenho um coração tão bom, que meu ponto fraco é a persuasão. Se você quer conquistar alguma coisa em sua jornada, querida Ozma, você deve me bajular.

— Muito bem — disse Ozma, mais animada. — Vamos ser amigos e conversar sobre isso de uma maneira amistosa.

— Claro — concordou o Rei, os olhos brilhando alegremente.

— Estou muito ansiosa — ela continuou —, para libertar a Rainha de Ev e seus filhos, que agora são enfeites e bugiangas no palácio de vossa majestade, e devolvê-los ao seu povo. Diga-me, senhor, como isso pode ser alcançado?

O Rei refletiu por um instante e depois perguntou:

— Você está disposta a correr riscos a fim de libertar o povo de Ev?

— Claro que sim! — respondeu Ozma, resolutamente.

— Então — disse o Rei Anão —, farei a seguinte proposta: você deve ir sozinha ao palácio e examinar cuidadosamente o que ele contém. Depois disso, terá permissão de tocar em onze objetos diferentes, pronunciando a cada vez a palavra Ev. Se algum deles, ou mais de um, se revelar a Rainha de Ev ou algum dos seus dez filhos, eles imediatamente serão restaurados à forma original e poderão ir embora do palácio e do Reino em sua companhia, sem a menor objeção. Dessa forma, é possível que você liberte os onze. Porém, se você não escolher os objetos certos, e alguns dos escravos permanecerem transformados, todos os seus amigos e acompanhantes, por sua vez, poderão entrar no palácio e ter o mesmo privilégio que lhe concedi.

— Oh, muito obrigada! Agradeço-lhe por essa generosa oferta — disse Ozma ansiosa.

— Tenho apenas uma condição — acrescentou o Rei Anão, com os olhos cintilando.

— E qual é? — ela perguntou.

— Se nenhum dos onze objetos que você tocar for algum dos membros transformados da família real de Ev, então, em vez de libertá-los, você será enfeitiçada e transformada

em bugiganga ou enfeite. Isso é mais do que justo, e é o risco que você declarou estar disposta a correr.



AS ONZE TENTATIVAS

Ao ouvir as condições impostas pelo Rei Anão, Ozma ficou em silêncio, pensativa, e todos os seus amigos a olharam apreensivos.

— Não faça isso! — Dorothy exclamou. — Se escolher errado, você será escravizada.

— Mas tenho onze tentativas — Ozma respondeu —, com certeza acerto um objeto de onze; e se isso acontecer, salvarei pelo menos um membro da família real e a mim mesma. Depois vocês poderão tentar, e então conseguiremos libertar todos os escravizados.

— E se falharmos? E se não der certo? — o Espantalho questionou. — Eu ia ficar uma graça transformado em bugiganga, não acham?

— Não falharemos! — exclamou Ozma, bravamente.

— Viemos até aqui para libertar essas pessoas; seria uma fraqueza e covardia abandonarmos a aventura a esta altura. Portanto, aceitarei a proposta do Rei Anão e irei agora mesmo para o palácio real.

— Então me acompanhe, querida — disse o Rei, descendo do trono com certa dificuldade por ser muito gordo; eu lhe mostrarei o caminho.

Ele se aproximou de uma parede da caverna e acenou com a mão. No mesmo instante uma entrada surgiu, e Ozma, depois de dar um sorriso de despedida aos amigos, passou por ela corajosamente.

A menina chegou a uma sala esplêndida, mais bonita e grandiosa do que qualquer coisa que vira na vida. Arcos enormes acima de sua cabeça compunham o teto, que era de mármore polido; o piso também era de mármore, pintado com requinte em diversas cores. Tapetes grossos de veludo cobriam o chão, e cortinas de seda revestiam os arcos que davam acesso aos diferentes cômodos do palácio. A mobília era de madeira esculpida, antiga, rara e revestida de delicado cetim; o lugar inteiro banhava-se de um misterioso brilho rosado, que parecia não vir de lugar algum, mas preenchia todo o ambiente com sua suave e agradável luminosidade.

Ozma foi de um cômodo a outro, muito encantada com

tudo o que viu. Não havia mais ninguém no adorável palácio, pois o Rei Anão a deixou na entrada, que se fechou atrás dela, e parecia não haver mais ninguém nos outros ambientes igualmente esplendorosos.

Sobre os consolos das lareiras, sobre as muitas prateleiras, suportes e mesas, dispunham-se diversos ornamentos, feitos aparentemente de todo tipo de metal, vidro, porcelana, pedra e mármore. Eram vasos, esculturas de homens e de animais, travessas e tigelas entalhadas, mosaicos de pedras preciosas e muitos outros objetos. Também havia quadros na parede; o palácio subterrâneo era praticamente um museu de objetos raros, caros e curiosos.

Depois de examinar rapidamente os cômodos, Ozma começou a se perguntar quais de seus numerosos ornamentos poderiam ser a família real de Ev. Não tinha nada para guiá-la, tudo parecia sem uma centelha de vida. Assim, ela deveria adivinhar totalmente às cegas, e pela primeira vez a menina se deu conta de como a tarefa era perigosa e de que era bem possível perder a sua liberdade ao tentar libertar outros da escravidão do Rei Anão. Não é de admirar que o astuto monarca estivesse rindo bem-humorado para os visitantes, sabendo quão fácil seria aprisioná-los.

Entretanto, portarse comprometido coma empreitada,

Ozma não iria abandoná-la. Ela olhou para um candelabro de prata de dez braços e pensou: “Isso pode ser a Rainha de Ev e os dez filhos”.

Então ela o tocou e pronunciou bem alto a palavra “Ev”, seguindo as instruções do Rei Anão para quando fizesse uma tentativa. Porém o candelabro ficou como antes.

Depois ela andou até outra sala e tocou em um cordeiro de porcelana, imaginando que pudesse ser um dos filhos que procurava. Contudo, novamente não foi bem-sucedida. Três tentativas, quatro tentativas, cinco, seis, sete, oito, nove e dez ela fez, e ainda não acertara nenhuma!

Um pouco trêmula, a garota empalideceu, mesmo sob a luz rósea, pois só restava uma tentativa, e o seu próprio destino dependia do resultado.

Decidiu não se apressar, percorreu todos os cômodos mais uma vez, observando com cuidado os diversos ornamentos para decidir qual deveria tocar. Finalmente, em desespero, decidiu deixar por conta da sorte. Ela mirou o vão da porta de uma sala, fechou os olhos com força e então, empurrando para o lado as cortinas, avançou às cegas com o braço direito esticado para frente.

Devagar, delicadamente, ela foi avançando até a mão entrar em contato com um objeto sobre uma mesinha redonda. Ozma não sabia o que era, mas pronunciou bem

baixinho a palavra “Ev”.

Então os cômodos ficaram absolutamente sem vida. O Rei Anão acabara de ganhar um novo ornamento. Isso porque, na beira da mesa, estava um belo gafanhoto, que parecia ter sido feito de uma única esmeralda. Foi tudo o que restou de Ozma de Oz.

Na sala do trono, para além do palácio, o Rei Anão de repente olhou para cima e sorriu.

— Próximo! — ele disse em tom cordial.

Dorothy, o Espantalho e o Lenhador de Lata, que até então estavam ansiosos, sentados em silêncio, se entreolharam, consternados.

— Ela não con...seguiu? Ela fa...lhou? — Tic-Tac perguntou.

— É o que parece — respondeu o pequeno monarca, animado. — Mas isso não significa que um de vocês não vá conseguir. O próximo terá doze chances, em vez de onze, pois agora são doze pessoas transformadas em ornamentos. Ora, ora! Quem é o próximo?

— Eu vou — disse Dorothy.

— Não mesmo — o Lenhador de Lata respondeu. — Como comandante do exército de Ozma, tenho o direito de segui-la e tentar resgatá-la.

— Então vá — disse o Espantalho. — Mas tenha

cuidado, meu amigo.

— Terei — o Lenhador de Lata prometeu; então seguiu o Rei Anão até a entrada do palácio, e a pedra se fechou atrás dele.



AS RISADAS DO REI ANÃO

Logo o Rei voltou para o trono, reacendeu o cachimbo, e o restante do grupo sentou-se para mais uma longa espera. Eles estavam muito abatidos pelo fracasso de sua pequena governante e por saberem que agora ela virara um enfeite no palácio do Rei Anão. Lugar horroroso, assustador, apesar de toda a magnificência. Sem a líder, eles não sabiam o que fazer, e todos eles, até o trêmulo soldado raso do exército, temiam vir a se tornar objetos de decoração, perdendo toda a sua utilidade.

De repente o Rei Anão começou a rir.

— RÁ, RÁ, RÁ! EH, EH, EH! HO, HO, HO!

— O que aconteceu? — o Espantalho perguntou.

— Ora, seu amigo, o Lenhador de Lata, transformou-se na coisa mais engraçada que se pode imaginar — respondeu o Rei, enxugando as lágrimas dos olhos de tanto

rir. — Ninguém imaginaria que ele iria virar um objeto tão divertido. Próximo!

Eles se entreolharam com os corações pesados. Um dos generais começou a chorar copiosamente.

— Por que você está chorando? — perguntou o Espantalho, indignado com tamanha demonstração de fraqueza.

— Ele me devia o equivalente a seis semanas de serviços prestados — disse o general. — E estou furioso por perdê-lo.

— Então vá lá e o encontre — o Espantalho declarou.

— Eu?! — gritou o general, muito alarmado.

— Claro. É o seu dever seguir seu comandante. Marche!

— Não vou — disse o general. — Eu gostaria, é claro; mas eu simplesmente NÃO vou.

O Espantalho lançou um olhar interrogativo ao Rei Anão.

— Não tem problema — falou o alegre monarca. — Se ele não quer entrar no palácio e fazer as tentativas dele, eu o jogarei em umas das minhas mais ardentes fornalhas.

— Eu vou, claro que vou! — berrou o general, rápido feito um raio. — Onde é a entrada? Deixe-me ir de uma vez!

Então, o Rei Anão o levou até o palácio e tornou a voltar para aguardar o resultado. Ninguém saberia dizer o que o

general fez, mas não demorou muito para o Rei chamar a vítima seguinte, e um coronel foi obrigado a tentar a sorte.

Assim, um após outro, todos os vinte e seis oficiais marcharam para o palácio e fizeram suas tentativas — e se transformaram em enfeites.

Nesse meio tempo, o Rei ordenou que servissem lanches aos que esperavam. A essa ordem, um Anão de aparência tosca entrou carregando uma bandeja. Esse Anão não era diferente dos outros que Dorothy havia visto, mas usava uma corrente de ouro no pescoço para indicar que ele era o despenseiro chefe do Rei Anão. Ele se dava ares de grande importância, e até aconselhou sua majestade a não comer bolo àquela hora da noite para não passar mal.

Dorothy, no entanto, estava com fome, e não com receio de ficar doente; então comeu muitos pedaços de bolo e os achou deliciosos; além disso, bebeu um café excelente, feito com uma argila ricamente aromatizada, torrada na fornalha, moída fina e nem um pouco terrosa.

De todo o grupo do início da aventura, estavam juntos agora apenas a garotinha do Kansas e seus conselheiros e companheiros: o Espantalho, Tic-Tac e o soldado raso. É claro que o Leão Covarde e o Tigre Faminto ainda estavam lá, mas como também tinham comido o bolo, foram dormir num canto da caverna. Do outro lado estava o Cavalo de

Madeira, imóvel e em silêncio, como se tivesse sido transformado em um mero objeto de madeira. Bilina simplesmente andara ciscando por ali, pegando as migalhas de bolo caídas no chão e, agora, como já passava muito da hora de dormir, tentou achar um lugar escuro onde repousar.

Logo a galinha achou um buraco sob o trono de pedra do Rei e deslocou-se de mansinho para lá sem ser percebida. Ainda lhe era possível ouvir a conversa dos que estavam por ali, mas como era bem escuro embaixo do trono, ela logo pegou no sono.

— Próximo! — chamou o Rei.

Era a vez do soldado raso, que apertou as mãos de Dorothy e do Espantalho, despediu-se com tristeza e atravessou o portal de pedra.

Eles esperaram um bom tempo: como o soldado não estava com pressa de virar ornamento, fez suas tentativas com bastante calma. O Rei Anão, que parecia saber, por algum tipo de poder mágico, o que se passava nos belos cômodos do palácio, finalmente se impacientou e declarou que não iria mais ficar sentado.

— Adoro ornamentos — ele disse —, mas posso esperar até amanhã para ter mais deles; assim que esse tolo soldado raso se transformar, vamos todos dormir, e terminaremos esse trabalho amanhã de manhã.

— É tão tarde assim? — Dorothy perguntou.

— Ora, já passa da meia-noite — disse o Rei. — E isso para mim já é bem tarde. Não há dia ou noite em meu Reino, porque ele fica embaixo da terra, onde o sol nunca bate. Mas precisamos dormir, assim como o povo da superfície. Quanto a mim, irei para a cama em alguns minutos.

Aliás, pouco tempo depois o soldado fez a última tentativa. Claro que não acertou e claro que virou um enfeite. Então o Rei ficou muito satisfeito e bateu palmas para chamar o despenseiro.

— Leve os visitantes para os quartos de dormir — ele ordenou. — E faça isso logo, pois eu estou com muito sono.

— Você não deveria ficar acordado até tão tarde — respondeu o despenseiro asperamente. — Amanhã de manhã vai acordar tão irritado quanto um grifo.

Sua majestade não respondeu a esse comentário, e o despenseiro conduziu Dorothy à outra porta pelo longo corredor, no qual se abriram diversos cômodos simples, mas confortáveis. A garotinha ficou no primeiro quarto, o Espantalho e Tic-Tac no segundo — apesar de não dormirem — e o Leão e o Tigre no terceiro. O Cavalo de Madeira, meio cambaleante, seguiu o despenseiro até o quarto cômodo, para ficar de pé imóvel no meio dele até a manhã seguinte. Todas as noites eram bem tediosas para

o Espantalho, Tic-Tac e o Cavalo de Madeira, mas a experiência lhes ensinou a passar o tempo com paciência e em silêncio, já que todos os seus amigos eram de carne e osso, precisavam dormir e não gostavam de ser incomodados.

Após a saída do despenseiro, o Espantalho comentou com tristeza:

— Estou muito triste pela perda do meu velho camarada Lenhador de Lata. Passamos por poucas e boas juntos, e nos safamos de todas elas, e agora me entristece saber que ele virou um enfeite, e o perdi para sempre.

— Ele sempre foi um enfeite para a sociedade — disse Tic-Tac.

— É verdade, mas agora o Rei Anão zomba dele, dizendo que é o enfeite mais engraçado de todo o palácio. Essa zombaria vai ferir o orgulho do meu pobre amigo — continuou o Espantalho com tristeza.

— Tam...bém vamos nos tor...nar enfeites bem ridículos ama...nhã — observou a máquina, naquele seu tom monótono.

Bem naquela hora Dorothy correu para o quarto deles, muito ansiosa e chorando:

— Onde está Bilina? Vocês viram a Bilina? Ela está aqui?

— Não — respondeu o Espantalho.

— Então o que aconteceu com ela? — a garota perguntou.

— Ora, achei que ela estava com você — disse o Espantalho. — Na verdade, não me lembro de ter visto a galinha amarela desde que ela estava bicando as migalhas de bolo.

— Acho que a deixamos na sala do trono — concluiu Dorothy, e imediatamente atravessou o corredor, dirigindo-se à porta por onde entraram. Esta, porém, estava fechada e trancada pelo outro lado, e o maciço bloco de pedra se mostrou tão grosso que não deixava passar nenhum som. Assim, Dorothy teve de voltar para o quarto. O Leão Covarde colocou a cabeça para dentro do quarto da menina para tentar consolá-la pela perda da amiga com penas.

— A galinha amarela sabe se cuidar — ele disse. — Por isso não se preocupe com ela e tente dormir o máximo que puder. Foi um dia longo e cansativo, e você precisa descansar.

— Provavelmente descansarei muito amanhã, quando me tornar um enfeite — disse Dorothy, sonolenta. Mas deitou-se na cama, e apesar de tantas preocupações, logo estava no mundo dos sonhos.

DOROTHY TENTA SER CORAJOSA

Nesse meio tempo o despenseiro voltou para a sala do trono, onde disse ao Rei:

— Você é tolo de perder todo esse tempo com essas pessoas.

— O quê? — gritou sua majestade com tanta fúria que acordou Bilina, ainda dormindo embaixo do trono. — Como ousa chamar-me de tolo?

— Porque gosto de falar a verdade — disse o despenseiro. — Por que você não os enfeitiçou imediatamente, em vez de permitir que fossem um por um ao palácio para adivinhar quais enfeites eram a Rainha de Ev e os filhos?

— Ora, seu canalha estúpido, é mais divertido desse jeito — retrucou o Rei. — E me diverte por um bom tempo.

— Mas se um deles acertar — insistiu o despenseiro —,

você perderia os antigos ornamentos e os novos também.

— Não há chance alguma de algum deles acertar — respondeu o monarca gargalhando. — Como eles vão saber que a Rainha de Ev e sua família são enfeites roxos royal?

— Mas não há nenhum outro enfeite roxo no palácio — disse o despenseiro.

— Entretanto, há de muitas outras cores, e os enfeites roxos estão espalhados pelos cômodos e são de diferentes formatos e tamanhos. Pode acreditar, despenseiro, eles nunca vão pensar em escolher os enfeites roxos.

Bilina, agachada embaixo do trono, ouviu a conversa com muita atenção e se pôs a rir sozinha por ter escutado o Rei revelar seu segredo.

— Mesmo assim, você está sendo tolo de se arriscar — continuou o despenseiro asperamente. — E é tolice ainda maior transformar todos os de Oz em enfeites verdes.

— Fiz isso porque eles vieram da Cidade das Esmeraldas — respondeu o Rei. — E até agora eu não tinha nada verde em minha coleção. Acho que ficaram bem bonitos entre os outros enfeites, não acha?

O despenseiro grunhiu raivosamente:

— Faça como quiser, já que é o Rei — rosnou. — Mas se vier a sofrer pelo seu descuido, lembre-se de que te avisei. Se eu estivesse com o cinturão mágico que lhe permite

fazer as transformações e lhe dá tanto poder, tenho certeza de que eu seria um rei muito melhor e mais esperto que você.

— Ah, pare com essa conversa chata! — ordenou o Rei, enfurecendo-se mais uma vez. — Só por ser o despenseiro, você acha que pode me repreender o quanto quiser; mas da próxima vez que se mostrar insolente, irá trabalhar nas fornalhas, e escolherei outro Anão para ficar no seu lugar. Agora venha comigo ao meu quarto, pois vou me deitar. E certifique-se de que me acordarão amanhã cedo. Quero aproveitar toda a diversão de transformar o resto deles em enfeites.

— Você vai transformar a menina do Kansas em que cor? — perguntou o despenseiro.

— Cinza, imagino — disse a majestade.

— E o Espantalho e o homem-máquina?

— Eles devem ser de ouro puro, já que são tão feios na vida real.

Então as vozes desapareceram, e Bilina percebeu que o Rei e o despenseiro tinham saído da sala. Ela ajeitou algumas penas da cauda que estavam desarrumadas, enfiou a cabeça novamente embaixo da asa e dormiu.

Pela manhã, Dorothy, o Leão e o Tigre receberam o café em seus quartos, depois juntaram-se ao Rei na sala do

trono. O Tigre reclamou amargamente que quase morria de fome e implorou para ir ao palácio virar enfeite, para não mais sofrer com as pontadas de fome.

— Você não tomou café? — perguntou o Rei Anão.

— Oh, só comi um pouquinho — o animal respondeu.

— Mas de que serve um pouquinho para um tigre faminto?

— Ele comeu dezessete tigelas de mingau, uma bandeja cheia de linguiça frita, onze fatias de pão e vinte e uma tortas de fruta — falou o despenseiro.

— O que mais você quer? — perguntou o Rei.

— Um bebê gordo. Quero um bebê gordo — disse o Tigre Faminto. — Um belo, rechonchudo, suculento, macio, bebê gordo. Mas, é claro, se me derem um, minha consciência não permitirá que eu o coma. Então é melhor virar um enfeite e esquecer minha fome.

— De jeito nenhum! — exclamou o Rei. — Nenhum animal desajeitado vai entrar em meu palácio derrubando e quebrando minhas belas quinquilharias. Depois que o resto dos seus amigos se transformar, você pode voltar para o mundo lá de cima e cuidar de suas coisas.

— Quando a gente perde os amigos, não tem nada mais de que cuidar — disse o Leão. — Assim sendo, não me importo com o que será de nós.

Dorothy rogou para ser a primeira, mas Tic-Tac alegou

com firmeza que o servo deve encarar o perigo antes de sua senhora. O Espantalho concordou com ele, por isso o Rei Anão abriu a porta para o homem-máquina, que marchou para o palácio rumo ao seu destino. Então sua majestade voltou para o trono e acendeu o cachimbo tão feliz que uma nuvenzinha de fumaça pairou acima de sua cabeça.

Passado um tempo ele disse:

— É uma pena terem restado tão poucos de vocês. Logo, logo, meu divertimento acabará, e eu não terei nada para fazer a não ser admirar meus novos enfeites.

— Me parece que você não é tão honesto quanto diz ser — Dorothy disse.

— Por que diz isso? — perguntou o Rei.

— Ora, você nos fez acreditar que era fácil adivinhar em que objetos as pessoas de Ev tinham sido transformadas.

— Mas É fácil — declarou o monarca —, se a pessoa for boa em adivinhar. Mas pelo visto o pessoal do seu grupo não é muito bom nisso.

— O que o Tic-Tac está fazendo agora? — perguntou a garota, apreensiva.

— Nada — respondeu o Rei, franzindo o rosto. — Ele está imóvel no meio de um cômodo.

— Oh, acho que acabou a corda do mecanismo — disse Dorothy. — Esqueci de dar corda nele hoje de manhã.

Quantas tentativas ele já fez?

— Todas que lhe são possíveis, menos uma — respondeu o Rei. — Que tal você entrar, dar corda nele, depois ficar e fazer suas tentativas?

— Tudo bem — disse Dorothy.

— É a minha vez — declarou o Espantalho.

— Ora, você não vai embora e me deixar sozinha, vai? — perguntou a garota. — Além disso, se eu for agora, dou corda no Tic-Tac para que ele possa fazer a última tentativa.

— Está bem — disse o Espantalho, suspirando. — Vá lá então, pequena Dorothy, e muita sorte para você!

Assim Dorothy, tentando encher-se de coragem, apesar do medo, passou pela porta e entrou no deslumbrante palácio. A princípio, o silêncio do lugar a apavorou, e a menina, ofegante, apertava a mão contra o coração, olhando ao redor espantada.

Sim, era um lugar lindo, mas havia feitiços a cada canto, a cada fenda, e ela ainda não tinha se acostumado com a bruxaria daquelas terras encantadas, tão diferentes dos tranquilos e pacatos lugares normais de sua terra natal.

Devagar, passou por diversos cômodos até encontrar Tic-Tac imóvel. Naquela hora realmente lhe pareceu que tinha encontrado um amigo naquele misterioso palácio, então apressou-se em dar corda no homem-máquina,

para que ele pudesse falar, pensar e agir.

— Obri...gado, Dorothy — foram suas primeiras palavras. — Te...nho agora só mais uma ten...tativa.

— Oh, tenha cuidado, Tic-Tac, está bem? — a garota pediu.

— Sim, mas esta...mos nas mãos do Rei Anão. Ele nos me...teu numa armadilha. Temo que esteja...mos todos per...dididos — ele respondeu.

— Também acho — disse Dorothy, com tristeza.

— Ah, se a Ferreiro & Funileiro tivesse aco...plado em mim um me...canismo de adivinhação, talvez eu conseguisse vencer o Rei Anão. Mas meus pensa...mentos são simples e dire...tos, e não adiantam muito nesse ca...so — continuou Tic-Tac.

— Dê o seu melhor — disse Dorothy encorajando-o. — E se você falhar, eu estarei de olho e verei no que você vai se transformar.

Assim, Tic-Tac tocou um vaso de vidro amarelado com margaridas pintadas de um lado, ao mesmo tempo em que pronunciava a palavra “Ev”.

Num piscar de olhos, o homem-máquina desapareceu e, embora a garota tivesse olhado rapidamente em todas as direções, não sabia qual dos diversos ornamentos do cômodo fora, há um segundo, seu fiel amigo e servidor.

Assim, tudo que lhe restava era aceitar a tarefa impossível que lhe fora imposta, fazer as tentativas e arcar com as consequências.

“Não deve doer muito”, ela pensou, “afinal, não ouvi nenhum deles gritando ou chorando, nem mesmo os pobres oficiais. Pobre de mim! Será que um dia o tio Henry e a Tia Em vão saber que virei um ornamento no castelo do Rei Anão e que devo me manter imóvel e bela para sempre, sem sair do lugar — exceto quando me mexerem para tirar a poeira? Definitivamente, não foi o futuro que imaginei para mim, mas acho que não há saída.”

Ela andou por todos os cômodos e examinou com cuidado todos os objetos uma vez mais, mas eram tantos que a confundiam. Então, assim como Ozma, achou que aquilo não passava de adivinhação e que havia chances de acertar.

Timidamente, a garota tocou em uma tigela de alabastro e disse: “Ev”.

“Foi uma tentativa falha”, ela pensou. “Mas como vou saber o que está enfeitiçado e o que não está?”

Em seguida ela tocou na imagem de um gatinho roxo que estava em um canto, pronunciou a palavra “Ev”, e o gatinho desapareceu. Em seu lugar, apareceu um belo garoto loiro diante dela. Ao mesmo tempo, um sino tocou ao longe, e quando Dorothy deu alguns passos para trás, meio

surpresa e meio feliz, o garoto exclamou:

— Onde estou? Quem é você? O que aconteceu comigo?

— Puxa! — exclamou Dorothy. — Eu consegui!

— Conseguiu o quê? — o garoto perguntou.

— Escapei de virar um ornamento — respondeu a menina, rindo — e te salvei de ser um gatinho roxo para sempre.

— Um gato roxo? — ele repetiu. — ISSO não existe.

— Eu sei — ela respondeu. — Mas existia há um minuto. Você não se lembra de estar de pé em um canto do consolo da lareira?

— Claro que não. Sou príncipe de Ev, e meu nome é Evring — anunciou o pequeno com orgulho. — Contudo, meu pai, o Rei, vendeu minha mãe e os filhos para o cruel governante dos Anões, e depois disso não me lembro de nada.

— Não é de se esperar que um gato roxo se lembre, Evring — disse Dorothy. — Mas agora você voltou a ser o que era, e tentarei salvar alguns dos seus irmãos e irmãs, e quem sabe também sua mãe. Então, venha comigo.

A garota segurou a mão do garoto com firmeza e se pôs a correr para lá e para cá, tentando decidir qual seria o próximo objeto que escolheria. Ela tornou a errar na terceira tentativa, e também na quarta e na quinta.

O pequeno Evring não tinha ideia do que ela estava fazendo, mas a acompanhou com boa vontade, pois estava gostando daquela nova companhia. A tentativa seguinte de Dorothy também falhou. Passado, porém, o desapontamento inicial, a garota ficou muito feliz e grata ao pensar que afinal ela conseguira salvar um membro da família real de Ev e poderia reconduzir o pequeno príncipe ao seu país sofredor. Agora, quem sabe, ela poderia voltar em segurança até o terrível Rei Anão, trazendo com ela o prêmio que ganhara na pessoa do menino loiro.

Assim, ela voltou por onde tinha passado até achar a entrada do palácio e, ao se aproximar, as enormes portas de pedra maciça se abriram, permitindo a passagem de Dorothy e de Evring para a sala do trono.



BILINA
ASSUSTA
O REI ANÃO

Quando Dorothy entrou no palácio para fazer as tentativas, o Espantalho ficou com o Rei Anão, e eles permaneceram sentados em silêncio por muitos minutos. Então o monarca exclamou, satisfeito:

— Muito bom!

— Quem é muito bom? — o Espantalho perguntou.

— O homem-máquina. Agora não é preciso dar corda nele, já que se transformou em um ornamento bem legal. Bem legal mesmo.

— E Dorothy? — perguntou o Espantalho.

— Ah, ela já vai começar a tentar adivinhar — disse o Rei, animado. — Logo fará parte de minha coleção, e será a sua vez.

O bondoso Espantalho estava muito triste com a ideia

de que sua amiguinha teria o mesmo destino de Ozma e do resto do grupo; mas quando estava em seu devaneio melancólico, ouviu de repente um canto esganiçado:

— Cocó, cóóó! Cóóó! Cocó, cóóó!

O Rei Anão quase caiu do trono, de tão assustado.

— Minha nossa! O que é isso? — ele berrou.

— Ora, é Bilina — falou o Espantalho.

— Por que você está fazendo esse barulhão danado? — o Rei gritou furioso, enquanto a galinha amarela saía de sob o trono, pondo-se a desfilar garbosamente pela sala.

— Acho que tenho o direito de cacarejar — respondeu Bilina. — Acabei de botar um ovo.

— O quê? Botar ovo?! Na minha sala do trono?! Como ousa fazer isso? — perguntou o Rei, furioso.

— Boto ovos onde quer que eu esteja — disse a galinha, ajeitando as penas e colocando-as no lugar.

— Maldição! Você não sabe que ovos são um veneno? — rosnou o Rei, tão aterrorizado que os olhos cor de pedra se esbugalharam.

— Veneno?! Ora, ora — disse Bilina, indignada. — Vou mostrar para você que todos os meus ovos têm a garantia de serem extremamente frescos e da melhor qualidade. Veneno?! Era só o que me faltava!

— Você não entende — retrucou o pequeno monarca,

nervoso. — Ovos pertencem somente ao mundo de fora, ao mundo da superfície, de onde você vem. Aqui, no Reino Subterrâneo, eles são considerados veneno, como eu disse, e nós Anões não podemos suportá-los.

— Bem, você terá de suportar este aqui, porque eu acabei de botá-lo — declarou Bilina.

— Onde? — o Rei perguntou.

— Embaixo do trono — disse a galinha.

O Rei pulou dois metros no ar de tão ansioso que estava para sair do trono.

— Tire-o! Tire-o imediatamente! — ele gritou.

— Não posso — disse Bilina. — Não tenho mãos.

— Eu pego o ovo — disse o Espantalho. — Estou fazendo uma coleção dos ovos de Bilina. Tem um no meu bolso agora, o que ela botou ontem.

Ao ouvir isso, o monarca apressou-se em se afastar do Espantalho, que estava prestes a pegar o ovo, quando a galinha gritou de repente:

— Pare!

— O que foi? — perguntou o Espantalho.

— A menos que o Rei me permita entrar no palácio e fazer as tentativas como os outros, não pegue o ovo — disse Bilina.

— Ora! — o Rei retorquiu. — Você não passa de uma

galinha. Como pode adivinhar meus feitiços?

— Posso tentar, não? — Bilina falou. — E se eu falhar, você terá outro ornamento.

— E você seria um ornamento bonito, não acha? — respondeu o Rei. — Mas faremos do jeito que você quer. Será a justa punição por ousar botar um ovo na minha presença. Depois de o Espantalho ser enfeitado, você irá ao palácio. Mas como tocará nos objetos?

— Com as garras — disse a galinha. — E posso pronunciar claramente a palavra Ev como qualquer um. Além disso, quero ter o direito de adivinhar os encantamentos em meus amigos e soltá-los, se for bem-sucedida.

— Muito bem — disse o Rei. — Você tem minha palavra.

— Então, pode pegar o ovo — Bilina falou para o Espantalho.

Ele se ajoelhou, procurou embaixo do trono, achou o ovo e colocou-o no outro bolso do casaco, temendo que se os dois estivessem no mesmo pudessem se quebrar. Naquele instante um sino acima do trono tocou vigorosamente, e o Rei deu outro pulo de susto.

— Ora, ora! — ele disse, pesaroso. — A garota realmente conseguiu.

— Conseguiu o quê? — o Espantalho perguntou.

— Ela acertou uma tentativa e quebrou um dos meus

melhores feitiços. Maldição, isso não é nada bom. Nunca imaginei que ela fosse conseguir.

— Isso significa que ela vai voltar para cá em segurança? — perguntou o Espantalho alegremente, abrindo um largo sorriso na cara pintada.

— Claro — disse o Rei, andando de um lado para o outro na sala, muito mal-humorado. — Sempre cumprio minhas promessas, por mais idiotas que sejam. Mas farei um ornamento da galinha amarela para substituir o que acabei de perder.

— Talvez você faça, talvez não — murmurou Bilina calmamente. — Posso surpreendê-lo conseguindo adivinhar.

— Conseguindo adivinhar? — o Rei falou bravo. — Como conseguiria adivinhar, sendo que seus superiores falharam, sua idiota?

Bilina nem se preocupou em responder à questão. Logo depois, as portas se escancararam e Dorothy entrou, trazendo o pequeno príncipe Evring pela mão.

O Espantalho recebeu a garota com um abraço apertado, e também teria abraçado Evring, de tão animado que estava. Porém, o pequeno príncipe era muito tímido e esquivou-se do Espantalho, pois ainda não conhecia seus excelentes atributos.

Mas não havia muito tempo para os amigos

conversarem, pois agora chegara a vez do Espantalho entrar no palácio. O fato de Dorothy ter conseguido o encorajou, e os dois tinham esperança de que ele acertasse pelo menos uma tentativa.

Mas ele teve tanta sorte quanto os outros, exceto Dorothy, e embora tenha demorado bastante tempo para selecionar os objetos, o coitado do Espantalho não conseguiu acertar nenhum dos palpites.

Assim sendo, tornou-se um porta-cartão de ouro maciço — e o belo, porém tenebroso palácio, aguardava o próximo visitante.

— Acabou — o Rei observou, suspirando satisfeito. — E foi um espetáculo bem divertido, exceto pelo acerto da garotinha do Kansas. Estou mais rico com tantos belos ornamentos novos.

— Agora é a minha vez — apressou-se em dizer Bilina.

— Ah, tinha me esquecido de você — disse o Rei. — Mas você não precisa ir, se não quiser. Serei generoso e te dispensarei.

— Não — respondeu a galinha. — Insisto em poder fazer minhas tentativas, como você prometeu.

— Então vá, sua louca e tola “penosa”! — rosnou o Rei, fazendo com que as portas que davam acesso ao palácio se abrissem mais uma vez.

— Não vá, Bilina — falou Dorothy gravemente. — Não é fácil adivinhar quais são os ornamentos, e só a sorte me salvou de não me tornar um. Fique comigo, e voltaremos para a Terra de Ev juntas. Tenho certeza de que o pequeno príncipe nos abrigará.

— Com certeza o farei — disse Evring muito dignamente.

— Não se preocupe, querida — Bilina gritou, com um cacarejo que significava uma risada. — Posso não ser humana, mas não sou tola, mesmo sendo um frango.

— Oh, Bilina! — disse Dorothy. — Faz tempo que você não é um frango, pelo menos desde que cresceu.

— Talvez seja verdade — respondeu Bilina, pensativa. — Mas se um fazendeiro do Kansas me vendesse para outro, como ele me chamaria? Galinha ou frango?!

— Você não é um fazendeiro do Kansas, Bilina — retrucou a garota — e você disse...

— Esqueça, Dorothy. Estou indo. Não direi adeus, pois voltarei. Fique calma que logo nos veremos.

Em seguida, Bilina cacarejou bem alto várias vezes, o que parecia deixar o Reizinho gordo mais nervoso do que nunca, e marchou para a entrada do palácio.

— Espero que esta tenha sido a última vez que vi ESSA ave — declarou o monarca, sentando-se novamente no

trono e limpando o suor da testa com o seu lenço cor de pedra.

— Galinhas já são insuportáveis, e se ainda conseguem falar, são simplesmente terríveis.

— Bilina é minha amiga — falou Dorothy calmamente. — Às vezes ela não é lá muito educada, mas tem boas intenções, tenho certeza.



ROXO,
VERDE E
DOURADO

A galinha amarela, toda empertigada e com ares de grande importância, andou devagar sobre os suntuosos tapetes de veludo do esplêndido palácio, examinando tudo que via com os olhinhos penetrantes.

Bilina tinha todo direito de se sentir importante, já que era a única que sabia o segredo do Rei Anão, sabia distinguir os objetos que tinham sido transformados e quais sempre foram inanimados. Ela tinha certeza de que teria sucesso em todas as suas tentativas, mas antes de começar a fazê-las, ficou curiosa em admirar a magnitude do palácio subterrâneo, talvez um dos lugares mais esplendorosos e belos de qualquer terra encantada.

Conforme entrava nos cômodos, contava os ornamentos roxos e, apesar de alguns serem pequenos e estarem

escondidos em lugares esquisitos, Bilina encontrou os dez espalhados pelas diversas salas. Ela não se preocupou em contar os ornamentos verdes, pois imaginou que os encontraria quando chegasse o momento certo.

Finalmente, depois de fazer um levantamento de todo o palácio e ter admirado seu esplendor, a galinha amarela voltou para um cômodo onde tinha visto um grande escabelo roxo. Ela colocou uma das garras em cima dele e disse: “Ev”. Imediatamente o escabelo desapareceu e uma adorável senhora, alta, esguia e muito bem vestida, apareceu diante dela.

Por um momento os olhos da senhora refletiram um grande espanto, pois ela não se lembrava de sua transformação nem fazia ideia do que a tinha trazido de volta à vida.

— Bom dia, madame — falou Bilina, com voz esganiçada. — Você está muito bem, considerando sua idade.

— Quem está falando? — perguntou a Rainha de Ev, assumindo uma postura altiva.

— Ora, meu nome de verdade é Bill — respondeu a galinha, agora empoleirada no encosto de uma cadeira. — Se bem que Dorothy quis embelezá-lo, transformando o nome em Bilina. Mas o nome não importa. Eu a salvei do Rei Anão, e você não é mais uma escrava.

— Então, agradeço-lhe pelo generoso favor — disse a Rainha muito amavelmente. — Mas... e meus filhos, por favor, diga-me onde estão meus filhos? — pediu ela entrelaçando os dedos numa súplica aflita.

— Não se preocupe — falou Bilina, bicando um pequeno inseto que rastejava em cima do encosto. — Neste exato momento estão fora de perigo e totalmente seguros, pois nem ao menos podem se mexer.

— O que você quer dizer, amável desconhecida? — perguntou a Rainha, tentando manter a calma.

— Eles estão enfeitiçados — disse Bilina. — Assim como você estava. Todos, exceto um pequeno garotinho que Dorothy desencantou. E é bem provável que eles tenham sido bons meninos e meninas por muito tempo, já que não tinham como agir de outra forma.

— Oh, meus pobres queridinhos! — exclamou a Rainha, com um soluço angustiado.

— De modo algum — replicou a galinha. — Não fique triste com a condição deles, madame, porque logo farei com que eles estejam todos à sua volta, incomodando-a e atormentando-a como antes. Acompanhe-me, por favor, e vou mostrar como eles estão bem.

Ela voou de onde estava empoleirada e entrou na sala vizinha, seguida pela Rainha. Ao passar por uma mesa

baixa, um verde e pequeno gafanhoto chamou sua atenção. Na mesma hora, Bilina avançou sobre ele e o pegou com o bico afiado. Gafanhotos são a comida favorita das galinhas, e normalmente devem ser apanhados rapidamente, antes que pulem para longe. Seria o fim de Ozma de Oz se ela fosse um gafanhoto de verdade e não de esmeralda. Contudo, Bilina achou o gafanhoto duro e sem vida e, ao ver que não seria bom comê-lo, logo o soltou em vez de o engolir.

— Eu deveria saber — ela murmurou para si mesma —, onde não tem grama, não pode haver gafanhotos vivos. Esse com certeza é resultado de uma das transformações operadas pelo Rei.

Pouco depois, Bilina aproximou-se de um ornamento roxo e, enquanto a Rainha a observava curiosa, a galinha desfez um encantamento do Rei Anão, e uma doce garotinha, cujos cabelos dourados caíam como uma nuvem sobre seus ombros, apareceu diante delas.

— Evanna! — exclamou a Rainha. — Minha Evanna! — e apertou a garota contra o peito, cobrindo-lhe o rosto de beijos.

— Muito bom! — exclamou Bilina contente. — E sou ou não sou uma boa adivinha, senhor Rei Anão? Bem, acho que sim!

Depois ela quebrou o feitiço de uma outra garota, que

a Rainha chamou de Evrose, e em seguida de um menino chamado Evardo, mais velho que o irmão Evring. Na verdade, a galinha fez com que a bondosa Rainha ficasse soltando exclamações e distribuindo abraços por algum tempo, até que cinco princesas e quatro príncipes, todos muito parecidos exceto pelos diferentes tamanhos, ficassem enfileirados ao lado da mãe, que não cabia em si de tão feliz. As princesas se chamavam: Evanna, Evrose, Evella, Evirene e Evedna, e os príncipes: Evrob, Evington, Evardo e Evroland. Deles, Evardo era o mais velho, herdaria o trono do pai e seria coroado Rei de Ev ao retornar para seu país. Ele era um jovem tranquilo, sério, e sem dúvida governaria seu povo de forma justa e sábia.

Bilina, depois de ter devolvido toda a família real a sua forma original, começou a buscar os ornamentos verdes, que eram as pessoas de Oz. Ela teve pouca dificuldade em achá-los, e em breve os vinte e seis oficiais, assim como o soldado raso, estavam reunidos em torno da galinha amarela, parabenizando-a alegremente pela sua libertação. As trinta e sete pessoas vivas nos cômodos do palácio sabiam que deviam sua liberdade à esperteza da galinha amarela, e lhe agradeciam sinceramente por salvá-los da magia do Rei Anão.

— Agora — disse Bilina —, preciso achar Ozma. Ela

com certeza está aqui em algum lugar, e certamente é verde, por ser de Oz. Então, olhem em volta, soldados bobos, me ajudem a achá-la.

Por algum tempo, não acharam mais nada que fosse verde. Mas a Rainha, que beijara todos os nove filhos mais uma vez e agora tinha tempo para se interessar pelo que estava acontecendo, disse à galinha:

— Parece que, minha gentil amiga, é o gafanhoto que você procura.

— É claro, é o gafanhoto! — exclamou Bilina. — Ora essa! Sou quase tão burra quanto esses bravos soldados. Me esperem aqui, vou voltar para pegá-lo.

Então ela foi para a sala onde tinha visto o gafanhoto, e logo Ozma de Oz, tão adorável e delicada como sempre, entrou e aproximou-se da Rainha de Ev saudando-a como uma princesa de grande nobreza saúda outra.

— Mas onde estão os meus amigos, o Espantalho e o Lenhador de Lata? — perguntou a garota governante depois dos cumprimentos.

— Vou procurá-los — respondeu Bilina. — O Espantalho é de ouro maciço, assim como Tic-Tac; mas não sei exatamente como é o Lenhador de Lata, porque o Rei Anão disse que ele foi transformado em uma coisa engraçada.

Ansiosa, Ozma ajudou a galinha em sua busca, e logo

o Espantalho e o homem-máquina, sendo objetos de ouro reluzente, foram encontrados e restaurados à forma original. Porém, por mais que procurassem, não encontraram em lugar algum um ornamento engraçado que pudesse ser o Lenhador de Lata transformado.

— Só há uma coisa a fazer — disse finalmente Ozma. — Ir até o Rei Anão e obrigá-lo a nos dizer em que ele transformou o nosso amigo.

— Talvez ele não diga — interveio Bilina.

— Ele tem de dizer — retrucou Ozma, com firmeza. — O Rei não foi honesto conosco: fingindo ser justo, ele nos enganou, e ficaríamos enfeitiçados para sempre se a nossa amiga esperta e inteligente, a galinha amarela, não tivesse descoberto um jeito de nos salvar.

— O Rei é malvado — declarou o Espantalho.

— Sua risada é pior do que a carranca de qualquer um — disse o soldado raso estremecendo.

— Pen...sei que ele fosse ho...nesto, mas estava enganado — observou Tic-Tac. — Normal...mente, meus pensa...mentos são corretos, mas se algu...mas vezes dão errado ou não fun...ciono direito, a culpa é da Ferreiro & Funileiro.

— A Ferreiro & Funileiro fez um bom trabalho com você — disse Ozma gentilmente. — Acho que não deve ser

responsabilizada por você não ser absolutamente perfeito.

— Obrigado — respondeu Tic-Tac.

— Então — disse Bilina com sua vozinha enérgica —, vamos todos até o Rei Anão para ver o que ele tem a dizer em sua defesa.

Então caminharam até a entrada, Ozma indo na frente, seguida da Rainha e dos pequenos príncipes e princesas. Em seguida, vinham Tic-Tac e o Espantalho, com Bilina empoleirada no ombro recheado de palha. Os vinte e seis oficiais e o soldado raso vinham na retaguarda. Ao chegarem ao corredor, as portas se abriram diante deles, porém todos pararam e olharam, com caras de espanto e tristeza, a caverna em forma de cúpula. Isso porque a sala estava tomada pelos guerreiros do Rei Anão, todos portando armaduras e dispostos em fileiras, em formação militar.

Lâmpadas elétricas brilhavam acima das testas dos guerreiros, que empunhavam os machados de batalha em posição de combate como se fossem atacar os inimigos, embora permanecessem imóveis como estátuas esperando a voz de comando.

E no meio do exército assustador estava o pequeno Rei no trono de pedra. Agora, porém, ele não estava sorrindo nem gargalhando. Pelo contrário, a face estava tão distorcida de raiva, que metia medo.

o
ESPANTALHO
VENCE
A LUTA

Depois que Bilina entrou no palácio, Dorothy e Evring sentaram-se para esperar pelo sucesso ou fracasso da galinha, o Rei Anão ocupou o trono e, por algum tempo, fumou o comprido cachimbo, animado e de bom humor.

Então o sino acima do trono, que tocava quando um feitiço era quebrado, começou a bater, e o Rei exclamou, irritado:

— Pelas rochas rochosas!

Quando o sino tocou a segunda vez o Rei gritou com raiva:

— Que inferno!

E na terceira vez berrou furioso:

— Hipperraivus!! — Que deve ser uma palavra horrível, já que não sabemos o significado.

Depois disso o sino bateu muitas e muitas vezes; o Rei, porém, de tão enraivecido, não conseguia pronunciar palavras, saltou do trono e saiu pulando por toda sala enlouquecido, o que para Dorothy lembrava um boneco saltador. Quanto a ela, ficava eufórica a cada badalada do sino, pois anunciava o fato de Bilina ter transformado mais um ornamento em um ser vivo. Dorothy também estava surpresa com o sucesso de Bilina, pois não tinha ideia de como a galinha amarela conseguira adivinhar corretamente, em meio a todos aqueles numerosos e atordoantes objetos aglomerados nos cômodos do palácio. Depois de contar dez, e o sino continuar tocando, ela sabia que não só a família real de Ev, mas também Ozma e sua comitiva, estavam sendo restaurados à forma natural, e isso a deixou tão feliz que as cabriolas do irritado Rei só a faziam gargalhar de alegria.

Talvez o pequeno monarca não conseguisse ficar mais furioso do que já estava, mas a risada da garota quase o deixou histérico, e ele rosnou para ela como um animal selvagem. Assim, quando ele percebeu que todos os feitiços estavam prestes a ser quebrados, e suas vítimas próximas da liberdade, de repente correu à pequena porta que dava para a sacada e deu um assobio agudo para convocar seu exército.

Imediatamente o exército saiu marchando em fileiras pelas portas de ouro e prata e subiu uma escada sinuosa até a sala do trono, conduzido por um austero Anão, que era o capitão. Quando a sala do trono ficou completamente lotada, eles se organizaram em fileiras na enorme caverna subterrânea e ficaram parados até receberem as ordens seguintes.

Quando os guerreiros entraram, Dorothy foi para um lado da caverna, ainda segurando a mão do pequeno príncipe Evring, enquanto o grande Leão se agachava de um lado, e o enorme Tigre, do outro.

— Prendam a menina! — gritou o Rei ao capitão, e um grupo de guerreiros pulou para frente em obediência à ordem. Porém o Leão e o Tigre rosnaram ferozmente, mostrando seus poderosos e afiados dentes de forma tão ameaçadora, que os homens recuaram assustados.

— Não liguem para eles — gritou o Rei Anão. — Eles não podem saltar além do lugar onde estão agora.

— Mas eles podem morder aqueles que tentarem tocar na garota — disse o capitão.

— Darei um jeito nisso — respondeu o Rei. — Vou enfeitiçá-los novamente para não conseguirem abrir as mandíbulas.

Ele saltou do trono para fazer isso, mas no mesmo

instante o Cavalo de Madeira correu por detrás dele e deu no monarca gordo um poderoso coice com as duas patas de madeira traseiras.

— Oh! Assassinato! Traição! — berrou o Rei, que tinha sido lançado contra muitos guerreiros e estava muito machucado. — Quem fez isso?

— Eu! — rosnou o Cavalo de Madeira ferozmente. — Deixe Dorothy em paz ou te darei outro coice.

— Veremos! — respondeu o Rei, acenando com as mãos em direção ao Cavalo de Madeira e murmurando palavras mágicas. — ARRÁ! — ele continuou. — AGORA vamos ver se você consegue se mexer, sua mula de madeira!

Apesar do feitiço, porém, ele se mexeu; e partiu tão rápido em direção ao Rei, que o homenzinho gordo não conseguiu se esquivar.

BAFT-BUFT! As patas traseiras de madeira bateram contra o corpo redondo, e o Rei voou no ar e caiu na cabeça do capitão, que o deixou estatelar-se no chão.

— Ora, ora! — exclamou o Rei sentando-se e parecendo surpreso. — Por que será que meu cinturão mágico não funcionou?

— A criatura é feita de madeira — respondeu o capitão. — A sua mágica não funciona em madeira, sabe?

— Ah, me esqueci disso — disse o Rei levantando-se e

indo mancando para o trono. — Muito bem, deixem a garota em paz. De qualquer jeito, ela não pode fugir de nós.

Os guerreiros, que ficaram um tanto confusos com o incidente, se puseram em filas novamente. O Cavalo de Madeira trotou em direção a Dorothy e se postou ao lado do Tigre Faminto.

Nesse instante as portas que levavam ao palácio se abriram, e o povo de Ev e o povo de Oz apareceram. Estarrecidos, eles pararam diante dos guerreiros e do raivoso Rei Anão, que estava sentado no meio deles.

— Rendam-se! — berrou o Rei. — Vocês são meus prisioneiros.

— Sem essa! — respondeu Bilina, empoleirada no ombro do Espantalho. — Você me prometeu que se eu acertasse as tentativas, meus amigos e eu poderíamos ir embora em segurança. E você sempre cumpre suas promessas.

— Eu disse que você poderia sair do palácio em segurança — retrucou o Rei. — E talvez você possa, mas não pode sair de meus domínios. Vocês são meus prisioneiros, e eu os jogarei nas masmorras subterrâneas, onde as chamas vulcânicas brilham, a lava azulada jorra por todos os lados e o ar é mais quente que o inferno.

— Com certeza esse será meu fim — disse o Espantalho com pesar. — Uma única chama, azul ou verde, é suficiente

para me transformar em um monte de cinzas.

— Rendam-se! — exigiu o Rei.

Bilina sussurrou algo no ouvido do Espantalho, então ele sorriu e colocou as mãos nos bolsos do casaco.

— Não! — Ozma respondeu audaciosamente ao Rei. Em seguida, disse para o seu exército: — Avante, bravos soldados, e lutem até a morte pela sua governante e por vocês.

— Perdoe-me, suprema majestade Ozma — um dos generais respondeu. — Mas eu e meus irmãos oficiais sofremos de doenças do coração, e o mínimo de emoção pode nos matar. Se lutarmos, podemos ficar agitados. Não seria melhor para nós evitar esse grande perigo?

— Soldados não devem sofrer de doenças do coração — disse Ozma.

— Acho que soldados rasos não sofrem desse mal — declarou outro general, enrolando o bigode pensativo. — Se a vossa majestade desejar, ordenaremos ao nosso soldado raso que ataque aqueles guerreiros.

— Faça isso — Ozma respondeu.

— Em frente, marche! — todos os generais gritaram a uma só voz.

— Em frente, marche! — gritaram todos os coronéis.

— Em frente, marche! — gritaram todos os maiores.

— Em frente, marche! — gritaram todos os capitães.

E o soldado raso ergueu sua espada e avançou furiosamente em direção aos inimigos.

O capitão dos Anões ficou tão surpreso com a repentina ofensiva que se esqueceu de ordenar aos guerreiros que lutassem, fazendo com que os dez homens da primeira fileira, que estavam diante da espada do soldado raso, caíssem como soldados de brinquedo. Contudo, a espada não atravessava a armadura de aço, então os guerreiros apressaram-se em ficar de pé; nesse meio tempo, o soldado raso já havia derrubado mais uma fileira deles.

Então o capitão deu um golpe tão forte com o machado de batalha, que a espada do soldado raso se despedaçou e foi lançada para fora de seu alcance, e ele não pôde mais lutar.

O Rei Anão saiu do trono, forçou passagem entre os soldados e chegou à primeira fila, para poder ver o que estava acontecendo. Ao ficar diante de Ozma e seus amigos, porém, o Espantalho, como se motivado a agir pelo ato valoroso do soldado raso, sacou um dos ovos de Bilina do bolso direito da jaqueta e o lançou direto na cabeça do pequeno monarca.

Acertou em cheio no olho esquerdo, e o ovo espatifou-se, como acontece com os ovos, cobrindo o rosto, cabelos e barba com o conteúdo grudento.

— Socorro, Socorro! — gritou o Rei, lutando para remover o ovo com os dedos.

— Um ovo! Um ovo! Corram, salve-se quem puder! — gritou o capitão dos Anões em pânico.

E como correram! Os guerreiros foram caindo uns em cima dos outros ao tentarem escapar do veneno mortal do terrível ovo, e os que não conseguiram descer pela escada em caracol caíram da sacada na imensa caverna, derrubando os que estavam abaixo deles.

Enquanto o Rei ainda berrava pedindo ajuda, não restou nenhum de seus soldados na sala do trono, e antes que o monarca conseguisse retirar o ovo do olho esquerdo, o Espantalho jogou outro no olho direito. O ovo se quebrou e o cegou por completo. O Rei não podia fugir porque não conseguia ver para que lado correr, então ficou imóvel, uivando, gritando e berrando de medo, numa atitude vergonhosa.

Enquanto tudo isso acontecia, Bilina voou até Dorothy e, empoleirando-se nas costas do Leão, sussurrou ansiosa para a garota:

— Pegue o cinturão! Pegue o cinturão cravejado de joias do Rei Anão! Ele desafivela na parte de trás. Rápido, Dorothy, rápido!

o
DESTINO DO
LENHADOR
DE LATA

Dorothy obedeceu. Na mesma hora, correu para trás do Rei Anão, que continuava tentando tirar os ovos dos olhos, e num instante desafiou o esplêndido cinturão cravejado de joias e o levou com ela para junto do Tigre e do Leão, onde, já que não sabia o que mais fazer com ele, o prendeu em volta de sua fina cintura.

Naquele instante o Despenseiro Chefe apressou-se em pegar uma esponja e uma bacia de água e começou a limpar os ovos quebrados da cara do soberano.

Em poucos minutos, enquanto toda a comitiva continuava olhando, o Rei conseguiu enxergar novamente, e a primeira coisa que fez foi lançar ao Espantalho um olhar maldoso e exclamar:

— Você pagará por isso, seu idiota cheio de palha! Por

acaso não sabe que ovos são um veneno para os Anões?

— Mesmo? — disse o Espantalho — realmente parece que você não se dá bem com eles, embora eu me pergunte por quê.

— Eles são fresquíssimos e acima de qualquer suspeita — disse Bilina. — Você deveria ficar feliz em ganhá-los.

— Vou transformar todos vocês em escorpiões! — gritou o Rei, enfurecido, e começou a balançar os braços murmurando palavras mágicas.

Mas ninguém se transformou em escorpião, então o Rei parou e olhou para eles, espantado.

— O que está acontecendo? — ele perguntou.

— Ora, você não está usando seu cinturão mágico — respondeu o Despenseiro Chefe, depois de ter olhado com atenção o Rei de cima a baixo. — Onde ele está? O que fez com ele?

O Rei Anão apalpou a cintura, e a face cor de pedra ficou branca como giz.

— Sumiu — ele gritou, desesperado. — Sumiu, estou arruinado!

Dorothy naquele instante deu um passo à frente e disse:

— Majestade Ozma, Rainha de Ev, eu recebo vocês e o seu povo de volta à terra dos viventes. Bilina os livrou de

seus problemas. Agora vamos sair deste lugar terrível e retornar para Ev assim que possível.

Enquanto a garota falava, todos puderam ver que ela usava o cinturão mágico, e seus amigos comemoraram, acompanhando os “vivas” do Espantalho e do soldado raso. Porém o Rei Anão não os acompanhou. Ele rastejou de volta para o trono como um cão chicoteado e ficou ali lamentando amargamente sua derrota.

— Mas ainda não encontramos meu fiel discípulo, o Lenhador de Lata — Ozma disse para Dorothy. — E sem ele eu não quero ir embora.

— Nem eu — Dorothy respondeu imediatamente. — Ele não estava no palácio?

— Ele deve estar — disse Bilina. — Mas não tinha pista nenhuma para identificá-lo, por isso não consegui encontrá-lo.

— Vamos voltar aos cômodos. Tenho certeza de que o cinturão mágico vai nos ajudar a achar nosso velho amigo querido.

Então ela retornou ao palácio, cujas portas permaneciam abertas, e todos a seguiram, exceto o Rei Anão, a Rainha de Ev e o príncipe Evring. A mãe pegara o pequeno príncipe no colo e o estava afagando e beijando carinhosamente, pois ele era o caçula.

Mas os outros acompanharam Dorothy, e quando ela chegou ao centro do primeiro cômodo, acenou com as mãos, como vira o Rei fazer, e ordenou que o Lenhador de Lata voltasse ao seu formato original, qualquer que fosse sua forma atual. Como depois da tentativa nada aconteceu, a garota foi para outra sala e repetiu o que tinha feito, e também em todos os outros cômodos do palácio. Porém o Lenhador de Lata não apareceu em nenhum deles, e ninguém fazia ideia do objeto em que o amigo tinha sido transformado.

Eles voltaram tristes para a sala do trono, onde o Rei, vendo que haviam falhado, zombou de Dorothy dizendo:

— Você não sabe usar meu cinturão, então ele não te serve de nada. Devolva-o a mim e eu a libertarei, assim como a todos os que vieram com você. Quanto aos membros da família real de Ev, eles são meus escravos e devem permanecer aqui.

— Ficarei com o cinturão — disse Dorothy.

— Mas como você conseguirá escapar sem meu consentimento? — perguntou o Rei.

— Isso é muito fácil — a garota respondeu. — Só precisamos tomar o caminho pelo qual viemos.

— Ah, é só isso, é? — desdenhou o Rei. — Onde está a passagem por onde vocês entraram nesta sala?

Todos olharam em volta, mas não encontraram a passagem, pois há muito estava fechada. Mas Dorothy não desanimou. Ela acenou com a mão em direção ao que parecia ser a parede mais sólida da caverna e disse:

— Ordeno que a passagem se abra!

De imediato, a ordem foi cumprida, a porta surgiu, e a passagem simplesmente estava ali.

O Rei ficou estupefato e, todos os outros, muito animados.

— Ora, se o cinturão te obedece, por que não conseguimos achar o Lenhador de Lata? — perguntou Ozma.

— Não tenho ideia — disse Dorothy.

— Veja, garota — propôs o Rei, ansioso. — Dê-me o cinturão e eu lhe direi em que objeto o Lenhador de Lata se transformou, e será fácil encontrá-lo.

Dorothy hesitou, mas Bilina gritou:

— Não faça isso! Se o Rei Anão pegar o cinturão, ele nos fará prisioneiros, ficaremos sob seu domínio. Só conseguiremos sair deste palácio em segurança, Dorothy, se ficarmos com o cinturão.

— É verdade, Bilina — disse o Espantalho. — Mas tenho uma outra ideia, já que meu cérebro é maravilhoso: Dorothy deve transformar o Rei num ovo de ganso, se ele não for até o palácio e nos trazer o nosso amigo Nick Machadinha, o

Lenhador de Lata, que ele transformou num ornamento.

— Ovo de ganso! — exclamou o Rei horrorizado. — Que pavor!

— Bem, você será um ovo de ganso, a menos que nos traga o ornamento que queremos — declarou Bilina, num cacarejar alegre.

— Você mesmo viu que Dorothy consegue muito bem usar o cinturão mágico — acrescentou o Espantalho.

O Rei Anão pensou um pouco e terminou por aceitar, já que não queria virar ovo de ganso. Assim, foi ao palácio para pegar o ornamento em que o Lenhador de Lata tinha sido transformado, e todos esperaram seu retorno, muito ansiosos, pois queriam sair logo daquela caverna subterrânea e ver a luz do sol mais uma vez. Ao retornar, porém, o Rei Anão não trouxe nada com ele, exceto uma expressão intrigada e ansiosa.

— Ele sumiu! — ele disse. — O Lenhador de Lata não está em lugar nenhum do palácio.

— Você tem certeza? — perguntou Ozma, asperamente.

— Certeza absoluta — respondeu o Rei tremendo —, pois eu sei em que o transformei e onde ele estava. Mas ele não está lá, e, por favor, não me transforme em um ovo de ganso, pois fiz tudo o que pude.

Todos ficaram em silêncio por um instante, e em

seguida Dorothy disse:

— Não adianta mais punir o Rei Anão. Temo termos de ir embora sem o nosso amigo.

— Se ele não está aqui, não podemos salvá-lo — concordou o Espantalho com pesar. — Coitado do Nick! O que será que aconteceu com ele?

— E ele me devia o correspondente a seis semanas de trabalho! — disse um dos generais, enxugando as lágrimas com a manga bordada do casaco dourado.

Com pesar, decidiram voltar para a superfície sem o velho companheiro, e assim Ozma ordenou que comessem a transpor a passagem.

O exército foi na frente, seguido da família real de Ev, de Dorothy, de Ozma, Bilina, o Espantalho e Tic-Tac.

Partiram enquanto o Rei Anão, no trono, olhava para eles fazendo careta. Eles não imaginavam estar em perigo, até o momento em que Ozma olhou distraidamente para trás e viu um grande número de soldados vindo em seu encalço, a toda velocidade, com espadas, lanças e machados erguidos, prontos para atacar os fugitivos assim que estes estivessem a seu alcance.

Era evidente que o Rei Anão fez essa última tentativa para evitar que escapassem, mas isso não o ajudou em nada, pois quando Dorothy percebeu o perigo em que

estavam, acenou com a mão e sussurrou uma ordem para o cinturão mágico.

De imediato, os soldados da linha de frente transformaram-se em ovos e rolaram pelo chão da caverna, em tão grande número, que os soldados atrás deles não conseguiam avançar sem esmagá-los. Quando viram os ovos, porém, os guerreiros perderam a vontade de avançar, voltaram ensandecidos para dentro da caverna e se recusaram a sair novamente.

Nossos amigos não tiveram mais problemas para chegar ao fim da passagem e logo estavam bem diante da fenda sombria entre as duas montanhas altas. Mas o caminho para Ev estava livre diante deles, e eles desejavam ardentemente que aquela fosse a última vez que viam o Rei Anão e o seu terrível palácio.

O cortejo era guiado por Ozma, montada no Leão Covarde, e pela Rainha de Ev, montada no dorso do Tigre. Seus filhos vinham atrás, de mãos dadas. Dorothy montava o Cavalo de Madeira, enquanto o Espantalho, andando a pé, comandava o exército, na ausência do Lenhador de Lata.

Logo o caminho começou a clarear, e os raios solares penetravam mais entre as duas montanhas. Não demorou muito para ouvirem o TUM! TUM! TUM! do gigante da

marreta na estrada.

— Como passaremos pelo monstruoso homem de ferro? — perguntou a Rainha, preocupada com a segurança dos filhos.

Dorothy resolveu o problema dizendo apenas uma palavra para o cinturão mágico.

O gigante parou, com a marreta erguida imóvel no ar, permitindo assim que toda a comitiva passasse em segurança entre suas pernas de ferro.



O REI DE EV

Se houve alguma mudança, foi o fato de os Anões cor de pedra das montanhas agora estarem em silêncio e respeitosos, pois nossos aventureiros não foram incomodados, como antes, por sua risada atrevida. De fato os Anões não tinham motivo nenhum para rir depois da derrota do Rei.

No outro lado, encontraram a carruagem de Ozma onde a tinham deixado. Logo o Leão e o Tigre foram atrelados ao belo veículo, que tinha espaço suficiente para Ozma, a Rainha e os príncipes e princesas.

O pequeno Evring quis ir montado com Dorothy no Cavalo de Madeira, que tinha um longo dorso. O príncipe superara a timidez e começou a gostar muito da garota que o salvara. Eles logo se tornaram bons amigos e tiveram muitas conversas agradáveis na viagem. Bilina também

estava empoleirada no dorso do cavalo, que parecia não se importar nem um pouco com o peso extra. O menino ficou encantado com o fato de a galinha poder falar e dizer tantas coisas sensatas.

Ao chegarem ao abismo, o tapete mágico de Ozma os levou em segurança para o outro lado. Agora eles iam passando por árvores onde pássaros cantavam, e a brisa vinda das fazendas de Ev trazia um cheiro de flores e feno recém-cortado. Os raios de sol os banhavam por completo, aquecendo-os e retirando de seus corpos o frio e a umidade do Reino Subterrâneo dos Anões.

— Ficaria tão feliz se o Lenhador de Lata estivesse conosco. Estou muito triste de tê-lo deixado para trás — disse o Espantalho a Tic-Tac.

— Ele era um ótimo compa...nheiro — respondeu Tic-Tac. — Apesar do seu mate...rial não ser muito resis...tente.

— Ah, lata é um ótimo material — o Espantalho apressou-se em dizer. — E se acontecesse alguma coisa com o pobre Nick Machadinha, era fácil soldá-lo novamente. Além disso, ninguém precisava dar corda nele, e ele não parava de funcionar.

— Às vezes eu queria ser re...cheado de palha como você. É com...plicado ser feito de co...bre — disse Tic-Tac.

— Não tenho motivos para reclamar — respondeu o Espantalho. — Um pouco de palha nova, de vez em quando, me deixa tão bom como se fosse novo. Mas nunca poderia ser como o cavalheiro polido que era o meu pobre amigo desaparecido.

Pode acreditar que os príncipes de Ev e a Rainha-mãe ficaram muito felizes em rever seu querido país. E ao avistarem as torres do palácio, não puderam deixar de comemorar. O pequeno Evring, à frente de Dorothy, estava tão animado que tirou um estranho apito de lata do bolso e soprou, dando um apito agudo que fez o Cavalo de Madeira pular e empinar assustado.

— O que é isso? — perguntou Bilina, que foi obrigada a bater as asas para se manter em cima da cabeça do assustado Cavalo de Madeira.

— É o meu apito — disse o príncipe Evring segurando-o nas mãos.

Tinha o formato de um porquinho gordo, feito de lata e pintado de verde. O apito era o rabo do porco.

— Onde você pegou isso? — perguntou a galinha amarela, examinando com atenção o brinquedo com os seus olhos reluzentes e penetrantes.

— Ora, eu o peguei no castelo do Rei Anão e o coloquei no bolso, enquanto Dorothy fazia suas tentativas

— respondeu o pequeno príncipe.

Bilina riu ou pelo menos fez aquele barulho esquisito de cacarejo que servia como risada.

— É por isso que não consegui encontrar o Lenhador de Lata — ela disse. — E é por isso que o cinturão mágico não o fez aparecer e também por que o Rei não conseguiu encontrá-lo!

— O que você quer dizer? — Dorothy perguntou.

— Ora, o príncipe estava com ele no bolso — gritou Bilina, cacarejando novamente.

— Não estava não! — protestou o pequeno Evring. — Eu só peguei o apito.

— Bem, então observe — retrucou a galinha e, esticando uma pata, alcançou o apito e o tocou dizendo “Ev”.

ZUM!

— Boa tarde — disse o Lenhador de Lata tirando o chapéu de funil reverenciando Dorothy e o príncipe. — Acho que foi a primeira vez que dormi desde que virei de lata, pois não me lembro de termos saído do Reino dos Anões.

— Você foi enfeitado — respondeu a menina, lançando os braços em volta do velho amigo e o abraçando bem forte, cheia de alegria. — Mas agora já está tudo bem.

— Eu quero meu apito! — disse o pequeno príncipe começando a chorar.

— Quietos! — advertiu Bilina. — O apito não existe mais, mas você pode conseguir outro quando chegar em casa.

O Espantalho lançou-se nos braços do velho camara-da, de tão surpreso e feliz em revê-lo. E Tic-Tac apertou as mãos do Lenhador com tanto vigor que amassou seus dedos. Em seguida deram passagem para que Ozma pudesse cumprimentá-lo, o exército comemorou ao vê-lo, e todos estavam felizes e contentes.

Isso porque todos os que conheciam o Lenhador de Lata gostavam muito dele, e o seu retorno súbito, quando todos pensavam que o haviam perdido para sempre, foi de fato uma ótima surpresa.

Não demorou muito para o grupo chegar ao palácio real, onde uma multidão estava reunida para receber a Rainha e os dez filhos. Ouviam-se muitos gritos e aplausos, as pessoas jogavam flores em seu caminho, todos tinham um sorriso estampado no rosto.

Encontraram a princesa Langwidere no quarto cheio de espelhos, onde ela admirava uma de suas mais belas cabeças — uma com um cabelo castanho volumoso, olhos sonhadores amendoados e nariz em forma de noz. Ela ficou muito contente por se livrar das obrigações para com o povo de Ev, e a Rainha nobremente permitiu que ela ficasse com os quartos e o armário de cabeças para o resto da vida.

Então a Rainha levou o filho mais velho para a sacada, de onde se via a multidão reunida lá embaixo, e disse:

— Eis o seu futuro governante, o Rei Evardo XV. Ele tem quinze anos, tem quinze fivelas prateadas no casaco e é o décimo quinto Evardo a governar a Terra de Ev.

A multidão aclamou quinze vezes manifestando sua aprovação, e até alguns Rodantes que estavam lá prometeram obedecer ao novo Rei.

Então a Rainha colocou uma grande coroa de ouro incrustada com rubis na cabeça de Evardo e pôs um manto de arminho em seus ombros, proclamando-o Rei. Ele manifestou sua gratidão fazendo uma mesura a todos os seus súditos e se retirou para ver se achava um bolo na despensa real. A Rainha-mãe, que devia sua felicidade aos bons serviços de Ozma de Oz e de seu povo, Dorothy, Tic-Tac e Bilina, hospedou-os com todas as regalias; e naquela noite a galinha foi presenteada, em cerimônia pública, com um belo colar de pérolas e safiras, em sinal de reconhecimento do novo Rei.

A CIDADE DAS ESMERALDAS

Dorothy decidiu aceitar o convite de Ozma para voltar com ela para a Terra de Oz. Teria mais chances de voltar para casa partindo de Oz e não de Ev, e a garotinha estava ansiosa para voltar à terra onde vivera tantas aventuras incríveis. Àquela altura, o Tio Henry devia ter chegado, de navio, à Austrália. E como provavelmente tinha dado Dorothy como perdida, não iria se preocupar muito mais com a sobrinha se ela ficasse longe dele por um pouco mais de tempo. Portanto, ela iria para Oz.

A comitiva disse adeus ao povo de Ev. E o Rei prometeu a Ozma que sempre seria grato a ela e prestaria à Terra de Oz todo e qualquer serviço que estivesse ao seu alcance.

Em seguida aproximaram-se dos limites do perigoso deserto, e Ozma abriu o tapete mágico, que imediatamente

desenrolou-se o suficiente para que todos pudessem subir nele sem que ficasse muito apertado.

Tic-Tac, alegando ser o fiel seguidor de Dorothy porque lhe pertencia, recebera a permissão de juntar-se ao grupo e, antes de partirem, a garota deu corda em suas engrenagens, o máximo que pôde, e o homem de cobre avançou tão rápido quanto qualquer um deles.

Ozma também convidou Bilina para visitar a Terra de Oz, e a galinha amarela ficou muito feliz em ir para lugares onde novas vistas e paisagens a aguardavam.

Começaram a viagem pelo deserto de manhã bem cedo, e como só pararam tempo suficiente para Bilina botar seu ovo, antes do pôr-do-sol já avistavam as verdejantes encostas e as colinas cheias de árvores da bela Terra de Oz.

Chegaram às terras dos Munchkins, onde seu Rei os recebeu na fronteira dando as boas-vindas a Ozma com sinais de grande respeito; ele ficou muito feliz por ela ter retornado em segurança. Ozma governava o Rei dos Munchkins, o Rei dos Winkies, o Rei dos Quadlings e o Rei dos Gillikins, assim como esses governavam o próprio povo. E a governante suprema da Terra de Oz vivia numa maravilhosa cidade chamada Cidade das Esmeraldas, que lhe pertencia e ficava exatamente no centro dos quatro reinos da Terra de Oz.

O rei dos Munchkins os hospedou em seu palácio naquela noite, e na manhã seguinte rumaram para a Cidade das Esmeraldas, viajando por uma estrada de tijolos amarelos que levava direto para os portões incrustados de joias.

Em todos os lugares, as pessoas vinham saudar a querida Ozma e receber com alegria o Espantalho, o Lenhador de Lata e o Leão Covarde, de quem muito gostavam. Dorothy também se lembrava de algumas pessoas que a tinham acolhido com muito carinho da primeira vez que visitara Oz; todas ficaram muito contentes em rever a garotinha do Kansas, tratando-a com gentileza e fazendo-lhe votos de sucesso. Em um lugar onde pararam para descansar, Ozma aceitou uma tigela da mão de uma bela jovem que ordenhava vacas. Olhando para a moça com mais atenção, ela exclamou:

— Ora, você é a Jinjur, não é?!

— Sim, Alteza — respondeu Jinjur fazendo uma pequena reverência.

E Dorothy olhou atentamente aquela pessoa tão ativa, que antes havia reunido um exército de mulheres e tomado o trono da Cidade das Esmeraldas do Espantalho e até lutado contra o poderoso exército de Glinda, a feiticeira bondosa.

— Casei-me com um homem que possui nove vacas

— Jinjur disse a Ozma. — E agora estou feliz e contente, disposta a viver uma vida tranquila, sem me intrometer em assuntos alheios.

— Onde está seu marido? — Ozma perguntou.

— Ele está em casa, cuidando de um olho roxo — respondeu Jinjur, calmamente. — Esse homem tolo insistiu em ordenhar a vaca vermelha quando eu queria que ordenhasse a branca; mas ele não vai cometer esse erro novamente, tenho certeza.

Em seguida a comitiva partiu novamente e, depois de atravessar um grande rio numa balsa, passar por diversas casas de fazenda com formato de cúpulas e pintadas com uma cor verde muito bonita, chegaram a uma grande construção coberta de bandeiras e bandeirolas.

— Não me lembro dessa construção, o que é isso? — Dorothy perguntou.

— Essa é a Faculdade de Artes e Perfeição Atlética — respondeu Ozma. — Não faz muito tempo que mandei construí-la. O Sr. Besouro é o presidente, ela o mantém ocupado, e os jovens que a frequentam não estão em situação pior do que estavam antes. Sabe, aqui nesta terra há alguns jovens que não gostam de trabalhar, e a faculdade é um ótimo lugar para eles.

Agora eles já podiam avistar a Cidade das Esmeraldas

e o povo reunido para saudar a adorável governante. Havia diversas bandas, muitos funcionários e oficiais do Reino e uma multidão de cidadãos com roupas de passeio.

Deste modo a bela Ozma foi acompanhada por um majestoso cortejo até a cidade real, e a animação era tanta que ela precisava fazer medidas para direita e para esquerda o tempo todo, em resposta às saudações de seus súditos.

Naquela noite houve uma grande celebração no palácio real, a que compareceram as pessoas mais importantes de Oz. Jack Cabeça de Abóbora, mesmo um pouco passado, mas ainda ativo, leu um discurso parabenizando Ozma de Oz pelo sucesso de sua generosa missão de resgate da família real do reino vizinho.

Em seguida, cada um dos vinte e seis oficiais recebeu uma magnífica medalha de ouro cravejada de pedras preciosas; o Lenhador de Lata ganhou um novo machado cravejado de diamantes; o Espantalho, uma jarra de prata de pó cosmético. Dorothy foi presenteada com um belo diadema e foi nomeada princesa de Oz; Tic-Tac recebeu duas pulseiras com oito fileiras de esmeraldas cristalinas e brilhantes.

Mais tarde sentaram-se para deliciar-se com um esplêndido banquete, e Ozma colocou Dorothy a sua direita e Bilina, à esquerda, onde ela ficou em um poleiro de ouro e

comeu de uma bandeja cravejada de pedras preciosas. Em seguida, o Espantalho, o Lenhador de Lata e Tic-Tac sentaram-se diante de cestas com lindas flores, já que não precisavam de comida. Os vinte e seis oficiais estavam na ponta da mesa, na parte mais baixa, e foram servidos em travessas de ouro com capacidade para um bocado de comida.

Os mais ricos e importantes cidadãos da Cidade das Esmeraldas orgulhavam-se de servir esses famosos aventureiros e tinham a ajuda de uma animada serviçal chamada Jellia Jamb. O Espantalho beliscou as bochechas rosadas de Jellia, que ele parecia conhecer muito bem.

Durante o banquete, Ozma ficou pensativa e perguntou de repente:

— Onde está o soldado raso?

— Ah, ele está varrendo o quartel — respondeu um dos generais, ocupado em comer uma perna de peru. — Mas pedi que lhe dessem um prato com pão e melado, para ele comer depois de terminar o trabalho.

— Chamem-no aqui — disse a garota governante.

Enquanto esperava que essa ordem fosse cumprida, ela perguntou:

— Por acaso temos outros soldados rasos nos exércitos?

— Ah, sim — respondeu o Lenhador de Lata. — Creio

que são três no total.

Naquele momento o soldado raso entrou, batendo continência respeitosamente aos oficiais e à Rainha Ozma.

— Como é o seu nome, meu amigo? — a garota perguntou.

— Omby Amby — respondeu o soldado raso.

— Então, Omby Amby — disse ela. — Eu o promovo a Comandante Geral de todos os exércitos de meu reino, e principalmente de minha guarda pessoal e do palácio real.

— É muito caro manter tantos oficiais — respondeu o soldado, relutante. — Não tenho dinheiro para comprar uniformes.

— Você os receberá do tesouro real — disse Ozma.

Então deu-se ao soldado raso um lugar à mesa, onde os outros oficiais o cumprimentaram cordialmente, e o banquete alegre continuou.

De repente, Jellia Jamb exclamou:

— Não há mais nada para comer! O Tigre Faminto comeu tudo!

— Mas isso não é o pior — declarou o Tigre, com pesar.

— Em algum lugar, nem sei bem como, acabei perdendo o apetite!

Θ CINTURÃO MÁGICO DE DOROTHY

Dorothy passou muitas semanas felizes como hóspede de Ozma, que estava muito contente em poder agradar e orientar a garotinha do Kansas. Dorothy fez novos amigos e renovou as amizades antigas, e por onde andava se via entre pessoas queridas. Um dia, no entanto, sentada no quarto de Ozma, ela reparou em um quadro pendurado na parede com uma imagem que mudava constantemente: em um momento mostrava um campo, em outro, uma floresta, um lago ou um vilarejo.

— Que interessante! — ela exclamou depois de observar a mudança de paisagens por alguns minutos.

— Sim, essa é uma bela invenção mágica — disse Ozma. — Se eu desejar ver qualquer lugar do mundo ou qualquer pessoa que exista, basta expressar meu desejo, e ele se

mostrará na imagem.

— Posso usá-lo? — Dorothy pediu, ansiosa.

— Claro, querida.

— Então, quero ver a velha fazenda do Kansas e minha tia Em — disse a garota.

Na mesma hora a inesquecível casa da fazenda apareceu no quadro, e era possível ver com muita clareza a tia Em. Ela estava ocupada lavando louça próximo à janela da cozinha, e parecia muito bem e feliz. Todos os trabalhadores da fazenda estavam nos campos de colheita atrás da casa e, para a menina, o milho e o trigo pareciam em ótima fase de maturação. Na varanda lateral, o cachorro de Dorothy, Totó, dormia ao sol e, para sua surpresa, a velha galinha pedrês corria para lá para cá seguida por uma ninhada de doze novos pintinhos.

— Tudo parece bem em casa — disse Dorothy, suspirando aliviada. — E o que será que o tio Henry está fazendo?

Imediatamente o quadro passou a mostrar a Austrália, onde, em uma acolhedora sala em Sydney, tio Henry, sentado em uma poltrona, fumava cachimbo de raiz de roseira brava, todo compenetrado. Ele parecia solitário e triste, o cabelo bem branco, as mãos e as faces magras e gastas.

— Oh! — exclamou Dorothy ansiosamente. — É claro que o tio Henry não está melhorando nem um pouco, e isso

porque está preocupado comigo. Ozma, querida, preciso me encontrar com ele agora mesmo.

— Como? — perguntou Ozma.

— Eu não sei — Dorothy respondeu. — Mas podemos procurar Glinda, a bondosa. Tenho certeza de que ela nos ajudará e dirá como poderei encontrar o tio Henry.

Ozma concordou prontamente com o plano e mandou que o Cavalo de Madeira fosse atrelado a uma bela carruagem aberta verde e rosa. As duas garotas partiram para visitar a famosa feiticeira. Glinda as recebeu cordialmente e ouviu com atenção as palavras de Dorothy.

— Eu estou com o cinturão mágico, sabe? — disse a garotinha. — Se eu o afivelar na cintura e ordenar que me leve até o tio Henry, ele vai obedecer?

— Imagino que sim — respondeu Glinda, com um sorriso.

— Então — Dorothy continuou —, se eu quiser voltar para cá novamente, o cinturão vai me trazer?

— Nesse ponto você se engana — disse a feiticeira. — O cinturão só tem poderes mágicos quando está em terras encantadas, como a Terra de Oz ou a Terra de Ev. Aliás, minha amiguinha, o desejo se realizará se você usar o cinturão e desejar ir para Austrália encontrar seu tio, mas você não estará mais com o cinturão quando chegar ao destino.

— O que aconteceria com ele? — a garota perguntou.

— Se perderia, assim como os seus sapatos prateados quando você visitou Oz da outra vez, e ninguém mais os viu. Não parece ser uma boa ideia inutilizar cinturão mágico assim, não é mesmo?

— Então — falou Dorothy, depois de pensar um pouco —, darei o cinturão a Ozma, para ela usá-lo em seu país. E ela pode desejar que eu seja levada até o tio Henry sem perder o cinturão.

— Esse é um bom plano — respondeu Glinda.

Então elas voltaram para a Cidade das Esmeraldas, e no caminho decidiram que todo sábado de manhã Ozma procuraria Dorothy no quadro mágico, onde quer que ela estivesse. Caso ela visse Dorothy fazendo um determinado sinal, Ozma saberia que a garotinha queria visitar a Terra de Oz e, com o cinturão mágico do Rei Anão, desejaria na mesma hora que ela voltasse.

Depois desse acordo, Dorothy despediu-se de todos os amigos. Tic-Tac também queria ir para a Austrália, mas Dorothy sabia que o homem-máquina não tinha condições de trabalhar como empregado em um país civilizado, e era quase certo que seu maquinário não funcionaria de forma alguma. Então ela o deixou aos cuidados de Ozma.

Bilina, por outro lado, gostava bem mais da Terra de Oz

do que de qualquer outro lugar e recusou-se a acompanhar Dorothy.

— Os insetos e formigas que encontro aqui são os mais saborosos do mundo — declarou a galinha amarela. — E aqui há muitos. Então, ficarei em Oz até o fim dos meus dias, e devo dizer, Dorothy querida, que você é muito tola de voltar para aquele mundo estúpido e chato.

— Tio Henry precisa de mim — Dorothy disse, simplesmente. E todos, exceto Bilina, acharam que ela estava fazendo o certo em voltar.

Todos os amigos de Dorothy, tanto os antigos como os novos, reuniram-se em frente ao palácio para dar um triste adeus e para desejar-lhe uma vida plena e feliz. Depois de muitos apertos de mãos, Dorothy beijou Ozma mais uma vez e entregou o cinturão mágico do Rei Anão a ela dizendo:

— Agora, querida princesa, quando eu acenar meu lençinho, por favor, deseje que eu esteja com o tio Henry. Estou muito triste por deixar você, o Espantalho, o Lenhador de Lata, o Leão Covarde, Tic-Tac e todo mundo; mas eu também quero encontrar o tio Henry! Então, adeus.

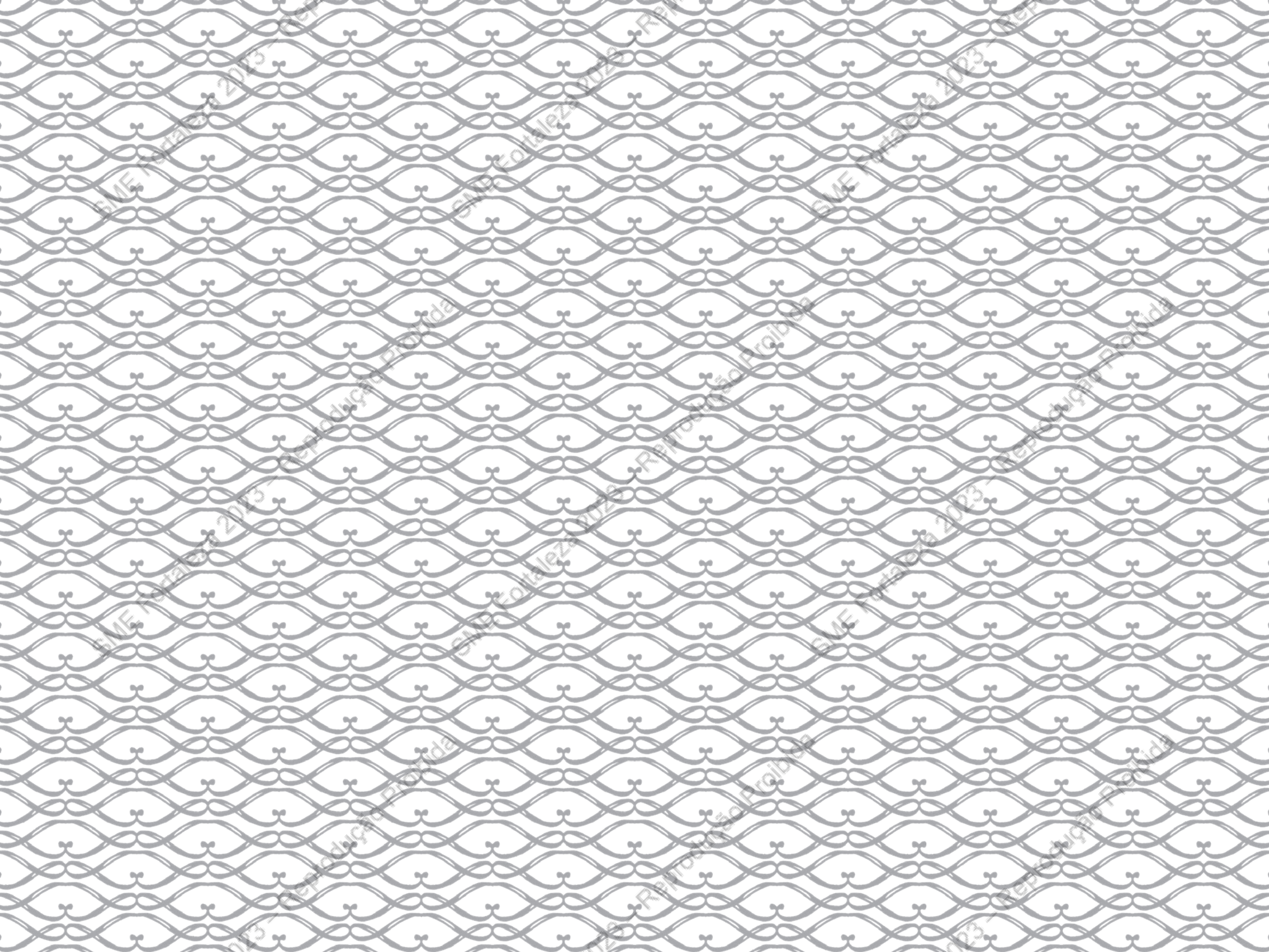
Assim a garotinha ficou sobre uma das grandes esmeraldas que decoravam o pátio e, depois de lançar mais um olhar aos amigos, acenou o lençinho.

— Não, eu não me afoguei — disse Dorothy. — Eu vim para ajudar e cuidar de você, tio Henry, e você deve me prometer que vai ficar bom o mais rápido possível.

Tio Henry sorriu, abraçou sua pequena sobrinha e tomou-a no colo, cobrindo-a de afagos.

— Já estou melhor, minha querida — ele disse.





L. Frank Baum nasceu em 1856, em Chittenango, nos Estados Unidos, e sempre se interessou pelo universo da escrita e do teatro. Trabalhou grande parte de sua vida como jornalista e ator, mas foi também lojista e vendedor de porta em porta.

Em sua vida, enfrentou grandes problemas financeiros, mas conseguiu, em 1897, publicar seu primeiro livro infantil *Mamãe Gansa em prosa* e, em 1899, *Papai Ganso*, que foi o *best-seller* infantil do ano.

Os livros para criança, até então, eram notadamente moralizantes, educativos e muitas vezes aterrorizantes, como os de Andersen e dos irmãos Grimm. Baum, no entanto, propôs-se a escrever histórias que, em vez de amedrontarem o leitor, tivessem a magia e a graça dos contos de fadas. Juntamente com Lewis Carrol e Mark Twain, ele é conhecido por escrever narrativas que, além de divertidas, têm crianças como protagonistas, facilitando a identificação do pequeno leitor com a história.

O sucesso de suas primeiras obras permitiu que ele publicasse, em 1900, um dos livros mais conhecidos da Literatura Infantojuvenil – *O Mágico de Oz*. Os leitores gostaram tanto, que persuadiram Baum a escrever uma continuação. Assim a série conta no total 14 livros. *A Maravilhosa Terra de Oz* é o segundo deles e *Ozma de Oz* é o terceiro deles.

Além disso, o autor escreveu outras dezenas de histórias infantis e colaborou com a adaptação do livro *O Mágico de Oz* para um espetáculo musical que, entre janeiro de 1903 e dezembro de 1904, foi apresentado na Broadway quase trezentas vezes.

Entre as várias outras adaptações do livro, a mais conhecida é a versão cinematográfica de 1939, feita pelo estúdio hollywoodiano Metro-Goldwyn-Mayer (MGM). O filme conquistou vários prêmios, inclusive duas estatuetas do Oscar.

SME Fortaleza 2023 – Rep
SME Fortaleza 2023 – Rep
SME Fortaleza 2023 – Rep

Elisa Zanetti nasceu em São Paulo, em 1985. Formou-se em Letras, habilitação em português/francês e respectivas literaturas pela Universidade de São Paulo. Foi coordenadora editorial das editoras Biruta e Gaivota por seis anos e há mais de dez anos faz traduções do inglês e do francês. Pela Biruta, traduziu os livros da série *Aventuras de Dragão*, *Sementes de cabanas encantadas*, entre outros.

SME Fortaleza 2023 – Rep
SME Fortaleza 2023 – Rep
SME Fortaleza 2023 – Rep

2023 – Reprodução Proibida
2023 – Reprodução Proibida
2023 – Reprodução Proibida

